

Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2010

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Raquel Timponi Pereira Rodrigues



Novos modos de leitura na cultura digital: ações de Incentivo à Leitura e Propostas de Adequação do Acervo da Biblioteca Nacional.

2010

SUMÁRIO

1. PREÂMBULO (NOTA DA AUTORA SOBRE O DECORRER DA PESQUISA)

2. INTRODUÇÃO: UM CONCEITO MAIS AMPLO DE LEITURA

3. PRÁTICAS DE LEITURA, O SUPORTE DO LIVRO E O APRENDIZADO COGNITIVO

3.1. O suporte livro na história e as práticas de leitura

3.2. Aprendizado cognitivo da leitura

4. CRISE NA EDUCAÇÃO TRADICIONAL X RUMOS DA APRENDIZAGEM

5. FORMAS MULTIMÍDIA: O LIVROCLIP E O AUDIOLIVRO

5.1. Os atos de leitura e interpretações

5.2. Estratégias multimídia de aprendizado

5.3. O livroclip

5.4. O audiolivro

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

7. BIBLIOGRAFIA

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIOS

ANEXO 2 - RELATÓRIOS

1. PREÂMBULO

(NOTA DA AUTORA SOBRE O DECORRER DA PESQUISA)

Esta pesquisa, inicialmente de nome “*Materialidade do livro tradicional e desafios da transformação digital: um diagnóstico das possibilidades de digitalização no acervo da Biblioteca Nacional*”, partiu da ideia de estudar a história da materialidade do livro e a relação dos suportes midiáticos com o corpo nos processos de leitura, desde o período de Gutenberg até os livros digitais. A finalidade era destacar as transformações dos suportes de leitura, levando em conta as novas formas de ler, a interação do corpo com o texto e sua relação com outros períodos de mudança ao longo da história, além das perspectivas e desafios em relação à digitalização de acervos.

Num primeiro momento, imaginava-se que a digitalização de acervos, cuja proposta a Biblioteca Nacional vem realizando aos poucos, pudesse contribuir para ampliar o acesso às obras para outras regiões do país, além de ampliar o hábito de consulta aos livros, numa perspectiva de inclusão digital e promoção do conhecimento, o que, nessa linha de pensamento, contribuiria para a inclusão social, uma vez que o hábito da leitura auxilia na formação de uma postura crítica e, a longo prazo, ajuda a promover a democracia. Projetos de digitalização de acervos estão presentes em bibliotecas de todo mundo, como na *World Digital Library*, na Biblioteca da Baviera, como também no *Project Gutenberg*, da Biblioteca de Harvard, comandado pelo historiador Robert Darnton.

No Brasil, existe uma série de *sites* com exposição de conteúdo digital, tais como os de apoio do governo, como no caso da Biblioteca Nacional Digital (<http://bndigital.bn.br>) ou como na parceria de digitalização de imagens da história da França (Biblioteca Nacional da França). Essa última realização parece fazer mais sentido, pela opção em digitalizar imagens raras da história do país para estarem acessíveis a pesquisadores, e não somente pela opção de reprodução dos livros impressos. Outros dois *sites* de downloads de livros digitais em pdf são o Ebookcult (www.ebookcult.com.br) e o *site* criado pelo governo, o Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br). Esse último disponibiliza online, gratuitamente, obras de escritores brasileiros, possui um banco de teses e dissertações, arquivos de imagens em parceria com museus de outros países, sons disponíveis, como hinos (pelo fato de

ser um *site* ligado a uma instituição pública) e vídeos para serem acessados (como vídeos em parceria com o Ministério da Educação para serem utilizados em sala de aula pelos professores, e como material didático para aprendizado dos alunos). Entretanto, vem passando por um período de crise e quase parou de funcionar, por ausência de consultas aos acervos. Foi feito um movimento no sentido de tentar não perder o investimento em informação da biblioteca digital, em uma campanha online de incentivo à leitura, realizada via emails. Esse exemplo só comprova o que se constatou ao longo da pesquisa sobre digitalização de acervos e quanto ao questionamento sobre o futuro do livro impresso, devido à emergência dos *ebooks*.

Portanto é importante não tomar caminhos exaltados a favor dos *ebooks* e da digitalização, em um pensamento integrado em relação à tecnologia como determinante para mudanças em relação ao livro tradicional. Tampouco um pensamento apocalíptico em relação ao futuro do livro, como alguns especialistas (Umberto Eco, Robert Darnton, Jean Claude Carrière, entre outros) debateram principalmente no ano passado, com o surgimento dos livros digitais, sobre a morte do livro impresso tradicional. Uma postura mais ponderada é adequada, uma vez que persistem as duas formas de leitura e, também porque uma mídia não acabará com a outra. Além disso, ainda é muito cedo para se falar dos livros digitais dominando o mercado ou na possibilidade de substituição dos impressos no Brasil. Isso porque poucas pessoas possuem suportes de leitura digital no país, pois são produtos relativamente caros, considerando a renda do brasileiro, além da falta do hábito na consulta de acervos em *softwares* digitais, excetuando-se o público de classe alta e média. E ainda assim, mesmo que a taxa de analfabetismo venha caindo a cada ano (a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* mostra que, entre 2000 e 2006, esse número caiu de 40.000.000 para 35.000.000 de brasileiros, considerando pessoas acima de 5 anos de idade), ainda são muitos os analfabetos no país e a falta de acesso ao computador e Internet e exclusão digital não permitem que essas pessoas tenham acesso à informação.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (figura 1), realizada pelo IBGE, apresenta panorama de acessos a alguns serviços relacionados às tecnologias:

Regiões	Total (1000) Domicílios	Telefone fixo	Internet	Computador	TV em cores
Brasil	49 828	49,1	31,5	39,3	97,2
Norte	3 210	27,5	16,3	24,5	95,6
Nordeste	11 373	29,0	19,0	24,1	96,0
Sudeste	23 830	61,1	37,6	46,0	98,2
Sul	7 606	53,4	37,5	47,4	97,3
Centro-Oeste	3 808	43,1	31,3	39,2	96,2

Figura 1 – Acesso a serviços relacionados à tecnologia.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Os dados do IBGE comprovam que há concentração dos recursos na região Sudeste do país e uma desproporção no Norte e Nordeste do país, regiões em que boa parcela da população não possui acesso a computadores e Internet, em especial as classes mais baixas, sem aparelhos digitais, além de não saberem utilizá-los, ou seja, não há inclusão digital.

Ao mesmo tempo, índices de pesquisas dos comitês e avaliações de diversos estudos financiados pelo governo, como o *Viva Leitura* (2005), *ProLer*, *Plano Nacional do Livro e da Leitura* (só para citar alguns, destacando *Retratos da Leitura no Brasil*), indicam que, apesar de o índice de analfabetismo ter diminuído, ainda persiste a falta de hábito de leitura.

Nos domínios da leitura e da escrita, instrumentos de avaliação como o SAEB ou o PISA têm revelado um baixo rendimento dos alunos. “O SAEB-2001 revela que 59% dos estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental ainda não desenvolveram as competências básicas de leitura, ou seja, não conseguem compreender os níveis mais elementares de um texto”, segundo dados do Relatório ProLer 2010.

“O PISA-2000, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos, reitera os dados mostrados pelo SAEB. O Brasil foi o último colocado na avaliação sobre o letramento em leitura obtido por jovens de 15 anos de 32 países industrializados naquele Relatório” (Idem).

Assim, o maior problema é o analfabetismo funcional, ou seja, o indivíduo que sabe ler, escrever e efetuar operações matemáticas simples, mas não consegue incorporar esses conhecimentos para o uso concreto em sua vida pessoal e/ou profissional. No caso da leitura não se trata de “mera decodificação e compreensão literal de textos escritos, mas a capacidade de o jovem compreender e utilizar textos de

naturezas distintas (jornal, revista, carta, livro)” e em diferentes contextos, de modo a utilizá-los para seu próprio desenvolvimento e da sociedade.

A aposta dessa pesquisa converge com a linha de psicólogos e educadores que explica que o fato de o brasileiro não gostar de ler é um problema que vem desde a escola, no processo de aprendizagem e na forma de alfabetização, em que, muitas das vezes, a leitura é obrigatória e não prazerosa.

Assim, nas formas de aprendizagem tradicionais há uma dissociação entre prazer e conhecimento, entre o entendimento sobre o que é aprender e os métodos de ensino, focados na transmissão de ideologias e inteligência racional. Como o processo de aprendizado da leitura é imposto, o prazer do texto se esvai. Esse problema não é uma questão de estrato social. Os alunos, mesmo nas escolas de classes média e alta, consideradas de excelente nível, de um modo geral, não se sentem atraídos pela leitura nem têm gosto pela escrita.

Por outro lado, já os jovens de um estrato social de classe alta e média, que possuem o hábito de navegar na Internet, acabam por complementar informações de livros de aventuras em jogos eletrônicos que exigem que conheçam dados de buscas arqueológicas, e dão conhecimento sobre pré-história, mitologia, tudo isso por meio de comunicação em rede e buscas de informação pela Internet, em ações de ler e escrever.

Aliada a essa ideia, em todos os debates sobre o livro digital, e de equipamentos como *suportes* para *ebooks*, são apontados casos de leitura numa experiência internacional, com um público norte-americano, em que o hábito de leitura é maior e cuja cultura já está mais inserida nos usos do computador e equipamentos eletrônicos já fazem parte do uso corrente no cotidiano.

No Brasil, apesar de as livrarias revelarem um aumento do índice de leitura de livros no setor dos *best sellers*, auto-ajuda, religião e ação-aventura, ao estilo “Harry Potter”, “Senhor dos Anéis” e “Crepúsculo”, principalmente na região Sudeste do país onde o acesso é maior e onde houve um aumento na qualidade de vida e do nível de instrução, ainda não se fala de um público expressivo leitor de livros digitais (via *Kindle*, *Ipad*, *Nook* e celulares). Ainda o maior uso de livros digitalizados é por arquivos em pdf, escaneados e disponibilizados em programas como *4shared*, *U-torrent*, e outras vias de compartilhamento de informação p2p, lidos no computador gratuitamente. Portanto, levando em conta esses fatores, apesar dos debates mundiais e discussões

sobre o futuro do livro em toda a Europa e América do Norte, ainda no Brasil esse processo é longo e não envolve todas as classes sociais, já que não há a promoção da leitura como hábito consolidado culturalmente por grande parte da população brasileira.

Os atuais livros brasileiros vendidos para leitura em suportes de leitura digital, além do computador e celular, apesar de possuírem algumas particularidades, como o fácil acesso aos capítulos via *click* ou *touch*, ferramentas de busca de palavras-chave ou marcadores de texto e espaço para anotações, estão, em sua maior parte, disponíveis em língua estrangeira, o que é mais um fator para dificultar o acesso à leitura. A Distribuidora de Livros Digitais do Brasil (DLD), uma reunião de diversas editoras conhecidas e conglomerados de livrarias brasileiras para a transposição dos livros impressos para a plataforma digital, começou a realizar seus serviços em 2010, porém mantendo um formato semelhante ao dos arquivos em pdf, isto é, sem utilizar recursos específicos e potencialidades do suporte digital, como, por exemplo, a possibilidade de colocação de vídeos que ilustrem a história de um país, animações com explicações científicas, infográficos mais didáticos, entrevistas e arquivos em áudio mesclados ao produto impresso ou ao texto presente visualmente em linhas como no formato da folha de papel.

A falta de utilização de recursos próprios, que poderia ser um atrativo para a leitura, soma-se à baixa qualidade do material disponibilizado em bibliotecas em regiões mais afastadas dos grandes centros econômicos do país, com livros desatualizados e em locais que o acesso à informação é tão elevado quanto no Sudeste (onde há concentração dos investimentos de empresas privadas e órgãos públicos). Assim, antes de se classificar a digitalização como processo possível de inclusão, no decorrer da pesquisa se chegou à conclusão de que primeiro é imprescindível e há que se pensar, num primeiro momento, nas formas de promoção à leitura. Por isso, ao invés de se tratar questões como a digitalização dos livros e produtos como *ebooks* e sua relação com os livros impressos tradicionais, assim como pregam alguns estudiosos em relação à morte ou persistência do livro, não parece um caminho de pensamento tão aplicável no Brasil, visto que ainda em muitas regiões não há distribuição do acesso à Internet ou ao computador.

Devido a isso, há atualmente uma preocupação da sociedade, do governo e do setor privado em atuarem cada vez mais, no sentido de ampliar o acesso aos livros e

fomento às práticas de leitura. Surgem propostas de incentivo à leitura de disponibilizar aparelhos para as salas de aula do futuro, sejam lousas eletrônicas, métodos de aulas em vídeo, audiolivros, livrocklips. Em meio a essas preocupações de órgãos diferenciados para o estudo dos hábitos do brasileiro estão as que dizem respeito ao desenvolvimento do país e na forma de incentivo à leitura, pela disponibilização de conteúdo de livros como promotor da cultura, educação e democracia. A pesquisa já realizada pelo governo observou que as influências socioculturais interferem nos hábitos de leitura. Em continuidade à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), é imperativo realizar uma análise de ações que possam fortalecer os atrativos e mudar o comportamento do brasileiro em relação à leitura.

Não existem pesquisas voltadas para formas de novos atrativos e de análise das ferramentas que levem em consideração a cultura fragmentar e o comportamento multitarefa dos jovens usuários que também se tornaram produtores, colaboradores de conteúdo. Por isso, se é levado a pensar que os hábitos de leitura tradicionais, mais passivos, não têm atraído a maioria do público brasileiro (segundo pesquisa realizada pelo *Pró-livro*, 34% dos brasileiros não lêem por desinteresse, 54% por falta de tempo e 19% por falta de dinheiro¹). Há, portanto, necessidade de adequação e de aproximação e de foco de interesse para esse público, que tem por rotina, em tempo livre, consumir mídia televisiva (77%) e música (53%).

O IPEA, por sua vez, possui uma pesquisa de aparelhos por domicílios num comparativo de 2005 com 2009, em que a televisão e o rádio ainda são as mídias de maior utilização pela população brasileira, o que reitera a importância de utilização de estratégias que favoreçam os hábitos do cotidiano nos momentos de lazer (figura 2).

¹ Dados divulgados no resultado da pesquisa de 2007 sobre *Retratos da Leitura do Brasileiro*. Pesquisa encomendada pelo Instituto *Pró-Livro* ao Ibope Inteligência, resultado da segunda fase (na primeira fase, foi realizada uma pesquisa de amplitude nacional, a fim de medir a percepção da população sobre as práticas e acesso à leitura; já a segunda, foi realizada na América Latina, em comparação dos hábitos de leitura do Brasil com demais países desenvolvidos e emergentes, o que ampliou o *corpus* de análise de 49% da população brasileira da primeira fase para 92,3%).

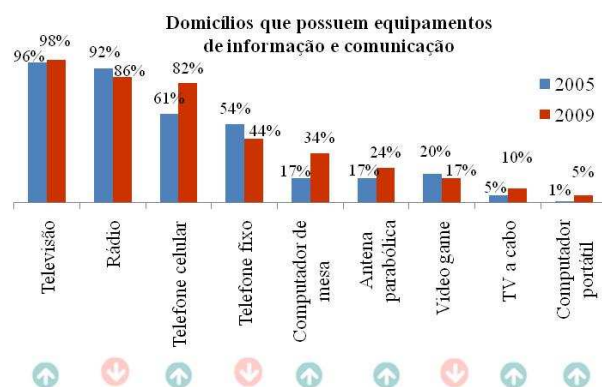


Figura 2 – Comparativo na aquisição de equipamentos relacionados às TIC's por domicílio.
Fonte: IPEA, 2009. Elaboração com base no portal de notícias G1.

Apesar do crescimento do uso de computador portátil, da TV a cabo e do expressivo aumento do uso de aparelho celular, que significam a relevância das Tecnologias da Informação e Comunicação, esse índice, num montante geral da população brasileira ainda representa um porcentagem pequena.

Há, com isso, que ser feita uma pesquisa paralela na área educacional para avaliar as habilidades do processo educacional, visto que há aí um problema de má formação dos costumes necessários à leitura, algo que reflete a base e em hábitos culturais do país (ainda nessa pesquisa foram divulgados que os 17% da população lêem muito devagar, 7% não compreendem o que lêem e 11% não têm paciência para a leitura, ou não têm concentração 7%), o que revela, mais uma vez, a fragilidade no processo educacional (Cf. AMORIM, 2008, p. 13).

Por essas razões é essencial avaliar as formas de ação, em tentativa de atrair interesse para o conteúdo e diferentes mídias nos processos de leitura, além de promover o costume e acesso aos conteúdos. Por isso, a opção pela análise de ferramentas que utilizem por base mídias habituais ao uso do brasileiro, como o audiovisual e o áudio e música, como forma de verificar se essas práticas mais cotidianas construirão valor e afeto e atrairão para hábitos de leitura. Por isso, a escolha do *site* LivroClip e de sua estética condiz com o veículo audiovisual e influência da propaganda, do vídeo, de instalações à base de dados e informações (jogadas num *software* para reprodução de trechos dos livros clássicos da literatura brasileira), além da influência de outros formatos como o cinema (*livrotrailers*), jogos (*livrogames*) *games*, *shows*, DVD, como maneira de promover o acesso à cultura e de provocar o interesse pelas obras. A outra opção, do formato de audiolivros, foi realizada pelo alto

número de pessoas que têm como segundo item do *ranking* de prioridades, num momento de lazer, escutar música. O arquivo sonoro possibilita uma maior mobilidade das pessoas em transportes públicos, além da possibilidade de ampliar o acesso para cegos, ou de quem não seja alfabetizado. Analogamente, essas duas ações podem ser adaptadas às outras empresas, editoras, ou mesmo bibliotecas, como forma de atrativo, curiosidade dos acervos públicos, entre outros.

Como a Internet e as mídias digitais são veículos de comunicação usados majoritariamente por uma população jovem, este projeto surge da necessidade de se buscar um aprofundamento teórico conceitual e empírico para desvendar as principais questões relacionadas à aproximação do público e à consolidação de hábitos de leitura. É necessária a investigação do processo de construção de uma nova linguagem e do aprendizado para aparelhos digitais de leitura. A importância desse estudo corrobora-se pela formação de novo público leitor e pela questão da mistura de linguagem de diversas mídias, já que os estudantes serão os leitores de amanhã e diariamente recebem excessos de mensagens que abordam suas sensorialidades.

Portanto, a hipótese dessa pesquisa é que parece estar ocorrendo um processo de ressignificação do conceito de leitura, já que a cultura é modificada com a digitalização. Estão nesse momento em fase de teste os atrativos para divulgação do livro que envolvem transformações em uma leitura maior. Questões, como por exemplo, que ações poderiam orientar o mercado, editores, livreiros e bibliotecas para promoção do acesso aos conteúdos?, estão movendo as análises dos questionários com o público.

Portanto, para isso, pretende-se realizar uma análise dos recursos midiáticos utilizados como incentivo às práticas de leitura, devido aos hábitos diferenciados de uma cultura digital, focando no audiolivro e livroclipe. Como objetivo específico programado, realizou-se o levantamento da bibliografia da história do livro e dos processos de leitura em contato com o corpo, no acervo da biblioteca. Porém, com o decorrer da pesquisa, notou-se que esse tipo de foco histórico muito aberto deixaria o trabalho muito amplo. Por isso optou-se por considerar os aspectos históricos que consideram as práticas de leitura em suas diferentes transformações, devido às mudanças e novos dispositivos tecnológicos até o livro digital.

Como parte da divulgação científica e o ensino, ao invés de se produzir um resumo do material coletado e analisado e criação de fascículos de livretos informativos

e de capacitação de professores como era objetivo inicial da pesquisa, optou-se por produzir um material feito pela comunidade para ser utilizado como elemento didático em sala de aula para o despertar do interesse das pessoas para a leitura dos clássicos da literatura.

Após entrevista com o funcionário Luís, mediador da Biblioteca Parque de Manguinhos, surgiu a ideia da presente pesquisadora realizar uma oficina no espaço que envolvesse narrativas digitais e promovesse o envolvimento da comunidade nas estratégias de atrativo para a leitura, como a produção de livroclipes feitos pela própria comunidade e de audiolivros. Resolveu-se buscar parceiros para a implantação da oficina, além do já existente grupo Narrativas Digitais e Música e Letra, do Laboratório *PalavraLab* da Biblioteca Parque de Manguinhos, voltado especificamente para o desenvolvimento de linguagens nas diversas formas de produção textual. Assim, foi feito contato para a parceria de uma ONG, o site www.livroclip.com, e marcada uma reunião com o diretor do *Canal do Livro* de São Paulo, Luiz Chinan, o qual demonstrou muito interesse em firmar parceria com esse projeto, através da concessão de material, edição e divulgação em site dos trabalhos de livroclipes produzidos pela comunidade de Manguinhos na oficina da Biblioteca Parque, que será comandada pela autora dessa pesquisa. Foi escrito um projeto paralelo e entregue à Biblioteca Parque para a implantação da oficina. Assim, essa opção mostrou ser mais viável que a parceria para a publicação dos fascículos de livretos informativos como resultado da pesquisa.

O material será produzido pela comunidade em oficina a ser ministrada no mês de agosto, em parceria com o *Canal do Livro* e site www.livroclip.com, em acordo já firmado com a Biblioteca Parque de Manguinhos e que será divulgado no site livroclip, com créditos para a Fundação Biblioteca Nacional e Biblioteca Parque de Manguinhos, e ser, posteriormente, utilizado como material didático por outras escolas da rede pública de ensino em todo o país, segundo distribuição do site livroclip.

O contato com a Biblioteca Parque de Manguinhos foi iniciado por meio de uma entrevista no ano de 2010, com a então coordenadora da Casa de Leitura, Ira Maciel. Posteriormente foi realizada uma entrevista com a Secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Vera Saboya, responsável pela Biblioteca Parque de Manguinhos. A pesquisadora desse projeto também esteve presente na Biblioteca Parque e conversou com os funcionários de cada setor (Multimídia – DVD, *games*, música disponíveis para

empréstimo; Sala de Leitura – de acervo de livros atuais, especializados de diversas áreas profissionais; Sala de Braile – com material também em áudio para as pessoas que não sabem ler em braile; Salão de livros para empréstimo – que incluem livros de coleção de cinema e arte a revistas em quadrinhos, livros infantis e *best sellers*; e oficinas que ocorrem com o público - como a de percussão, hip hop, grafite, dança de salão, narrativas digitais, que visam a promover o atrativo do acesso ao acervo local). Quanto à oficina, profissionais da biblioteca se mostraram disponíveis para auxiliarem a pesquisadora nos trabalhos com as crianças e público da comunidade (contadores de história, percussionistas, fotógrafo, entre outros). Os questionários de alunos e público da biblioteca (Anexo 1-1) serão aplicados no primeiro dia da oficina, a ser realizada em dois finais de semana do mês de agosto (sábado e domingo) de 2011. Quanto ao segundo público da aplicação dos questionários (Anexo1-2), foi realizado o contato com duas pessoas (Gabriela Dutra Gibrail e Ana Beatriz Hernnampérez), da Casa Azul, em Paraty, além de ter sido encaminhado o documento para a coordenadora geral da Flip 2011, Josephine Bourgeois, aplicá-lo em público especializado. E também realizado o contato com a Secretaria do Estado /RJ para a liberação da aplicação e teste com uma turma de primeiro grau sem contato prévio com incentivos do governo à leitura, visando a estabelecer diferenças de olhares e o cruzamento desses dados de públicos diferenciados. Os resultados estarão disponíveis para a Biblioteca Nacional posteriormente e serão entregues por escrito para a Coordenadoria de Pesquisa, quando finalizados.

Essa proposta de oficina contribui para o diálogo entre os públicos aluno/professor, já que o problema da crise da Educação nos moldes tradicionais coloca a importância de se estabelecer diretrizes que considerem essa relação do professor com o aluno, sendo o professor o mediador do processo, promotor de afeto entre o aluno e a leitura, assim como é destacada a importância da família no processo (como indica a pesquisa *Retratos de Leitura do Brasil 2007*, em que 49% das pessoas que lêem tiveram como incentivo a mãe, 33% a professora e 30% o estímulo do pai). As atividades práticas mostraram-se essenciais para aproximar realidades do mundo e para a promoção do interesse aos conteúdos dos livros. Por isso, a opção pela realização de oficina junto à comunidade que envolvesse crianças no processo de produção de *trailers* de livros e de interpretação de personagens de histórias de seus livros favoritos, como

forma de promover certo incentivo à leitura, de despertar a curiosidade desse público desabitado ou desinteressado com o mundo da leitura tradicional.

Na Biblioteca Modelo, a Biblioteca Parque de Manguinhos, foram testados três leitores digitais nacionais junto à comunidade, e como eram muito lentos (primeiros aparelhos digitais de marca brasileira), não tinham uma aceitação e uso muito grande por parte da comunidade. Por isso não foi escolhido apresentar questões referentes ao livro digital como produto final, visto que o assunto concernente às polêmicas e tensões, entre o livro tradicional impresso X livro digital, foi bastante trabalhado em congressos da área da educação literária, leitura - foi o tema central da *Flip* do ano passado, também discutido na Bienal do Livro de São Paulo, além de ter atraído pesquisadores renomados do campo da História do livro (Robert Darnton), Biblioteconomia (Palestra sobre Biblioteca da Baviera – digitalizada), entre outras realizadas na própria Biblioteca Nacional, em livros-entrevista de autores renomados, como Jean Claude Carrière e Umberto Eco (*Não contem com o fim do livro*) ou no discurso principal de eventos comemorativos, como o aniversário de 200 anos de fundação da Biblioteca Nacional.

Ainda cabe destacar que se tem conhecimento do problema da concentração dos esforços em educação e cultura no Sudeste do país e que os demais Estados estão prejudicados em termos de exclusão digital, leitura e investimentos, o que ocasiona desproporções nas análises relacionadas aos hábitos de leitura em diferentes regiões do país. Porém, optou-se por delimitar, num primeiro momento da pesquisa, a análise no Estado do Rio de Janeiro, pois para a aplicação dos questionários em outros Estados, após uma conversa com a coordenadora da Casa de Leitura/*Proler*, Ira Maciel, constatou-se ser difícil realizar uma pesquisa em parceria com todos os comitês do *Proler*, em rede, devido à necessidade da logística de ter uma pessoa para a aplicação dos questionários (visto que os professores das redes públicas já possuem uma elevada demanda de trabalho e que a pesquisadora seria quem aplicaria os questionários nas escolas). Esse fato inviabilizou, no presente estágio da pesquisa, a movimentação e integração do teste em demais Estados do Brasil.

A oficina com as crianças da comunidade de Manguinhos que frequentam a Biblioteca Parque da região, de livroclipes do acervo de literatura pretende envolver a comunidade e despertar o interesse para a atividade posterior da leitura. Essas práticas podem ser utilizadas em formas de promoção do acesso ao acervo na Biblioteca

Nacional, ou em parcerias com escolas num futuro projeto que aconteça na própria sede da FBN, como acontece com o programa *Quarta às 4*. Se comprovado que a oficina promove o incentivo à leitura, talvez os livroclipes possam ser uma opção de consulta aos acervos, instrumento de acessibilidade pelo audiovisual. Objetiva-se também a conscientização da ideia da Fundação Biblioteca Nacional como um espaço aberto para atividades junto à população, promovendo, pela participação e envolvimento, o incentivo à leitura.

2. INTRODUÇÃO: UM CONCEITO MAIS AMPLO DE LEITURA

Na atualidade, emergem questões relacionadas aos modos de leitura, afetados pela mídia e tecnologia, na cultura digital, o que ocasiona um aumento da rapidez do acesso à informação. Nesse cenário, os jovens da nova geração, educados sob a luz das mídias entre as telas do computador de funcionalidades simultâneas, parecem sinalizar o aprendizado de um modelo de leitura mais fragmentar. Assim, é necessário investigar

como as práticas cotidianas estabelecem novas relações com os modos de ler e de que maneira modificam as relações socioculturais.

Há um desafio de se pensar no conceito de leitura que parece ter se ampliado na contemporaneidade, devido às influências da cultura das mídias digitais nos processos de atividades e práticas do cotidiano.

Ao longo da história, várias ciências, como a Semiologia, o Estruturalismo, o Formalismo Russo, a Linguística e a Semiótica, se ocuparam da tentativa de classificação dos tipos possíveis de texto narrativo e em estabelecer normas linguísticas² para seus discursos. Entretanto, assim como a língua se modifica ao longo do tempo (há a transformação da gramática pelo uso), os gêneros narrativos e outras características técnicas se modificam a cada época, já que as regras são regidas de acordo com a sociedade e sua cultura.

Dessa forma, abre-se espaço para a criação de sistemas secundários, que alteram as características iniciais e promovem uma nova articulação da linguagem para além das catalogações dos tipos narrativos em uma gramática. Esse é o espaço da literatura, sem vínculos com o significado, em que a linguagem cresce sem começo e sem fins preestabelecidos, é devir, em ruptura com a ordem e com a razão.

Diversas teorias almejam formalizar os processos de transposição das regras e códigos linguísticos. Foucault (1966), em *As palavras e as coisas*, explica que isso se deve à cultura Ocidental, que tem por hábito estabelecer classificações por analogias, similitudes ou identidades, na tentativa de dominar a incerteza, obter o controle das ideias. Assim, enquanto a tradição do Ocidente cria regras e ordem, a literatura não se rende, escapa, transborda a ordem, abre uma “fenda no guarda-chuva” deleuziano que representa as regras, conceitos, dualismos e fórmulas exatas e protege contra o imprevisível, o desconhecido, as ambiguidades e paradoxos, o inacabamento, a fluidez, o labirinto, o devir.

² São exemplos: a narratologia de Gérard Genette, a estrutura linguística (semântica), o discurso (Greimas) ou a significação (teoria mimética de Paul Ricoeur), a linguística, de Beveniste, e os estruturalistas Roland Barthes (1966) e Tristan Todorov (1971). Os estruturalistas irão privilegiar o eixo sintagmático (morfologia de Propp e Bremond) ou o paradigmático (Greimas e Lévi-Strauss). Já o estudo moderno da narrativa começa com os formalistas russos, que posteriormente influenciarão o cinema russo (PARENTE, 2000, p. 51).

Assim, com a desmaterialização do texto, não se pretende adotar na palavra leitura uma postura normativa, confinada nas formas tradicionais de texto corrente, em encadeamento temporal, composta por letras puras e imagens. Ainda que se considere o processo de plurissignificação das palavras no campo da literatura, com a função de “furar o guarda-chuva” das classificações sedimentadas no estruturalismo ou de proposições da metafísica, como já apontava Gilles Deleuze (1992), ou na dubiedade de interpretações, relatada por Michel Foucault (1966) ao descrever a polissemia de interpretação de uma enciclopédia (em *As Palavras e as coisas*), ainda que se retorne às formas não-lineares de exposição do conteúdo nos livros (como já realizavam Jorge Luís Borges (2008), em *O homem de Areia*, ou em *Jardins das veredas que se bifurcam*, ou ainda nas formas de constituição do *Palimpsesto*, de Gustave Genette (1982), e nas maneiras de ler fora de ordem, como um baralho aleatório, como revela o autor Nick Montfort (2003), em *The New Media Reader* ou Lev Manovich (2008), nos processos de mistura de banco de dados de informações de trechos de filmes de forma não-linear – com disposição da informação como uma mistura do mosaico de Mondrian com a estética de disposição do canal *Bloomberg* –, aqui nos interessa adotar uma reinterpretação do conceito leitura e de suas práticas.

Todavia, antes cabe um retorno às formas culturais advindas de hábitos de uso do suporte livro ao longo da história e da importância cultural que ele acarreta.

Na Educação, os padrões da escrita parecem dominar uma forma de transmissão do pensamento, em um conjunto de dados arrumados, típicos de um modelo de um mundo Moderno, no qual há uma ideologia de separação das disciplinas e áreas de conhecimento. Nesse sistema, a informação é adquirida pelo processo de escolarização, via instituições tradicionalmente hegemônicas de poder como Igreja, Estado ou pelas leis e sanções. Portanto, de certa forma, a cultura do livro e da escrita tipográfica representam o domínio das ideologias das instituições, no caso, através da escola.

McLuhan, por sua vez, em *A Galáxia de Gutenberg* (1962), explica, de certa maneira, de onde vem o discurso da hegemonia da imagem, ao abordar os três estágios sucessivos da cultura que a humanidade, do ponto de vista da comunicação, atravessou: 1) o mundo tribalizado, 2) o mundo destribalizado e 3) o mundo retribalizado.

O primeiro momento é marcado pela força da cultura oral ou acústica, em que a linguagem é instrumento fundamental de comunicação do homem e sobrevivência

social, predomínio da tradição de exposição de ideias em praça pública, como faziam os filósofos na ágora Grega, a exemplo de Sócrates. Ou seja, não havia registro escrito e o conhecimento era passado pela oratória. Existiam livros unitários, manuscritos em reunião de vários autores, como uma coletânea.

Já num segundo momento, o mundo destribalizado, McLuhan descreve a passagem da visão de mundo da oralidade para a cultura impressa, marcada pela invenção da prensa tipográfica, dando destaque à visualidade dos textos, pinturas, cinema. Se num primeiro momento a leitura era proibida pela inquisição e só o alto clero tinha acesso à informação, com a tipografia, o processo de reprodução dos textos, não só por meio de manuscritos, amplia o acesso ao conhecimento e a forma de leitura silenciosa, não mais em voz alta em praças públicas, estimula o individualismo e reflexão crítica. É nesse momento que advém a hegemonia da imagem.

E, posteriormente, com o mundo retribalizado, impera a força da cultura eletrônica do rádio e da TV. McLuhan escreve essa teoria em período anterior à Internet, porém se acompanhasse o surgimento das novas mídias, abordaria o envolvimento dos diversos sentidos e não se pautaria somente na visão. O contexto do mundo digital talvez fosse o auge do mundo das sensações, com maior possibilidade de colaboração e interatividade do usuário.

Entretanto, por outro lado, mesmo com a digitalização e tecnologias da comunicação, parece persistir no pensamento os valores da cultura da sociedade tipográfica, numa espécie de hegemonia da imagem e do impresso, seja nas reflexões acerca do cinema e do audiovisual, ou mesmo dos estudos de som e da relação entre o textual enquanto imagem e o sonoro, tal como constatam pesquisadores das referidas áreas, como ZUMTHOR (1993) e DOLAR (2006), da literatura, CHION (1999), da voz no cinema.

McLuhan (1962) também descreve a passagem da visão de mundo da oralidade (retórica grega) para a cultura impressa, marcada pela invenção da prensa tipográfica, destaca a importância da visualidade dos textos, pinturas, cinema, a hegemonia da imagem.

Em debate sobre a educação e sua relação com o livro digital, no curso de doutorado da ECO/UFRJ, ministrado no primeiro semestre de 2011, de nome “A Convergência formativa: Comunidade, Comunicação e Educação”, o professor Muniz

Sodré reitera que a escrita no livro impresso representa o suporte do sistema tradicional da escola, marcado temporal e espacialmente, ou seja, se apresenta como o suporte físico do conhecimento, limitado pela barreira do formato.

Martín-Barbero e Germán Rey (2001) também reiteram que a revolução cultural trazida pela imprensa instaurou um mundo de separação de gradação e segregação das etapas da aprendizagem, em que há uma correspondência da linearidade do texto escrito sucessivo, linear, com o desenvolvimento escolar, ou seja, o avanço intelectual caminha com o progresso na leitura. Essa pedagogia e o rendimento escolar são medidos pela transmissão de conteúdos memorizáveis, por idade e pacotes de informação aprendidos, num modelo mecânico, unidirecional, de leitura passiva, em que não muita coisa fica retida: “a leitura do aluno no formato tradicional é puro eco da do professor. A autonomia do leitor depende de uma transformação das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos” (BARBERO; REY, 2001, p. 57).

Assim, a dimensão instrumental da educação, que faz uso das mídias, do entorno difuso de informações, linguagens dos saberes, descentraliza os dois centros anteriores sagrados que legitimavam e administravam as figuras sociais (a escola e o livro), que ainda organizam o sistema educativo vigente (Idem, p. 59, 69).

Com abertura do mercado à interatividade, também ganham potencialidade novas maneiras de exposição do texto, além do aumento da quantidade de informações disponibilizadas por fontes diferentes. Hoje, para a transmissão de conhecimento existem dispositivos de armazenamento, classificação, difusão e circulação mais versáteis, disponíveis e individualizados que a escola. Para Muniz (2011), com a digitalização, o lugar para aprender pode ser qualquer um: na empresa, escola, Internet. O pesquisador acredita que hoje a educação deixa de se centralizar nos livros para se irradiar com palavras, audiovisual, sons, em diferentes suportes, ampliando o processo social.

O historiador Roger Chartier (2009), por sua vez, também acredita que o conceito de leitura atual esteja mais amplo. Para o autor, estão englobados no processo de leitura alterações de maneira mais acelerada e diversificada. Há uma plasticidade do texto que acolhe telas de escrita, imagens, fixas ou móveis, sons, palavras, músicas, além de um aspecto afetivo, sensorial, e das formas de atenção e reação, despertadas segundo hábitos socioculturais. É o que apostam Martín-Barbero e Germán Rey (2001)

ao falarem da tecnicidade e visualidade na cultura contemporânea em que há novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escritura (p. 13-14).

Porém, pouco se sabe sobre esse novo suporte proposto aos leitores que transforma suas formas de apropriação e os usos no cotidiano. Se ao longo da história as transformações foram das mais diversas, hoje, na cultura digital e das mídias, o que emerge como discussão é a leitura fragmentar. As novas mídias potencializam o hibridismo dos meios, promovem um maior fluxo de conteúdos e a recombinação de linguagens na indústria midiática, entre as tecnologias tradicionais e as eletrônicas digitais. Essa cultura do *bios* midiático, ou virtual, na nomenclatura de Sodré (2001), descreve as maneiras de apreensão reticular pelos indivíduos, estes, porém, conectados por leis, regras e pelos vínculos nos processos de relações sociais.

No mundo cosmopolita de intensas trocas culturais, transnacionais, o processo de leitura envolve a interação com a diversidade cultural, o que acaba por produzir uma heterogeneidade de interpretação por meio do receptor. O leitor de uma cultura específica, por mais que tenha a noção do todo da diversidade cultural, levará em consideração a influência e tradição de sua comunidade, ou seja, a leitura pressupõe um *background*. O leitor parte de um solo, das referências pessoais e formas de expressão de grupos de pertença diversos, o que promove uma mistura da diversidade cultural. Um sujeito de uma comunidade do Japão, por exemplo, não lerá e nem interpretará mensagens da mesma maneira que as influências pessoais de um morador do Havaí, ou um alemão. Apesar da mistura de referências, e da abertura às diversidades na leitura, promovidas pela globalização e digitalização, as relações socioculturais locais também influenciam os processos de leitura, tal como já afirmava o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (1999), em análise sobre características do local/global.

Raquel Paiva e Muniz Sodré (2010), em artigo sobre um projeto de gênese da educação e comunicação comunitária, apontam para a abertura de novos caminhos do social pelas práticas do cotidiano, observadas nas comunidades. Para eles, a grande importância dos hábitos, do convívio comunitário com grupos diferenciados e as novas maneiras de consumo de mídias estão no auxílio à educação, em um processo mais aberto de construção e decisão por parte do usuário, que vai além das instituições mediadoras (família, escola, universidade, religião, grupos familiares), o que corrobora

com a visão de Michel de Certeau (1993) de que, para além das formas de aprendizado tradicionais, os jovens são afetados pelas práticas e invenções do cotidiano.

Ao falar do aprendizado pela experiência, na realidade, Charles Sanders Peirce (1989), usando as bases do pragmatismo³, já abordava a importância dos assuntos da vida prática, como uma espécie de lógica para os processos de mudança dos hábitos pela experiência, usos e apropriações. Assim, a prática funciona como possibilidade de fundamentar a previsão de uma teoria, em relação com o possível uso futuro de uma experiência já adquirida.

Sob esse aspecto, cabe retornar a Martín Barbero (2001), quando esse propõe pensar nas relações simbólicas, de vivência, que influenciam nas práticas e formas de interação entre o emissor e o receptor, o que chama de mediação. Ou seja, ele considera imprescindível avaliar o espaço representativo simbólico entre o veículo, mensagem e o destinatário. Dessa forma, os aspectos socioculturais funcionam como filtros pessoais, presentes através das crenças, hábitos, medos, sonhos, influência da técnica; enfim, fatores do dia a dia que contribuem para a constituição da cultura.

Assim, os processos de leitura mais abertos à participação, sofrem influência da cultura digital e das práticas realizadas no cotidiano e englobam as relações simbólicas que o usuário considera como preponderantes para atrair seu foco de atenção⁴. A percepção da obra pelas formas de escrita sofre, portanto, influências da mídia e eletrônica, sendo que a leitura se constitui em uma textualidade móvel, infinita, múltipla, composta de acordo com a vontade do leitor, seu interesse e atenção.

Muniz Sodré também acredita que a obtenção do conhecimento demanda uma interação mais rica, seja via computador, em um aprendizado mais individual e independente, ou coerente com as práticas e vivências do cotidiano em trocas de experiência com a comunidade, família e grupos de interesse.

Nos casos em rede, o afeto é construído pelo interesse de quem acessa a informação e pela troca desse conhecimento adquirido com outras pessoas do convívio pessoal. Mas, Muniz Sodré defende a importância da presença do professor, o qual se

³ Entende-se por pragmatismo um movimento filosófico, nascido nos Estados Unidos, com James Peirce (1839 – 1914) e William James (1842 – 1910), que tem por ideia útil tudo o que possa ser colocado em prática e depois popularizada com o instrumentalismo de John Dewey.

⁴ Para um maior detalhamento sobre percepção e atenção, ver o trabalho da autora desse projeto no Intercom Sudeste 2009, *Impacto tecnológico na percepção*, em releitura de Henri Bergson (1999), Jonathan Crary (2001) e autores da psicologia social em finais do século XIX (Ben Singer e Georg Simmel).

apresenta como o guardião dos modos de compreensão e significação dos saberes concretos, um filtro confiável de acesso à informação, no excesso de dados disponíveis (para ele talvez por isso os cursos de longas distâncias, em ensino por correspondência, assim como experiências como a TV educativa, como telecursos, apesar de servirem de atração, tenham resultados duvidosos, pois não há um contato direto entre o professor e aluno numa psicoafetividade, o que é fundamental para o aprendizado). É quem aproxima o mundo da escrita tradicional do mundo cotidiano do aluno, pois reencena a presença materna, num vínculo de confiança. Por isso, mesmo em cursos online, é importante a presença de um professor, formador ou tutor/ instrutor para realizar as mediações e promover a aproximação entre as partes.

Assim é possível observar que o ensino em rede possui objetivos claros a serem alcançados. Mas os meios de apoio a ele podem ser variados, tanto na forma online como no ensino tradicional, como, por exemplo, no uso de Bibliotecas Digitais, pedagogicamente convertidas num espaço de aprendizado, ou na disponibilidade de novos formatos de livro como forma de incentivo à leitura dos livros do acervo de uma biblioteca, ou mesmo de apoio à leitura em sala de aula, e para um material didático mais dinâmico e próximo do mundo do aluno, em ponte de conceitos feita pelos professores.

Dessa forma, o foco excessivo na leitura e de reprodução dos saberes via escrita, a maneira tradicional de ensino expositivo e de se avaliar conhecimento, por meio de provas escritas de reprodução do pensamento de autores, não auxiliam na promoção do interesse e no despertar da curiosidade. Principalmente se considerarmos as pessoas que aprendem como aprender através de uma doutrina, podemos notar que não há uma democratização do acesso ao conhecimento, já que todo ele é passado de uma só maneira, de forma a promover a manutenção das instâncias de poder na sociedade.

3. PRÁTICAS DE LEITURA, O SUPORTE DO LIVRO E O APRENDIZADO COGNITIVO

Para abordar o tema da materialidade do livro há mais de uma linha possível de desenvolvimento, ora com um enfoque mais histórico, ora o ensaístico. Após a realização do mapeamento dos autores que abordam o assunto, optou-se por aqueles de enfoque histórico, por utilizarem uma metodologia fundamentada em fatos, aplicada em análises de documentos pontuais, portanto diversos dos de teor ensaístico ou por vezes determinista, como os da escola de Toronto (McLuhan, Innis, Havelock, entre outros) ou os teóricos alemães, como Hans Ulrich Gumbrecht e Friedrich Kittler.

Assim, a necessidade primeira de se recuperar os estudos de historiadores Roger Chartier, Guglielmo Cavallo, Elizabeth Einsenstein, entre outros mais que abordam o assunto, como Peter Burke, Robert Darnton, Frédéric Barbier e McKenzie, e brasileiros para se estabelecer a fundamentação teórica, contextualizando a história do livro das origens aos dias atuais.

Serão foco os usos e práticas de leitura ao longo da história do livro, ou seja, os protocolos que possibilitam a aprendizagem do leitor junto ao texto, como forma de despertar a curiosidade e o interesse, para a criação do hábito de ler.

3.1. O suporte livro na história e as práticas de leitura

A investigação, ao longo da história, sobre os fenômenos de leitura e sua relação com as diferentes tecnologias digitais merece destaque, no sentido de buscar ações que possam servir de auxílio a ferramentas já automatizadas ou de uma reutilização das funções anteriores. As criações de novas técnicas aceleram a transição entre os suportes. Neste sentido, cabe destacar a temática do processo de aprendizagem e da cognição humana.

Se, por um lado, as técnicas sofrem transições de formatos e a linguagem do livro parecem se reconfigurar desde o seu surgimento; por outro, as referências de meios anteriores e de linguagens já conhecidas e utilizadas no cotidiano, como abordam Bolter

e Grusin (1998) em *Remediações*, podem auxiliar na adaptação dos novos formatos e, indiretamente, na construção de um hábito de leitura. Assim, a fotografia relê a pintura, o cinema o teatro, a TV o cinema, entre outros. Nesse contexto, as formas de leitura, sem perder o charme de seu tradicionalismo, acrescentam uma reestruturação de seu papel na vida contemporânea com uma função importante no processo de formação do desenvolvimento cognitivo e social do sujeito.

Assim, cabe retornar aos sistemas de produção e ao aspecto material da escrita, em períodos diferentes na história, pois eles influenciam a maneira de leitura e a experiência estética, como, desde o caso da leitura das estações do ano, fases da lua, tempo de colheita, migração, conhecimento, experiência, aos registros em símbolos e sinais, calendários, alfabetos. No processo de construção do aprendizado, vale retomar os diferentes suportes e meios de escrita que auxiliaram e nos permitem, hoje, decodificar e entender a forma de exposição do conteúdo do livro moderno, ou digital, tal como acompanhamos com a digitalização dos suportes.

As mais antigas evidências, anteriores à escrita, segundo relata Denise Bessserat (2010), estão nos *tokens*, esferas feitas de argila encontradas em escavações do sítio arqueológico de Uruk, usadas como formas de contagem no campo (*tokens* simples – usados para agricultura e estocagem de grãos, guardados em envelopes) e na cidade (*tokens* complexos – usados em centros administrativos, amarrados), fortemente ligados às relações sociais. A transcrição dessa informação, com o passar dos anos, evolui do armazenamento em envelopes de barro, para a transcrição em tabuletas informativas e para o processo posterior de abstração das formas de representação numérica. Essa transição é essencial para a constituição da escrita em placas de argila dos sumérios e, principalmente, mostra uma modificação e as raízes da construção dos processos de escrita e de automatização na decodificação dos registros, o que, de certa forma, contesta as teorias de origens da escrita na pictografia ou nas imagens e registros nas cavernas de Altamira, de Lascaux (Cf. MACHADO, 1997). Além disso, Bessserat acredita que “a pictografia, na verdade, deriva dos *tokens* complexos, caracterizados por marcas lineares” (1992, p. 71). Assim, a origem dos *tokens* é importante para se analisar a evolução dos símbolos na pré-história e dos pensamentos aplicados neles, já que revolucionaram e se constituem presságios para o futuro processo de codificação da escrita.

O autor Phillip B. Meggs (2009), em “História do Design Gráfico”, por sua vez, procura realizar um resgate das origens dos processos de escrita, porém por um viés mais material do *design* (desde a pré-história, passando pela Idade Média, tipografia na Europa e pelo Renascimento), com o sentido de buscar a diferença no *design* e das mudanças na era digital, passando pelas qualidades da cerâmica grega de desenhos, pela escrita cuneiforme, pelos hieróglifos egípcios ou pelos manuscritos medievais.

Apesar de Meggs (2009) considerar as pinturas rupestres de Lascaux como o surgimento da escrita, realiza um apanhado detalhado da história da escrita que envolve, de certa forma, as diferentes maneiras de ler em culturas distintas: dos escritos pictográficos sumérios com as tabuletas, para a escrita em hieróglifos dos egípcios, em passagem para a escrita em sinetes cilíndricos, e a em formato de cunha, como a cuneiforme. Na fase seguinte, surgem as escritas hieráticas, com escrita em rolo com manuscrito em papiro. Depois surgem os alfabetos, em diferentes regiões, como o alfabeto grego, a adaptação para o romano e o pergaminho começa a ser usado em manuscritos, inicia-se o uso de capitulares quadradas e rústicas romanas. A Ásia também realiza sua contribuição com a escrita chinesa e a caligrafia e, mais tarde, em 105 d. C, com a invenção do papel por métodos caseiros, por Ts'ai Lun. Inicia-se a impressão da caligrafia chinesa. E, em 1450, a impressão com tipos móveis é inventada na Alemanha.

As diferentes formas de constituição da escrita e sua relação com os processos de leitura fornecem um aprendizado diferenciado com o suporte, o que é cabível de ser analisado nesse trabalho, em relação às aptidões cognitivas adquiridas em culturas, usos e práticas de leitura diferenciadas. Por isso, será feito um breve retorno aos formatos de escritas, e das contribuições de uma cultura para com a outra, referente às invenções de formas de registros da informação, o que contribui para a construção de um aprendizado nos hábitos de leitura.

Para Philip Meggs (2009, p. 20), a escrita por meio de marcas, símbolos figuras, letras traçadas, tornou-se o complemento da palavra falada e trouxe ao homem a possibilidade de conservar conhecimento, experiências, pensamentos.

O autor descreve que as primeiras pictografias foram o começo da arte figurativa, em que objetos e eventos do mundo eram registrados com crescente

fidelidade da realidade e formaram a base da escrita. Depois as imagens se tornaram símbolos de sons da língua falada, os fenícios substituíram a complexidade da cuneiforme por sinais fonéticos simples. No período Paleolítico, desenvolveu-se uma tendência à simplificação e estilização, com figuras abreviadas, expressadas com o número mínimo de traços.

Num primeiro momento, na escrita suméria, os desenhos eram utilizados como representação da realidade e a forma de registro da informação era estruturada em divisões espaciais horizontais e verticais.

Já a escrita cuneiforme, composta em cunhas, registrava informações ao invés de desenhos com linha contínua, o que alterou o caráter da escrita radicalmente, pois possibilitou que a pictografia evoluísse para a escrita abstrata de sinais, o que amplia a capacidade de guardar informações. Assim, os símbolos figurativos são modificados para sinais ideográficos, como o símbolo do sol que passa a representar, dia ou luz. Em sons difíceis de correspondência, a escrita passa a representar a fala, o que é conhecido como escrita fonética. As formas precursoras de impressão com sinetes cilíndricos funcionam como uma espécie de carimbo, por meio de marcas.

A escrita egípcia, por sua vez, apesar de possuir base na pictografia (com os complexos hieróglifos, de símbolos figurativos), possibilitou o desenvolvimento do papiro em sua cultura, o qual era utilizado em manuscritos guardados em rolo.

Depois, na escrita do Ocidente, com o livro antigo, escrito em manuscrito, se adquiriu o hábito de escrever da esquerda para a direita, na horizontal, de cima para baixo, para facilitar a escrita e se evitar borrões. Após a pictografia, ideografia, e um conjunto de símbolos que passa a representar os sons da língua falada, portanto, com a invenção do alfabeto surge a representação linear silábica. O alfabeto mais próximo da cultura ocidental é o latino, vindo da Grécia aos romanos. Roma toma posse da Grécia e captura a literatura, arte e religião, se apropriando de palavras gregas, o que ocasionou o acréscimo das letras Y e Z ao alfabeto, pois palavras gregas tinham esses sons. O pergaminho ganha uso como suporte para a escrita por volta de 190 a.C, material constituído da pele de animais domésticos (bezerros, carneiros, cabras) de maior durabilidade, porém de valor muito alto para os livros, eram como posses. O surgimento da técnica de exposição dos livros em códice começa a suplantiar o rolo (*rotulus*) na Grécia e Roma, mais ou menos no tempo de Cristo, o que ocasiona um novo

aprendizado do público, nessa época limitado ao clero e escribas nas formas de manuseio e, conseqüentemente, na cultura. Surge o códice de pergaminho, em que o couro era reunido em caderno de duas, quatro ou oito folhas (material grosso), dobradas, costuradas e combinadas em códices com páginas. O códice de pergaminho possuía vantagens para o de papiro, como a facilidade de não desenrolar e enrolar para consultar informações, era possível já abrir o documento ou registro na página desejada, não era tão frágil para ser dobrado em páginas como o papiro e com ele era possível escrever nos dois lados, o que significa economia de espaço para armazenagem e de custo do material (Cf. MEGGS, 2009, p. 47).

No Oriente a escrita chinesa também surgiu como uma contribuição para as formas de leitura como um todo, além de possuir uma representação diferenciada das outras culturas (ser mais visual, não possuir alfabeto, cada um dos 44 mil caracteres representa um símbolo composto dentro de um quadrado imaginário, o logograma - sinal gráfico que apresenta uma palavra inteira). Essa escrita apresenta sistema diferente para transmissão do pensamento, pois não possui sinais silábicos como na cuneiforme, e nem alfabéticos para som elementares, além de não possuir relação entre a língua falada e a escrita (MEGGS, 2009, p.51). Na escrita chinesa, além do tecido em seda também usado para suporte da caligrafia, é inventado o papel, como um substituto barato da seda ou do bambu, de peso leve, o que permite uma fabricação econômica. Quanto à impressão chinesa, há duas teorias de como foi inventada. A primeira diz que ela ocorria por relevo, por sinetes entalhados, em espécies de carimbos para impressão em argila, conhecida como *chops*, imprescindível para o posterior desenvolvimento da xilografia. A segunda teoria sobre a impressão chinesa vem da ideia de se realizar decalques como um estêncil, em cópias das inscrições talhadas em pedra em tinta, em que o papel era apertado com um pincel duro e uma almofada de pano passava a tinta e retirava a imagem nítida da inscrição, o que contribuía para solucionar o problema do peso dos livros em pedra e do espaço que ocupavam, já que um livro histórico necessitava de 5,2 hectares para armazenar as tabuletas, dispostas como fileiras de lápides (Idem, p. 57). O formato rolo no oriente começa a ser substituído por formatos paginados dobrados como um folder e pregueados como uma sanfona, mais ou menos no séc. IX ou X. Nos séculos X e XI, os livros passam a ser costurados no códice (forma moderna do livro, caderno composto de folhas de papel dobradas, organizadas,

sequenciadas, costuradas, limitadas pela capa). Para Blanchot (2006), é nesse formato que se define o livro como tudo aquilo que reside entre duas capas, que marcam o limite entre o início e o fim.

Mas no Ocidente, a invenção dos tipos móveis acontece 400 anos depois, por Gutenberg, em 1450 na Alemanha, em uma espécie de aperfeiçoamento da impressão da xilografia (impressão em blocos de madeira, advinda da Ásia), com o recorte das letras e palavras dos blocos, formando tipos independentes, móveis e reutilizáveis, porém de metal (o que possibilita mais impressões). Com a fábrica de papel criada na Itália, iniciam-se os processos de impressão da Bíblia de 42 linhas, salmos, entre outros.

Era usual deixarem espaço para a impressão posterior das capitulares e ilustrações, assim como faziam com a pintura em tempos de manuscritos, o que acabou por gerar o espaço usual do parágrafo. Espaço entre as palavras nos manuscritos também aparece para auxiliar os leitores a separarem mais facilmente as fileiras de letras em palavras no processo de leitura. Isso pode ser bem observado se comparado a um manuscrito de tempos antigos, em que as letras eram amontoadas, sem espaços em branco e sem ordem ou regras de leitura, como o que se tornou habitual posteriormente (da esquerda para a direita), o que deixava os leitores confusos, que nessa época era um público especializado.

E depois, na Alemanha e Nova Inglaterra, há a passagem da leitura em voz alta para a silenciosa, individual, marcando a passagem da oralidade dos manuscritos, ou leitura visual para a leitura mais particular, em silêncio. Outro fator que merece destaque são as práticas de leitura com o tipo de composição material do livro. A posse privada do livro, apesar de precariamente registrada, pode ser observada em pinturas em quadros, como relata Chartier, em “*A aventura do livro: do leitor ao navegador*” (1997). Os livros de capa dura, luxuosos, com letras douradas, por exemplo, são livros para leitura inicialmente confinada em gabinetes ou bibliotecas, sentados em uma mesa, imóveis e numa leitura privada, pois são livros densos que exigem certo grau de concentração do leitor. Nesse período, o lugar da leitura está separado do da diversão (p. 78). Já no séc XVIII, inicia-se uma história da liberdade na leitura, de um leitor que lê na natureza, em movimento, na cama. São livros mais populares e o estilo de literatura também voltado para mulheres, em sua materialidade, as capas são mais moles, com formas em tecido, papel não especial. Essas formas impõem nova legibilidade e um

novo horizonte de recepção. Portanto, com o livro folheado passa a haver uma intimidade de uma relação individual e as significações dos textos são constituídas pelas leituras que se apoderam dele, ou seja, os atos de leitura dão ao texto significações plurais, por mais que os dispositivos textuais do autor imponham uma maneira de ler indicada.

Assim, o suporte da escrita em suas diferentes épocas retrata a maneira de aprendizado do homem das formas de leitura e a construção de processos cognitivos de automatização de determinada técnica, seja por meio da pintura, de esculturas em pedra ou por suportes mais móveis como o livro em pergaminho, passando pelo papiro (espécie de folha de árvore) e o papel, assim como a transição do formato em rolo (*volumen*), que significava grandes textos em termos de volume, o que exigia certa disponibilidade de espaço para o *códex* ou códice, o que possibilitou maior portabilidade dos livros, principalmente em versões de livros populares e não luxuosas, com letras douradas, o que antes era limitado a um público seletivo, classe alta, além de possuir certo ar de sacralidade, pela capa dura.

Mas pesquisadores brasileiros também destacam que além do retorno histórico deve ser avaliada a configuração complexa do livro, pois, segundo relata Márcio Gonçalves (2009), sua materialidade envolve uma série de fatores:

...a matéria prima utilizada (papel, pergaminho, papiro), o formato da obra (rolo, códice, sanfona), o material de envoltório e encadernação, o tamanho, a portabilidade e usabilidade, os tipos de caracteres e a escrita utilizados, a existência de sistemas de referências (paginação, títulos, sumários, índices, pontuação, divisão entre as palavras (p. 86-87).

A questão da forma e da influência no manuseio é relatada por Chartier & Cavallo (2001). Para os pesquisadores, o rolo que era utilizado no Egito a 3000 a.C apresentava dificuldade de manuseio, pois apenas uma obra manuscrita poderia ser composta de 20 ou mais rolos, o que pressupunha embarço no transporte e armazenamento do mesmo (não havia mobilidade). Além disso, exigia-se, para o processo de leitura e navegação, que o leitor segurasse as duas pontas do rolo, enrolando a parte superior e desenrolando a de baixo, o que pedia certa destreza manual e, por outro lado, ocupava a mão do leitor e não a liberava para anotações. Nesse momento, o leitor ainda estava preso aos hábitos de passagem dos tempos da cultura oral para a cultura escrita. A leitura era necessariamente sequencial, não sendo possível folhear, aleatoriamente, como se faz hoje com o livro encadernado em papel (Cf.

CHARTIER, CAVALLO, 2001, p. 45). Porém, ao mesmo tempo, não se pode negar que a leitura em rolo se assemelha ao modelo atual de navegação da barra de rolagem da Internet, em que os textos, apesar de possuírem *links* para outras páginas, vídeos e assuntos, são diagramados e disponibilizados em sequência no sentido vertical.

Já o códice, utilizado na era cristã e composto por folhas em pergaminho ou por bloco formado por papel dobrado com páginas sequenciais, inaugura uma maior liberdade de ir e vir no texto. O códice permite uma navegação mais ágil que o rolo, onde é possível pular páginas, folhear, buscar referências aleatórias, sem necessariamente ter que passar por toda a obra para encontrá-las, é possível a concentração de um objeto por completo em uma obra no livro moderno.

Márcio Gonçalves (2009, p. 86) relata que desde então começa a haver uma portabilidade maior em publicações, dos livros de bolso até obras monumentais. O processo é descrito por Roger Chartier (1997, p. 87), quando exemplifica o modelo de publicação das edições da *Bibliothèque Bleu* (espécie de popularização dos livros no vilarejo Lorena de Jamery-Duval, na França, com divulgação de romances em publicações em versões de livros de bolso, mais baratas de capas azuis e de maior acessibilidade, para competência de leitura de um público mais leigo, não especializado, para a popularização da leitura). Um paralelismo temporal pode ser feito com a atualidade, visto que o atual presidente da Biblioteca Nacional, Galeno Amorim, em entrevista ao jornal *O Globo*, em 24 de janeiro de 2011, expôs sua visão sobre formas de promoção ao acesso à leitura, imaginando uma livraria popular nos moldes das farmácias populares. Ele acredita que a forma de aumentar o índice de leitura de 4,7 obras lidas por habitante por ano no Brasil seja a criação de um livro popular no setor privado, mais barato, no estilo dos *pocket books*, visando a atingir as classes C, D e E, cujo principal acesso aos livros e ao conhecimento ocorre pelas bibliotecas públicas. Com o barateamento dos livros, fica mais fácil a criação do hábito de leitura.

A historiadora Elizabeth Eisenstein (1998) também complementa as informações sobre os sistemas de referência da escrita, pontuados por Márcio Gonçalves, ao dizer que a apresentação dos primeiros *layouts* muito provavelmente contribuiu para reorganizar o modo de pensar dos leitores:

A sugestão de McLuhan de que a varredura de linhas impressas afetou processo de pensamento [...] sugere que os pensamentos dos leitores são guiados pelo modo como estão ordenadas e

apresentadas as matérias contidas nos livros. Assim mudanças básicas no formato de ler bem poderiam conduzir a mudanças nos padrões de pensamento (1998, p. 80).

Por isso, a preocupação do espaçamento entre as linhas e da ordem da leitura da esquerda para direita no ocidente, por exemplo, como uma regra, auxiliam na forma de organização do pensamento do leitor. Essas referências são chamadas por Chartier (1966) de protocolos de leitura e consistem nos elementos que o autor dissemina pelo texto para indicar sua correta interpretação, a ordem do livro, visando à articulação dos conteúdos, mas isso se modifica pelo suporte material, e pela ordem do uso que promover hábitos diferentes em culturas diferentes.

Ainda ressaltando os sistemas de referências, Muniz Sodré (2011) nomeia de gestos implicativos, as técnicas editoriais dos impressos que auxiliam no manuseio do livro e facilitam a leitura, como a imagem que atrai a atenção do leitor, o índice, sumário e paginação que indicam a separação dos conteúdos do texto, os títulos que separam por tema mais universais e pontais o que o leitor vai encontrar em determinado trecho de texto, a disposição das linhas, layout da obra, espaço em branco para anotações do leitor nas margens direita e esquerda da obra. Implicativos porque, segundo revela o professor, levam o leitor para dentro da obra como um todo, além de servirem de guias para o leitor, explicações do autor sobre o que quis dizer com determinado conteúdo.

Essas normas se tornaram tão comuns que, para que um texto tenha legitimidade, na cultura impressa e na academia, é necessário que siga as instruções e códigos de exposição do conteúdo para que seja aprovado e aceito por um grupo de leitores (participação em congressos, normas da ABNT no meio acadêmico, que dão legitimidade para poderem ser utilizados por estudantes em citações dos seus artigos, entre outros).

Para Chartier (1996), os estudos das práticas de leitura podem ser realizados como um mapa em construção pautado: 1) pelas maneiras de ler (atitudes antigas diante da leitura, práticas datadas; 2) protocolos de leitura, 3) apropriações do texto pelo leitor que, muitas vezes, escapam ao controle ou previsões significativas do texto, por possibilidade de leitura por um processo de aprendizado particular e 4) compreensão do livro com ajustes de acordo com as referências letradas, ou seja, cultural (Cf. CHARTIER, 1996, p. 21).

Na ordem do livro digital também há uma dimensão implicativa, dos índices, imagens em que ampliam as novas possibilidades de exposição. Para Muniz (2011), o livro digital vai convocar uma relação menos hierárquica no processo de contato com a obra, em que não é necessário passar pelo índice, capítulo por capítulo e se pode acessar diretamente imagens e vídeos.

Para Maria Augusta Babo, “a visibilidade da tela traz novos desafios à leitura que operam de maneira diferente da atividade dirigida ao formato impresso” (2009, p. 189). Nesse novo processo de leitura, a experiência estética é afetada, envolve o corpo do usuário, suas práticas em relação às técnicas, mídias e possui reflexo nos âmbitos sócio-culturais. Essas práticas ainda não são comuns ou automatizadas por todo o público, já que a ferramenta de leitura dos *ebooks* depende do processo de aprendizagem e do contato prévio do leitor com o computador (seu uso exige certo grau de letramento, afinal seus comandos são palavras, símbolos numéricos ou ambos). Acredita-se que há um potencial para modificações nos processos de leitura, principalmente no que se refere à fragmentação da organização do formato (pode-se ler por capítulos diferentes por acesso em hiperlinks, há possibilidade de adicionar anotações pessoais, comentários sobre a obra, realizar marcações em trechos específicos, além de ter acesso ao significado de palavras desconhecidas do texto pelos dicionários, ou ainda, num futuro próximo, a possibilidade de clicar em arquivos e imagens com informações extras, acessar vídeos, sons, documentos em áudio, interagir com objetos de livros infantis).

Inclusive, é uma tendência recente a digitalização e veiculação de conteúdos escritos por meio do mundo virtual, que já conta com aparelhos (*Kindle*, Positivo Alfa, *Nook* etc.) e periódicos (*JB*, *New York Times* etc.) exclusivamente voltados para a leitura nessa plataforma. Por outro lado, as práticas de leitura e guias como sumário, legendas, marcação de capítulos, paginação, entre outros, permitiram uma adaptação ou aprendizado facilitado, pois, de certa maneira, as referências anteriores treinaram o usuário para as novas maneiras de exposição dessa textualidade e processo de leitura. Assim, Muniz (2011) relata que se antes o livro era visto como a metáfora do texto, hoje em dia não está mais fixo no texto em papel.

O processo de leitura atual é mais amplo, envolve imagem, disposição digital, em áudio e trilha sonora (audiolivros), aspectos audiovisuais (como os livroclipes),

versões interativas para participação da criança (como os livros enrola-desenrola com vários finais para que a criança possa escolher qual prefere, de recursos com imagens para serem vistas em óculos 3D, livros quebra-cabeças, com peças à parte, como ímãs, técnicas essas para incentivarem o envolvimento da criança com a história), assim como outros aspectos multimídia (livrogames).

Segundo acredita Muniz (2011) e reitera Juremir Machado (2011) o patrimônio que a obra partilha e transmite com o digital passa a ser imaterial. O autor passa a vender o conhecimento e suas ideias e não mais a obra impressa. “Hoje o livro é uma forma que junta a materialidade com a imaterialidade do autor. Consiste na produção do sentido, na totalidade, conteúdo da escrita e não em seu registro” (MUNIZ, 2011, curso sobre Educação e Livro digital). A ambivalência do texto exige mais do leitor, pois cada um pode interpretar algo diferente e, ao mesmo tempo em que o usuário lê, ele escreve, colabora, participa pela rede. Assim é possível realizar o modelo da Biblioteca de Babel que a literatura busca pelas formas não lineares, realizar histórias multissequenciais em que o leitor pode criar, abrir. Ou seja, o autor controla a regra, mas não controla mais o sagrado da autoria. Logo, a cultura midiática pode ser utilizada no processo de aprendizagem de jovens, numa mistura de meios e linguagens e pelo compartilhamento de informações, potencializado pelos processos de leitura digital.

A aposta dessa pesquisa é semelhante à postura que propõe o curador da Exposição Biblioteca Nacional 200 anos – que reúne acervo que retrata a importância dos processos de leitura e da tipografia e história do livro bem como a materialidade de livros raros, de bolso, de forma e suportes distintos ao longo da história –: a de a atualidade revelar “a união entre o *homo typographicus* (originário da cultura advinda do escrito, da história prensa) com o *homo digitalis* (da atualidade) em diálogo, sem um formato significar a exclusão do outro” (LUCCHESI, 2010).

3.2. Aprendizado cognitivo da leitura

Outro ponto importante de ser analisado é que a leitura é um resultado compartilhado da aprendizagem escolar. Há que se considerar os diferentes leitores: o leitor profissional, em que ler é sempre gesto de trabalho, e o leitor em que o encontro com o texto é simples informação ou puro divertimento (*best sellers*, aventura, curiosidade) ou

o leitor que só aprendeu a ler na escola e não possui hábito, senão o associado a trabalho e obrigações.

Para Chartier (1966),

Nas sociedades tradicionais, os leitores formados pela instituição devem ser confrontados com aqueles que conquistaram o escrito com grande luta e cuja competência, se não é certificada e controlada pelos letrados, corre sempre o risco de produzir leituras fora das normas, improváveis ou rebeldes (p. 21).

Nesse sentido, merecem destaque as dificuldades dos processos de aprendizagem da leitura e escrita formais assim como as formas alternativas de aprendizagem, como a figura do autodidata. François Bresson recorda o processo natural da linguagem oral adquirida no uso do cotidiano, sem nenhum procedimento de instrução ou educação, e sua diferença com os processos da escrita que necessitam de um ensino formal. Ao explicar o processo de aquisição de uma determinada língua, o autor relata a importância do contato com a palavra do outro nos primeiros meses de vida, mas esta forma de prática não precisa ser explicitamente organizada e socialmente dirigida. Já a escrita e a leitura não podem ser objetos de um procedimento espontâneo de aquisição: tratam-se de práticas sociais instituídas em que o simples contato com os escritos e a observação das leituras, silenciosas ou não, não são suficientes para transmitir. Portanto, a passagem da forma oral da língua a uma forma gráfica codificada nunca é imediata.

Por que em sociedade como a nossa, completamente alfabetizada e em que o escrito é constantemente colocado sob nossos olhos, a aprendizagem da leitura e da escrita requer ensino? Não é suficiente que em nossa vida cotidiana o cartaz, a embalagem, os sinais de trânsito ou as paradas de ônibus ou metrô sejam oferecidas aos nossos olhares desde a mais tenra idade? (BRESSION, 1996, p.26).

As dificuldades patológicas na aprendizagem da leitura, como as dislexias, ocorrem pela dificuldade de organização do espaço da escrita e leitura, questão mais comum nos canhotos que nos destros, os quais escrevem com a mão em cima do texto, esbarram na brochura do caderno. Além disso, há orientações da escrita para o processo de leitura: a direção da linha, o tempo do percurso, as formas de aprendizado na disposição dos caracteres sucessivos sobre o suporte de papel, argila, cera ou pedra. Assim, é interessante notar porque fazemos anotações ao inverso numa folha em branco, pois automatizamos a forma de leitura e o espaço em branco da diagramação dos livros, aonde normalmente as pessoas fazem as anotações. Por isso, automatizamos

o hábito de fazer apontamentos de uma leitura e anotamos nas bordas laterais do caderno. As regras de correspondência conhecidas são aplicadas no ato de ler e escrever.

Assim, a partir dessa investigação histórica realizada anteriormente é importante avaliar as formas de aprendizagens da leitura, nas estruturas perceptivas e cognitivas do homem e dos condicionamentos, histórica e socialmente, assim como as variações nos usos individuais e apropriações que cada um realiza, bem como uso criativo do livro.

De forma complementar, teorias mais recentes defendem que, para conhecer e atuar no mundo, a mente conta com corpo, ambiente, objetos técnicos e interações sociais. Nesse contexto, os dispositivos técnicos também não são meras ferramentas ou extensões de habilidades humanas, mas atuam de forma dinâmica e complexa no processo cognitivo.

Ao longo da história, o conceito de cognição não considerava os processos das sensorialidades, inteligência emocional, afetividades e atenção. A partir dos estudos contemporâneos das ciências cognitivas, educação, neurociências e biologia evolucionista, percebe-se que o processo cognitivo não se reduz a um conjunto de operações lógicas e representacionais que a mente produz, independente do corpo e do mundo. Cognição abrange todas as atividades e processos operados pela mente (Cf. CLARK, 2001; LAKOFF; JOHNSON, 1999). A mente, por sua vez, seria o resultado de um longo processo evolutivo que envolve as relações entre corpo e cérebro e suas interações com o ambiente (DENNETT, 1996). Moravec (1998) explica que as habilidades do intelecto superior – que existem apenas acerca de 100.000 anos – só puderam se desenvolver porque se sustentaram sobre nosso aparato corpóreo e habilidades sensório-motoras que vêm em processo cumulativo de evolução e, por isso hoje são automáticas, há bilhões de anos.

Varela é outro autor que vê a perspectiva do ato de comunicar não como uma transferência de informação do remetente para o destinatário. Acredita na “modelagem mútua de uma cultura pela ação conjugada da realização social, através do ato de linguagem, que dá vida ao nosso mundo” (VARELA, s/d, p.91), assim como a leitura de Barbero (2001) ou de Sodré (2001).

Autores do campo da Educa o, como Jean Piaget e Lev Vygotsky, também abordam a questão do afeto e ambiente social, ou melhor, das técnicas como

modificadoras dos sentidos e a inteligência humana. Essa abordagem cognitiva vai ao encontro das pesquisas de autores cânones da pedagogia como Jean Piaget e Lev Vygotsky. Para Piaget (2007), o conhecimento não é apenas associação entre objetos: depende da associação dos objetos a “esquemas” mentais do sujeito. Ou seja, o conhecimento se constrói pela ação e esta engendra esquemas mentais no indivíduo. Com isso, depreende-se que para a construção do conhecimento, a contextualização com o meio (objetos técnicos e relações sociais) e o uso de recursos que exploram os diversos sentidos e prazeres do estudante são fundamentais.

Já Vygotsky (1985) acredita que o indivíduo é criado histórica e socialmente, mas se conscientiza de seus pensamentos pelos atos e meio (há intencionalidade da consciência). Em seus estudos sobre aprendizado, o homem se forma em contato com a sociedade e o aprendizado amplia o universo mental do indivíduo. Assim, o ensino de um novo conteúdo não se resume à aquisição de uma habilidade ou de um conjunto de informações, mas amplia suas estruturas cognitivas. Para o autor, ainda, os conceitos nascem a partir de mediações, em que toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos (ferramentas capazes de transformar o estado natural do ambiente) e da linguagem (consolidada pela cultura à qual o indivíduo pertence).

Essa linha de pensamento de autores da educação se assemelha à ideia de cognição distribuída, de Hutchins (2000), de um usuário que precisa se relacionar mais com o ambiente (técnica e outros indivíduos) e desenvolve assim, novas formas de interação com redes sociais, veículos de comunicação, busca de informação por si próprio, entre outros. Essas visões mais uma vez se aproximam do aspecto simbólico de Barbero, mas, ao mesmo tempo, do uso, da prática, descrita na pragmática de Peirce. Com isso, depreende-se que para a construção do conhecimento, a contextualização com o meio (objetos técnicos e relações sociais) e o uso de recursos que exploram os diversos sentidos e prazeres do leitor são fundamentais.

Os autores Salvucci e Taatgen, em *The multitasking mind* (2011) explicam que as diversas atividades multitarefa ocorrem devido a um processo de cognição chamado de cognição entrelaçada (*threaded cognition*). Ela funciona como uma rede cognitiva em que as atividades que utilizam funções cognitivas diferentes atuam como linhas (fios) de pensamento independentes que vêm à mente, resultando no comportamento multitarefa, como as atividades de leitura no celular, ouvindo música, ou alterna para

atender a uma chamada. A independência dos fios com funções cognitivas diferentes é fundamental para a realização da atividade multitarefa. Quanto mais fios conseguir conectar, mais simultânea é a tarefa (Cf. SALVUCCI & TAATGEN, 2011, p. 7).

Pesquisas recentes apontam que essa fragmentação ao redor de inúmeras atividades provoca um desvio constante na atenção, uma vez que o intervalo de tempo gasto na alternância entre uma e outra tarefa passa a ser cada vez menor. Assim, há uma passagem de hábitos de intervalos de muitas horas e de tarefas que exigem certa concentração, como a leitura, por exemplo, para um modelo de intervalos de segundos atualmente. As tarefas se tornam cada vez mais simultâneas e com interrupções cada vez menores e há uma modificação nas maneiras de ler.

Entre essas atividades diárias tão comuns na cultura da geração 00, é importante destacar a função do comportamento da atenção em funções entrelaçadas assim como os problemas que surgem, como a fragmentação e o déficit de atenção (distração) devido a focos múltiplos e a atividades automatizadas. Parece estar havendo uma modificação nos hábitos socioculturais, uma vez que, como relata SARTORI (2010), ocorre um processo de “aprendizagem distraída”, devido ao convívio simultâneo de linguagens não escolares, que desafia a educação. A intervenção das novas tecnologias da cibercultura provoca novas percepções e hábitos (como o exemplo do aluno que faz o dever de casa assistindo TV e conectado na Internet). Assim, o uso dos recursos das TIC no processo da aprendizagem, segundo a autora, devem servir de atrativo para um hábito já formado pelas novas gerações nas práticas de entretenimento.

Atentar-se para a sensibilidade, ou, de outra forma, para despertar o interesse pela forma lúdica, como aponta Steven Jonhson (2005), é a melhor maneira de se obter a atenção natural e conseguir o aprendizado. No livro *Surpreendente!* (2005), o autor relata o caso de um menino que aprende noções de alíquotas financeiras durante um jogo, de forma prazerosa, com o intuito simples de seguir regras do jogo num momento de entretenimento. Assim, retomo o conceito de afeto, pois uma relação próxima com o usuário foi estabelecida e a tarefa de se absorver informações e conhecimento torna-se hábito.

Portanto, Muniz Sodré, apesar de não afirmar diretamente, corrobora com essa ideia de uma cognição que envolve processos sensoriais:

De fato, na contemporaneidade, quando o mundo se faz imagem por efeito da razão tecnológica, a redescoberta pública do afeto faz-se sob a égide da emoção como um aspecto afetivo das

operações mentais, assim como o pensamento é o seu aspecto intelectual. Se por um lado afirma-se a morte da razão una e universal, que é metafísica do pensamento forte e único entronizada pelo Iluminismo, por outro proclama-se a vida das múltiplas razões particulares, e pode-se mesmo então instituir epistemicamente uma razão ou uma inteligência para a emoção (SODRÉ, 2006, p.47).

Nesse contexto, a estética (*aisthesis*) é um dos campos importantes na manifestação do sensível na sociedade. Assim, os novos formatos incitam o usuário a uma sinestesia de conteúdos disponíveis em multiplataformas, o que contribui para a união da composição do texto escrito com audiovisual e música, o que constrói valor para o sujeito e ganha sua curiosidade e promove sua proximidade com os novos modos de participar e ler.

Para se produzir afeto, essa pesquisa investiga duas formas de exposição dos livros: o audiolivro e o livroclip, como novos formatos híbridos em alternativa para a realização concomitante de diversas tarefas. Por isso, para que o leitor não realize uma atividade somente por automatismo, pois a leitura exige certa concentração em seu formato impresso, nessas tarefas do cotidiano é mais fácil escutar a interpretação de um livro falado na volta do trabalho para casa em um meio de transporte, via MP3 ou fone de ouvido do celular ou mesmo de se assistir a um clipe que fale sobre a vida do autor, uma obra específica, ou jogar um *game* de determinado conteúdo numa atividade de entretenimento. A aposta dessa pesquisa é que a incorporação de outros sentidos como a audição e formas audiovisuais, por exemplo, possa contribuir para uma leitura mais dinâmica.

4. CRISE NA EDUCAÇÃO TRADICIONAL X RUMOS DA APRENDIZAGEM

As diversas áreas do conhecimento permanecem ativas por seus momentos de questionamentos, crises e críticas que sofrem ao longo do tempo. A Filosofia, Literatura

e História são campos que geralmente passam por debates ideológicos reacionários contrários em períodos seguidos, como nos ciclos de movimentos literários (Classicismo, Romantismo, Realismo), sistemas econômicos e políticos (a razão, igualdade, liberdade e fraternidade como ideologia no Iluminismo e o lucro como modelo base do Capitalismo), formas de pensamento dos filósofos contrárias, em busca do conhecimento, entre outros. Porém, cabe observar que, muitas vezes, esses pensamentos estão limitados ao plano ideológico. Na História, por exemplo, o mundo Moderno promove a separação absoluta dos saberes em instâncias do poder, como a Igreja, o Estado e a escola e, posteriormente, na contemporaneidade há uma ruptura dos paradigmas, promovendo um hibridismo das áreas. Contudo, na vida prática, nunca houve uma separação concreta das áreas de conhecimento, elas estão interligadas.

Analogamente, no campo da Pedagogia, emerge um crescente debate coletivo sobre a crise da Educação, desde os anos 60/70 até a atualidade. Com a digitalização e o aparecimento das novas tecnologias da informação e comunicação, a educação potencialmente parece apontar sinais de fracasso, quando o assunto é prender a atenção dos alunos e nos processos tradicionais de aprendizado escolar. Muitos pesquisadores apostam que a crise da leitura de livros entre jovens ocorra devido à sedução da imagem e dos diversos aparatos de diversão.

Seria essa também somente uma impressão ideológica que ganha tendência de discussão na atualidade no campo da teoria ou ela realmente ocorre na prática? Até que ponto o movimento crítico em relação ao processo educativo não faz parte de um modismo de discussão teórica? Ou ainda, a práxis educativa é o único modo de aprendizado válido em alternativa para o ensino tradicional/formal?

Em vista de discorrer sobre tais problemas históricos e sociais do ensino, que contribuíram para essa “crise na educação” e a formação de uma massa de analfabetos funcionais, cabe retornar e realizar uma conexão com pesquisadores da área da educação preocupados com o tema.

Como suporte para a análise do estudo de caso, recorreu-se às aulas e à bibliografia do curso *A Convergência Formativa: Comunidade, Comunicação e Educação*, ministrado no primeiro semestre de 2011, por Muniz Sodré e Raquel Paiva (ECO/UFRJ).

Pesquisadores da Educação refletiram sobre a crise do ensino, como Hannah Arendt (1961), Ivan Illich (1985), István Mészáros (2010), os quais acreditam que o sistema de ensino da educação básica só reproduza as instâncias e ideologias de quem está no poder, de forma a controlar e a fazer com que as pessoas aceitem passivamente a ordem da sociedade imposta desde as bases de ensino. Hannah Arendt (1961) explica o momento da crise da educação norte-americana nos anos 1960, pelo fato de as escolas, apoiadas nos pressupostos do pragmatismo, terem se tornado instituições vocacionais, de forma a transformar os professores em meros assistentes. A autora não acredita na política como um processo que deva ser deixado aberto às crianças nas bases da escola, o que considera ser uma responsabilidade muito grande dada a elas. A autora, contudo, não nega a pragmática e reconhece as formas de manutenção do poder pelas instituições, porém acredita na importância da autoridade do professor, do tradicionalismo, conservadorismo como apoio do sistema de ensino.

Illich (1985), ao contrário, acredita que haja um problema nas instituições de ensino, cujo modelo de educação formal representa a desescolarização da sociedade, numa formação de mundo que só contribui para a manutenção da desigualdade, degradação e miséria. Por isso, numa postura inversa à Hannah Arendt por defender a desinstalação da escola que educa em favor dos sistemas dominantes.

Já o pesquisador húngaro, István Mészáros (2010), possui uma postura mais radical em relação à educação, ao considerar que, no momento de sua crise, não é possível uma mudança real no ensino sem uma ruptura radical no sistema de controle do capital e sua relação com a sociedade. Assim parece desenvolver o pensamento de Illich, porém com um passo a mais, pois acredita no abandono do sistema capitalista e na adoção de uma práxis educativa, pela valorização do abrir-se para o mundo. A educação para Mészáros deve ser vista como qualidade para a vida e não como uma função meramente formadora para o mercado de trabalho que produz escravos do capital. O autor inicia seu texto com uma epígrafe de Paracelso que reflete o seu pensamento: “A aprendizagem é nossa própria vida [...] ninguém passa dez horas da vida sem nada aprender”. Ou seja, para ele é preciso libertar-se da escola e dos sistemas formativos, de maneira que as pessoas por si mesmas estejam aptas a descobrir um campo aberto de possibilidades, pela autoeducação, autogestão da ordem social. Portanto, o autor parece excluir a importância do professor e das escolas, mesmo com

bases no ensino da pragmática, porém ainda fala dos processos da conscientização política adquirida no cotidiano do cidadão, pelas experiências adquiridas.

Já numa postura de avaliação do ensino superior, universitário, os autores Christopher Lasch (1983), Robert Reich (1994) e Richard Sennet (2006) possuem uma abordagem voltada para a transformação da educação no sistema capitalista, em sua construção, mudança e desenvolvimento pleno, respectivamente.

Lasch (1983) acredita que a educação escolar não seja garantia de um pensamento intelectual e que, pelo contrário, a educação de massa seja incompatível com a qualidade do ensino, retomando o contexto histórico de mudança das universidades e abordando a fragilidade e decadência do sistema de ensino moderno, somente voltado para o treinamento do mercado de trabalho, não mais formador. Para Lasch, os empregos não exigem mais alto nível de competência intelectual, o mercado é superficial, trivial, não exige análise. Por isso, há o declínio das aptidões críticas, políticas, que deveriam ser construídas nas vivências do trabalho ou na educação. Além disso, o Estado passa a ser o socializador do lar e assume as funções da família no papel da educação, enfraquecendo a autoridade paterna. Assim, a educação ocorre fora da família, os pais ficam perdidos, longe dos filhos.

O economista norte-americano Robert Reich possui uma visão mais positiva sobre a educação, na medida em que, para ele, “a educação é eficiente quando refina a abstração, o raciocínio sistêmico, a experimentação e a colaboração dentro e fora da instituição de ensino” (1994, p. 216). Ou seja, diferentemente de Lasch, para Reich é possível construir um pensamento crítico pelo papel do analista simbólico (que raciocina, mas está ligado ao negócio, ao mercado) por um aprendizado informal, que aproveita as bases da educação, conjugada à busca pessoal, ao incentivo da família e refinado por processos pessoais, seja no cotidiano ou no aprendizado contínuo do trabalho (Cf. LASCH, 1994, p. 213).

O sociólogo Richard Sennett (2006), por sua vez, acredita que a educação na sociedade capitalista não seja garantia de futuro (muitos desempregados tiveram estudo, mas sem qualidade) e não valorize a competência por esforço e tempo de trabalho. Os trabalhadores mais experientes e críticos não são valorizados, nessa sociedade chamada de sociedade da capacitação, tem talento quem faz algo novo e pode se adaptar em tarefas de curto prazo, sem aprofundamento. Assim, ao mesmo tempo que passa a valer

a criatividade nas novas capacitações em mutação constante, diferentemente do ponto de vista de Lasch, não há tempo para aplicar o conhecimento por tentativas e erros para um verdadeiro aprendizado.

Paiva sustenta que para os pensadores pragmatistas e neopragmatistas, como Rorty e Dewey, o tripé Democracia, Comunidade e Educação é importante para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária. Existe neste ideário iniciado por Dewey a compreensão de que a educação, por sua vez, é fundamental para edificação dos indivíduos. E, nesse sentido, é necessário haver um pertencimento do sujeito à escola.

O neopragmatista Rorty, apoiado, principalmente, no pensamento de Dewey para apresentar a visão dos pragmatistas, entende que a substituição do conhecimento por esperança figura a oportunidade de criar novas formas da convivência entre os homens mais justas e seguras. Como bem observou Pinto(1989) em “Materialismo e nova subjetividade no projeto filosófico-pedagógico de Richard Rorty”, o pensador norte-americano nos apresenta um novo modelo sim, ele abre caminho para um materialismo não reducionista e não dogmático. Segundo ele, Rorty diz que existem dois tipos de discurso, o de estratégia universalista e o de valorização da identidade cultural. O neopragmatista apresenta como saída a criação de um terceiro, elaborado a partir da produção de outras histórias.

A via, proposta pelo filósofo neopragmatista, implica em que possamos contar outras histórias – histórias nas quais pessoas de grupos distintos se vejam e se sintam compartilhando de coisas relevantes, isto é, coisas relevantes para o seu sentimento (PINTO, 1989, p. 325).

Paulo Ghiraldelli (1998), relendo o educador Richard Rorty, completa ao dizer que cada um tem o papel de realizar redescições, numa busca pessoal de aprendizagem, pautada na vivência do cotidiano, pelo uso criativo da linguagem que facilitará novas reações, como, por exemplo, na escola que ensina de forma divertida.

Mas entre todos os (neo) pragmatistas, o educador/filósofo Paulo Freire é o único que, em vista de promover essas transformações na educação com base nesse pensamento, desenvolve uma metodologia, para a alfabetização de adultos, de forma a aproximar o aluno pelo despertar para a importância daquele conteúdo em sua vida, pela chamada pesquisa-ação, ou pesquisa participativa. Defendia, de forma conjugada, a ressignificação dos conteúdos escolares buscando uma relação com a experiência.

Portanto, diferente da ideia de um pensamento da educação em modelos filosóficos, utópicos, descobriu-se que é possível ultrapassar o discurso teórico, pouco alcançável e partir para experiências na vida concreta. Assim, diferente do olhar de um homem universal e abstrato, racional, filosófico, a educação não deve se pautar somente em alternativas para o ensino do campo teórico. Inúmeros são os exemplos de escolas que aplicam formas lúdicas de aprendizado, baseadas na experiência, no julgamento pessoal, na opinião e individualidade do aluno e cidadão.

Assim, viu-se que é fundamental a presença do professor, da família e dos grupos sociais para a criação de valores e afeto, para gerar comunitariamente resultados práticos conscientes. Diferente da utopia alienante das formas de ensino tradicionais, não pode ser somente um discurso do plano imaginário. Assim deve-se encontrar um meio termo, com o auxílio do professor, como mediador e filtro das informações, pois nenhum problema se resolve somente nas ações e práticas se o indivíduo não consegue reconhecer o que há por trás dessa prática, e nem somente na teoria: deve haver um equilíbrio entre ambos caminhos.

É sobre essa forma diferente de educar, por meio do diálogo e da inserção do conteúdo na realidade do estudante, que baseamos a possibilidade dos suportes multimídia poderem contribuir no desenvolvimento da leitura. Tal convicção advém da observação da presença muito forte do rádio, da televisão, do computador, do celular e outros suportes multimídia na vida tanto de crianças em fase escolar, como de adolescentes e adultos. Esses recursos disponibilizados em multiplataformas têm a potencialidade de alcançar, por exemplo, as crianças, em um ambiente que elas já conhecem como próprio do seu universo e que, ao mesmo tempo, os divertem, mas com foco educacional, restaurando o fator lúdico no aprendizado, seja da leitura ou de outras matérias do currículo escolar.

A psicóloga e professora titular do Departamento de Educação da PUC-Rio, Maria Aparecida Campos Mamede-Neves, nos esclarece melhor sobre a perda e o reestabelecimento do prazer no aprendizado da leitura. Ler e ouvir histórias, além da atividade gráfica, características fundamentais da leitura, encantam a todos os homens desde bem cedo. Então por que deixamos de nos interessar por tais atividades quando ingressamos na escola?

A autora explica que na primeira infância, a criança obtém grande prazer nas atividades de rabiscar, fingir que lê, e criar modos de representação diversos. Esse encanto começa a ser suprimido nos anos de alfabetização, quando o que antes era um aprendizado lúdico e contextualizado na experiência diária, torna-se uma obrigação, e aprender de um jeito imposto e sem sentido para a vivência individual.

[...] esse problema de “não gostar de ler” começa geralmente quando a criança entra nas chamadas classes de alfabetização e é despojada das coisas que fazia antes e que lhe davam grande prazer: brincar, jogar, desenhar... Apartada das atividades que lhe interessavam, a criança, por consequência, vai atribuir um significado severo às questões ligadas à leitura e à escrita. Na medida em que a alfabetização, na sua óptica, é a grande responsável por esta segregação que os adultos lhe impõem, ela passa progressivamente a ter um vínculo fortemente negativo com essa prática (MAMEDE-NEVES www.bn.br/proler/imagens/pdf/encantoneves.doc).

Constata que muitas crianças e adolescentes divertem-se, utilizando a ferramenta da leitura em plataformas multimídia, navegando na Internet, jogando *games* ou batendo papo online. Isso demonstra que, se estabelecida em um nível fora do ensino tradicional, que “rompeu com os prazeres da infância”, a leitura pode revelar-se extremamente atraente para qualquer um, inclusive crianças e adolescentes.

Parece haver uma reorganização do mundo das linguagens e das escritas, por uma transformação nos modos de ler, deixando a identificação da leitura tradicional, referente a somente livros impressos, sem apoio. O que ganha forma é uma heterogeneidade de textos, sendo texto um conceito mais amplo que inclui relatos, escrituras (envolve oralidade, visualidade, musicais, audiovisuais, telemática).

Os pesquisadores Martín-Barbero e Germán Rey já apontam as necessidades de novas pesquisas sobre o tema:

Que atenção estão prestando as escolas, e inclusive as faculdades de educação, às modificações profundas na percepção do espaço e do tempo vividas pelos adolescentes, inseridos em [...] fluxo incessante e embriagador de informações e imagens? O que significa aprender e saber no tempo da sociedade informacional? Que deslocamentos cognitivos e institucionais estão exigindo os novos dispositivos de produção e apropriação do conhecimento a partir da interface que enlaça as telas domésticas da televisão com as laborais do computador e as lúdicas dos videogames? Está a educação se encarregando dessas indagações? (BARBERO; REY, 2001, p. 58)

Inspirando-se nessa visão da educação, procurou-se observar novamente as questões do desenvolvimento da leitura e o ensino do hábito de ler no país, que infelizmente ainda apresentam um quadro de carência que não se pode ignorar.

A proposta dessa pesquisa segue a linha de pensamento de Beatriz Sarlo, no sentido de o livro persistir como chave primeira da alfabetização formal. Porém, se deve

abrir os olhos para uma segunda alfabetização, a que nos abre a múltiplas escrituras, conformando o mundo audiovisual e da informática:

Estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura que não significa somente a mudança de um modo de ler para outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com o que isso implica de continuidades e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos (SARLO, 1998, p. 65,77).

O desafio do ecossistema comunicativo nesses formatos de novas leituras está na inclusão social das classes mais abastadas, porque não possuem acesso às formas computacionais em casa. Por isso, a importância das escolas utilizarem criativamente as mídias audiovisuais e as tecnologias informáticas, que tornem possível o trânsito de um modo linear a outro descentralizado e plural, cuja chave é a criatividade na reorganização dos saberes para novas formas de participação cidadã e as modificações cognitivas, pelas diferentes formas de interpretação e apropriação das mensagens televisivas e de sua localização em outros contextos de suas vidas cotidianas (Cf. BARBERO; REY, 2001, p. 71).

5. FORMAS MULTIMÍDIA: O LIVROCLIP E O AUDIOLIVRO

Antes de abordar as formas multimídia de incentivo à leitura com destaque para os dois estudos de caso, é necessário perpassar pelo processo de leitura desde o que está dado no mundo, às formas de representação escolhidas na textualidade até o processo de recepção pelo leitor. Para isso, será feito um resgate aos autores que abordam os fatores envolvidos no ato de leitura e posteriormente serão dados exemplos de estratégias multimídia no Brasil e no mundo.

5. 1. Os atos de leitura e interpretações

O processo de leitura são formas convencionais estabelecidas entre o autor e o leitor, de forma a auxiliar o receptor na decodificação e interpretação da mensagem original. Como são diversas as possibilidades de leituras, distribuídas em diferentes camadas de conhecimento, os gestos codificados contribuem para compreendermos o mundo, pela língua, identidade, experiência, história, memória, escritas. Funcionam como mapas do sistema de representação em que os signos e seus significados são organizados para estabilizar temporariamente as significações de maneira particular (Cf. BARKER apud FINGER, p. 51).

Paul Ricoeur explica que os signos, regras e normas são espécies de “paradigmas recebidos [culturalmente] que estruturam as expectativas do leitor e que o ajudam a reconhecer a regra formal [numa leitura], o gênero [do filme ou livro] ou tipo exemplificado pela história narrada. Ou seja, são elementos que fornecem diretrizes para o encontro entre o texto e o seu leitor” (RICOEUR, 1995, p. 117).

Mas mesmo conhecendo códigos estabelecidos, regras – como classificação de gênero de filmes, estilo literário, entre outros – ainda assim o leitor pode identificar na narrativa diversos pontos de vista diferentes, seja dos personagens, do narrador ou do discurso por trás da imagem do autor, numa percepção externa. O leitor normalmente identifica o ponto de vista mais acentuado que o autor deseja passar em uma orientação do olhar para os personagens e narrador, na maneira de composição da obra que, apesar disso, pode ser lida em diversos níveis.

É pela voz narrativa que o autor dirige-se ao leitor e o apresenta o mundo contado por um ponto de vista. Porém, para além dessa voz, há um discurso, relacionado ao plano ideológico e ao contexto, com objetivo maior que a divulgação da obra, seja ele de dominação ou de controle. Essa ideologia faz parte de um sistema que organiza a visão conceitual no mundo, presente em toda ou parte da obra (Ibidem, p. 155). Talvez por isso as escolas utilizem códigos classificatórios, almejando dar legitimidade às instâncias do poder hierárquicas e, conseqüentemente, realizar a manutenção da ordem.

Para Paul Ricoeur (1995), a leitura é a transição entre a pré-figuração do mundo, a configuração do texto e sua refiguração, a interseção entre o mundo, o texto e o mundo do leitor, não num processo sequencial, mas circular. No texto “Tempo e Narrativa: a tríplice mimese”, Ricoeur explica esses três momentos constituintes do processo ou *ato de leitura* que ligam o autor ao leitor, num círculo hermenêutico da leitura, simultâneas, no jogo complexo narrativo entre o autor e o leitor, num gesto mimético de interpretação da realidade. O autor nomeia de Mimese I, II e III o conjunto dos acontecimentos, na tentativa de dar ordem ao mundo pelo tempo da narrativa e pelas leituras que animam o texto, interpretações. A Mimese I é o mundo pré-figurado, espaço do “agir”. Nela estão presentes os criadores/produtores da imagem (jornalista, escritor, roteirista), sujeitos que apreendem o mundo pela vivência na realidade. Já a Mimese II é o mundo configurado, o “como se”, o texto como representação da coisa do mundo (seja por meio de um filme, fotografia, peça, notícia). Ou seja, é o produto, objeto representado de um olhar de parte dessa realidade transformada. E a Mimese III é a refiguração, a leitura pela maneira que o leitor olha para o objeto representado. Esse percurso de produção em relação contínua, móvel, fluida e em construção constante é necessário para se analisar uma obra textual, mesmo que envolva imagem, audiovisual,

no processo de leitura ampliada. Não há independência entre os agentes presentes na narrativa e nem isolamento dos processos. O espectador ou leitor/pesquisador também faz parte desse mundo observado complexo, pois presente no mundo do agir.

Aqui cabe realizar a diferenciação entre narrativa e discurso. Para Ricouer(1995), a narrativa é uma forma de estar e entender o mundo. É por meio da narrativa que se pode reunir e representar o discurso das diversas perspectivas existentes sobre o tempo. Assim, para o autor, a narrativa é mais ampla que o discurso, pois envolve todo o processo entre o agir, o texto e a leitura. Todavia, a narrativa não pode ser analisada de forma isolada dos jogos de poder e ideologias, presentes no discurso. Já o discurso é a produção do texto com visão política e econômica, em enquadramento autoritário, numa mistura de parte da realidade com o texto. Porém Fairclough (2001) considera o discurso como algo não tão específico. Para ele, não é possível isolar o discurso do mundo (o agir, de Ricouer) para analisá-lo. Assim, concordando com a ponderação de Emile Benveniste “interessa mais uma postura de inclusão do discurso na narrativa do que pela disjunção ou oposição entre eles” (RICOEUR, 1995, p. 114). A importância do estudo da narrativa envolve toda essa complexidade circular.

Roland Barthes (2004) também defende que a função primordial de um texto é conectar o autor com o leitor, de forma que os dois possam coexistir dentro do seu contexto. Para isso o texto necessita ter emoções, pois a sua falta afasta, automaticamente, o leitor do livro ou “textualidade”. Segundo Barthes, o prazer da leitura e a fruição envolvem diversos tipos de situação, de acordo com o gosto e sensibilidade do leitor. Afirma que há dois regimes de leitura do texto: o do prazer, em que se ignora os jogos da linguagem, em que o prazer é eufórico, por fugir ou reiterar a consistência dos gostos, valores e lembranças; o outro, o da fruição, não deixa passar nada e vem da cultura, não rompe com ela, em hábito confortável de leitura (BARTHES, 2004, p. 20). Assim persistem formas de leituras variadas, seja por prazer ou por obrigação, por descobrimento, o que afeta a relação de recepção do leitor.

Jean Louis Comolli (2008), ao apresentar o processo da *mise-en-scène* no cinema parece, de certa forma, retomar o mundo narrativo de Ricouer, promovendo a mistura entre mundo/texto/leitor. O pesquisador retorna ao tempo em que o autor tinha autoridade de seu texto e era visto como legitimador. Hoje, para ele, o poder das

criações está no espírito do tempo, nas criações em rede, coletivas (para citar a teoria do ator-rede de Latour), num processo sociocultural de uma criação, pelo estar no mundo.

Norman Fairclough (2001) também aborda a questão do pensamento político social presente por trás de um texto, nas práticas discursivas e na prática social. Para Fairclough, os modos de ação sobre o mundo podem ser representados no texto, moldados pela estrutura e práticas sociais, através de convenções e normas por classe, pelas relações sociais, dependendo do ambiente institucional e do posicionamento diferenciado do sujeito, ou por sistemas de conhecimento e crenças. Analogamente, talvez por isso o discurso da escola numa linguagem formal, tradicional, que impõe certa hierarquia, seja distante da realidade dos jovens alunos, como maneira de manter esse distanciamento e para não haver diálogo nas relações sociais. Fairclough (2001) aborda uma questão importante referente ao discurso como prática ideológica. Para ele, por trás das convenções e normas e códigos, bem como as práticas que seguimos e naturalizamos, estão presentes relações de poder e ideologias particulares sem que percebamos que estamos inseridos dentro de uma lógica de controle (Cf. FAIRCLOUGH, 2001, p. 94), tal como Foucault já explicitava em a ordem do discurso. Assim, não se percebem as regras ideológicas, políticas, sociais por meio de um discurso (Ibidem, p.96).

Fernando Resende (2011), em curso sobre a imagem da escrita, ao recuperar os códigos imagéticos também presentes em estratégias discursivas e narrativas, retoma os conceitos de discursivo e o dialógico da obra de Vilém Flusser. Para Flusser, o discursivo é uma fala orientada embutida numa descrição escrita, que atribui valores e ética. Já o dialógico rompe com o discurso, questiona a ordem. É o espaço em que outros pontos de vista são mostrados, trabalha com os demais sentidos, promovendo a quebra do ponto de vista tradicional, é o espaço do decifrar.

Já Vilém Flusser (2008) possui uma visão negativa do processo, quando realiza uma crítica ao dizer que os participantes do quadro cultural são tomados pela tecnologia e absorvem tudo, ignorando o interior das “caixas pretas”, ou seja, sem um posicionamento crítico na recepção. Para ele, os discursos estão embutidos e são reproduzidos tanto na produção como na recepção cegas. Flusser, assim, não é a favor de uma a informação junto à comunicação porque, na prática, elas não trabalham em

conjunção. Há dispersão, discurso, em lugar do diálogo. O filósofo aposta na liberdade e criatividade para brincar com a informação, num jogo produtivo, consciente, dialógico, que ocorre pela relação e não por meios da autoridade (p. 107).

Assim, visando a analisar esse processo e os atos de leitura que trabalham entre o jogo de inovação criativa e de sedimentação dos paradigmas na produção do texto, também é no ato de ler que o destinatário efetua desvios na interpretação, já que o texto revela lacunas que somente o leitor tem uma maneira particular de reconfigurá-las.

O texto só se torna obra na interação entre texto e receptor. Para se completar a teoria da escrita com a da leitura, a referência do leitor é requerida para interpretar a narrativa, na interseção de suas vivências, pautadas no que os Estudos Culturais destacam (as mediações e relações simbólicas culturais passadas pela família, escola, religião, governo). Dessa maneira, o leitor de uma cultura específica, por mais que tenha a noção do todo da diversidade cultural, levará em consideração a influência e tradição de sua comunidade, ou seja, sua leitura (decodificação) pressupõe um *background* de suas referências pessoais, formas de expressão de seu grupo de pertença o que interferirá na leitura e interpretação das mensagens, seja por meio da interpretação dos discursos ou por redescrições da forma tradicional em um diálogo aberto.

5.2. Estratégias multimídia de aprendizado

A proposta desse trabalho enxerga nos suportes multimídia e seus produtos, tão popularizados entre crianças, de idade cada vez mais precoce, formas de incentivar a leitura, apostando num conceito de leitura mais amplo, ou no conceito de textualidade que envolve audiovisual, *games*, som, entre outros recursos.

Portanto, cabe exemplificar algumas estratégias multimídia que têm sido utilizadas como forma de aprendizado no Brasil e no mundo. Entre as abordagens de ensino que misturam aprendizado e diversão encontram-se algumas que habitam o cotidiano de certas parcelas da população e são extremamente populares entre os jovens em idade escolar, como: jogar videogame, assistir televisão, escutar o rádio, utilizar o computador, navegar na Internet, usar o celular – para além da simples ligação – etc. Estando elas já enraizadas no dia a dia das pessoas, seu aproveitamento para a educação

torna-se mais propício, pois não há necessidade de forçar um hábito novo ou, então, ir contra fatores sócio-econômicos que ainda restringem outras alternativas.

Um tipo de estratégia multimídia de incentivo e ensino da leitura poderia estar baseado nos *games*. Atualmente, os jogos eletrônicos vêm ocupando boa parte do tempo das pessoas de todas as idades. Eles são uma maneira de entretenimento multimídia que está popularizando-se rapidamente. Estudos já comprovaram a potencialidade dessa forma de entretenimento em desenvolver habilidades, de cunho: sensório-motor, lógico, entre outros, incluindo o aprendizado por atividades prazerosas.

Cite-se uma pesquisa da Universidade de Nottingham Trent feita com 24 alunos da escola inglesa de Loughborough. Eles têm entre 16 e 24 anos e apresentam problemas como Síndrome de Down e autismo. Após testarem suas habilidades em rebater bolas de tênis e, em seguida treinarem usando os jogos de Nintendo wii durante cinco semanas, 75% dos alunos melhoraram seus rendimentos no jogo e 53% apresentaram melhora no aprendizado. Em uma segunda etapa, os alunos jogaram boliche e tentaram derrubar os pinos. Após o “treinamento” de cinco semanas, usando o Kinect, da Microsoft, 94% deles apresentaram pontuações bem mais altas que no começo.

Casos semelhantes podem ser observados em profissões que exigem situações de risco. Os simuladores de voo funcionam como jogos e são utilizados para capacitar profissionalmente os pilotos. Existe uma instalação na Internet de uma espaçonave [Hitchhikers Guide Pod](#), em Quick Time, com fotografias tiradas sequencialmente, no site www.z360.com, que passa a ideia de imersão pela percepção em 360 graus entorno de um objeto, cujos jogadores parecem ser pilotos e devem executar as tarefas da profissão como na realidade. O usuário, assim, tem a sensação de estar em imersão em um ambiente similar ao da realidade, por um jogo interativo.

Os *games* educativos são outra opção para despertar o interesse à leitura e aos conteúdos de sala de aula. Uma matéria divulgada no site *Olhar Digital* relata a experiência do professor Gilson Schartz, da Escola de Comunicação e Artes, que desenvolveu um *game* chamado “Conflitos Globais”, semelhante ao “The Sims”, por uma ferramenta já utilizada por 500 escolas européias, e o jogo pretende auxiliar alunos a entender problemas sócio-econômicos, através do personagem de um jornalista que armazena respostas, entrevistas em texto e produz, ao fim, sua matéria com o que reteve

de informação. O pesquisador comprova que a retenção do conteúdo por essa experiência se eleva para 60%, 70%, pelo interesse que desperta pela simulação da vivência. Assim, aposta na “convergência dentre o brincar e a coisa séria para a retenção dos conteúdos” (Entrevista concedida ao programa televisivo *Olhar Digital*, disponível também pelo link - http://olhardigital.uol.com.br/produtos/central_de_videos/games-invadem-as-salas-de-aula). Outra experiência que destaca o videogame como instrumento de aprendizado na escola, por despertar a curiosidade em assuntos, é o exemplo da escola particular Santa Maria, de São Paulo. Essa escola resolveu aplicar pedagogicamente os *games* como ferramenta de aprendizagem, assim como também ensina aos alunos a desenvolverem seus próprios jogos eletrônicos, de acordo com o conteúdo estudado. Assim apreendem tanto o conteúdo de história, geografia, como devem absorver noções de Física, como explica o coordenador do Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento de Jogos Eletrônicos do colégio, Muriel, Vieira: “para fazer o boneco pular, o *software* pede que o programador coloque gravidade, força e aceleração do movimento”. (Idem).

As crianças aprovam o método, não mais só pautado em apostilas e quadro e giz com aulas expositivas, já não suficientes para prender a atenção dos jovens. Segundo relata uma aluna de um curso de História que utiliza os *games* como ferramenta de ensino, à reportagem realizada pelo *Olhar Digital*: “os jogos ensinam e nos ajudam na hora de estudar, pois é uma aprendizagem mais dinâmica, convivemos com o problema e sabemos como solucionar no dia a dia”. (http://olhardigital.uol.com.br/produtos/central_de_videos/jogos_educativos).

No mercado, muitos são os videogames que utilizam referências históricas, mitológicas, como verdadeiras narrativas, em que o jogador participa da trama como se estivesse inserido na história de um filme em 3D, como “God of War” ou “The Turdors”, em que a construção do *design* gráfico e avatar são tão bem feitas e realistas e se assemelham a imagens de um cinema.

Entretanto, nesse aspecto há que se destacar a necessidade de presença do professor nesse processo em sala de aula, mesmo na utilização dos *games*, porque faz a mediação, transforma a informação em conhecimento. “Muitas vezes os alunos têm contato com os *games* em casa, mas não relacionam com o contexto histórico, ou com o relevo geográfico, ou com uma fórmula matemática; então é importante a presença do

professor para chamar a atenção para esses dados”, explica Michel Goulart, professor de História, participante do projeto que aplica os *games* na sala de aula.

Num viés análogo, ao se pensar na leitura, será visto que muitos jogos também a estimulam em adaptação de suas histórias para a plataforma escrita e vice-versa, assim como para as telonas, os celulares, *sites* e uma infinidade de outros meios.

Já é estratégia antiga a utilização da literatura para realizar adaptações para o cinema ou para seriados de TV, como forma de popularizar os produtos literários, assim como atrair públicos de nichos diferentes. Um exemplo relevante é o da adaptação/desenvolvimento de conteúdo de maneira transmidiática dos quadrinhos de *Watchmen*, do autor Alan Moore, para o cinema. Se as HQs do autor já utilizavam a linguagem *flashback*, recursos do cinema de uma forma inteligente, na adaptação fílmica do diretor Jack Snyder, independente de se julgar os critérios de qualidade da obra, possibilitou um acesso a um público maior pelo filme, visto que anteriormente o público leitor era muito específico, somente o nicho dos quadrinhos, algo que Chris Anderson (2006) nomeia de Cauda Longa.

Mas, visando a ampliar as formas de atrativo e de despertar a curiosidade do brasileiro para o hábito da leitura, esse projeto objetiva realizar uma análise dos recursos midiáticos utilizados como alternativas para incentivo à leitura. Para isso, nessa pesquisa são analisados como estudo de caso: 1) a opção pela estética do livroclip, uma moldura digital de um livro animado (disponível pelo *site* www.livroclip.com.br) e 2) a estratégia de algumas editoras de produzir audiolivros, isto é, a viabilização de arquivos com textos sonoros via *MP3*, *Iphone* e demais leitores digitais, permite uma mobilidade e uma modificação nas práticas de leitura, realizadas em meios de transporte urbano, e não somente com uma função concentrada.

Ainda são poucos os estudos contemporâneos sobre a transformação dos formatos de leitura sob influência das tecnologias. O acesso a conteúdos pode ser feito por meio de diversas plataformas digitais, tanto de forma interativa, como pelo auxílio ao audiovisual, pela Internet mediada pelo computador, música, DVDs, jogos e celulares. Guillermo Orozco (1996) comprova essa questão ao dizer que se as televisões comunitárias e locais põem os espectadores em relação às situações mais próximas do seu bairro, de sua família extensa, de seus vizinhos, assim como os documentários científicos do canal Discovery geram contextos educativos nos quais a

ciência se aproxima do cotidiano de uma maneira que torna lúdica a didática e o saber divertido (p. 71).

A mesma coisa ocorre nos processos de leitura. Essa inventividade depende das sensações despertadas pelo conteúdo e das possibilidades de manipulação do objeto dadas ao público, proporcionados pela linguagem e pelo meio utilizados como forma de expressão.

A migração digital possivelmente afeta o comportamento da audiência, a forma de contato e relacionamento com as mídias. Para além de uma relação unidirecional do emissor para o receptor, o ambiente digital propicia à audiência a oportunidade de dialogar, de produzir afeto. Assim, o uso de mídias na escola aparece como uma forma de diminuir o tédio do ensino tradicional, cartesiano, expositivo.

5.3. O Livroclip

Como novo modo de ver e ler, de aprender e conhecer, distinto da tarefa somente obrigatória e com possibilidades de conexão com dimensões da vida dos adolescentes, o livroclip é um produto híbrido, nascido em 2005, a partir de um email recebido pelo idealizador deste novo projeto, que, originalmente, era uma animação investigativa sobre a tragédia de 11 de setembro dos EUA. Chamava a atenção por ser simples, e, no entanto, por ser um material interessante para ser utilizado como conteúdo em sala de aula. A partir daí o produto livroclip foi criado como uma realização sem fins lucrativos, apostando no desenvolvimento de formas lúdicas que servissem de atrativo para os jovens se interessarem pelo mundo da leitura, a ser aplicado como auxílio ao material didático dos professores em suas aulas e à renovação das formas tradicionais de educação.

Assim, após realizar um projeto piloto do livroclip, a empresa de comunicação Recalque é contratada pela Editora Ateliê e Telefônica para a realização de um projeto experimental a ser exibido como novidade na Bienal do Livro (2005). A partir dessa ideia, foram produzidos os primeiros cinco livroclips, baseados em clássicos da literatura, como forma de promoção à leitura.

Os primeiros livroclips eram grandes, possuíam uma média de 7 minutos, seguiam um formato documentário, como um *trailer* para o livro original. Um dos

primeiros livroclips documentário realizado foi o do Dom Quixote que já fazia uso de trilha sonora de filmes de história e investigação ao estilo Indiana Jones, além do uso constante de sonoplastia e ruídos. Porém não havia narração em off, o que determinava um gênero mais preso à narrativa impressa, já que era o objetivo atrair o jovem para a leitura e não limitá-lo a assistir a um vídeo ou audiovisual ou publicidade de um livro. Dessa forma, o livroclip de *Dom Quixote*, de Cervantes, inaugura uma estética semelhante ao cinema de metáforas, utilizando: 1) imagens antigas no tempo da história, com o uso de colagem de gravuras e animação por cima delas, com movimento, recorte, zoom, aliada ao recurso da sonoplastia e trilha sonora, como nos *trailers* de cinema (no caso do livroclip de *Dom Quixote* é feita a referência a um livro antigo em rolo com diversas figuras estampadas, sendo desenrolado, aberto, e o movimento captado pela câmera, no qual as ilustrações dos personagens da história se destacavam, saltavam do papel em zoom para a realidade, como se tivessem sido rasgadas, de forma a contar um pouco das características de cada imagem via palavra escrita, trechos escritos referentes à obra original que aparecem na tela); 2) fotografias de pessoas reais (como no caso do livroclip de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, com estética da colagem, em que a montagem permite o movimento da foto do personagem pela tela, e no livroclip de Fernando Pessoa, posterior, com montagem já em formato de clip, com fotos sequenciais); ou 3) mesmo de referências fílmicas e do imaginário do jovem (sonoplastia, como as de apresentação de *trailers*; trilha agitada e referencial de filmes de ação/ aventura, de ficção científica, trechos de música de suspense para transmitir a ideia de mistério, crimes e intrigas dos personagens). Tudo isso para aproximar o universo dos clássicos da literatura do cotidiano do jovem (fig.1).



Figura 1 – Cenas diversas dos primeiros modelos documentais de livroclips: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Colagens de fotos e gravuras em movimento, mistura com estética de *games*, vídeo fragmentar e do *trailer* de cinema (créditos em paralelo com trilha sonora e sonoplastia).

Assim, os livroclipes se iniciaram num processo semelhante ao do videoclipe de TV, com ao mesmo tempo uma mistura de *trailer* de filmes e documentário, porém num *trailer* realizado em atrativo para uma obra impressa.

Em 2006, foi criado um *site*, de nome *Instituto Canal do Livro*, (www.canaldolivro.com.br) para a divulgação e disponibilização do conteúdo, de forma aberta ao público, e eram realizadas enquetes com professores sobre a forma de atrativo dos livroclipes, o que achavam do produto, o que atrairia mais o público jovem das escolas, pesquisas sobre qual deveria ser o formato ideal. Parece que nesse período o formato inicial dos livroclipes ainda estava muito preso à letra impressa e não à imagem em movimento, além de ser uma forma de publicidade das obras originais (utilizavam-se, inclusive, símbolos de promoção de preços de lojas com um balão em vermelho escrito que o produto original – livro impresso – poderia ser encontrado numa livraria ou biblioteca). O formato publicitário inicial testado no site, sem muitos recursos audiovisuais, se assemelhava à proposta de programação que Lev Manovich (2001) estabelece em *Soft cinema*, em um cinema de dados pensados para uma plataforma de computador, que trabalha todos os livros com a mesma base, somente alterando as mensagens escritas e o som de fundo. No caso do livroclip, a capa do livro montada pela equipe ficava posicionada no lado direito da tela parada e surgiam trechos escritos ao lado, de uma janela, à esquerda, como uma página do livro, com fundo musical instrumental e em uma média de tempo de 30 segundos a um minuto e meio.

Porém, com o passar do tempo, após o desenvolvimento de pesquisas, o *site* cresceu e mudou para o endereço (www.livroclip.com.br) e passou a ter como objetivo principal levar os produtos como material auxiliar às escolas de todo o Brasil junto a um acervo de livros digitais e de recursos pedagógicos extras. Assim foi criada uma biblioteca digital (*Biblioteca Digital LivroClip*), com catálogos de livroclips e, posteriormente, como forma de manutenção própria, limitou-se o acesso ao público (atual www.livroclip.com.br), sendo o material do *site* disponível somente para assinantes.

Na Biblioteca, além do acesso ao catálogo dos livroclips, há uma opção para resumo da obra, livro em pdf, sugestões para professores de como utilizarem os livroclips em temas de sala de aula e datas comemorativas do ano. As escolas entram como assinantes para disponibilizarem o acesso aos professores e alunos; editoras passam a contratar o serviço de livroclip de obras literárias como recursos educacionais para aulas assim como publicidade para as obras, e empresas participam e doam a assinatura para escolas públicas locais, como forma de responsabilidade social.

Normalmente é mais comum que as escolas particulares utilizem o recurso do livroclip. Professores e alunos de 300 escolas do PEA-Unesco possuem hoje acesso livre à *Biblioteca Digital LivroClip*; além disso, as instituições públicas de ensino sem assinatura, assim como demais usuários da rede, podem acessar o material gratuitamente, via Youtube.

Atualmente, apesar de desativado o *site* do *Instituto Canal do Livro*, foi criado um usuário, via facebook e twitter, que disponibiliza todo o material do livroclip em audiovisual por meio do *Canal Livroclip* criado no Youtube, com a separação de livroclips para diferentes públicos e séries. Desde março de 2008, o canal, de endereço (<http://www.youtube.com/user/livroclip>), possui 409.126 exibições do material enviado. Se comparado aos acessos do *site* do Comitê Gestor de Internet do Brasil, coordenado pelo IBICT e que congrega todas as bibliotecas virtuais do país e de 28 grandes instituições de fora do país, está parado desde 2002. Assim, um canal ativo como uso constante das escolas faz diferença quando o assunto é consulta e interesse do material disponibilizado. E por isso o professor tem o papel fundamental de aplicação dos conteúdos em aula, de atentar os alunos para a consulta, despertar o interesse pelo uso da ferramenta. Talvez por isso os acervos das bibliotecas digitais tenham ficado parados e algumas fontes até ameaçadas de sobrevivência, pela falta de um tutor em criar hábitos da consulta e auxiliar no aprendizado do uso da ferramenta. No caso do usuário do *Canal do Livro*, foi realizada uma seleção do material, separada para Educação Infantil e Fundamental 1 (que possui livros editados por um dos parceiros do canal Livroclip, como a Editora Callis, com ilustrações originais animadas em movimento e ainda com balões de texto escrito, produzindo um livro mais dinâmico para crianças, com sonoplastia, música de fundo; normalmente são livroclips curtos, de 1'30" ao máximo). Para esse público infantil assinante, há uma outra proposta mais semelhante ao livro digital interativo, em que crianças podem escolher o caminho que querem seguir, rabiscar gravuras por cliques no mouse, criar seus próprios desenhos junto à imagem, movimentar bonecos ilustrados, escutar a versão em áudio interpretada, assim como escolher um entre diversos finais. Essa proposta se assemelha ao não linear e lúdico já buscados na literatura ao longo do anos, como os vários finais na coleção *Enrola/Desenrola*, nos livros/brinquedos com peças com ímãs para crianças colarem,

livros em montagem em 3D ou com óculos interativos, em histórias disponibilizadas em quebra-cabeças, formas essas que o mercado infantil já investe há mais tempo.

Outro usuário criado pelo Youtube pelo *Canal do Livro* é o de livroclip de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, o que já possui um foco voltado mais para um público jovem, conta com animações de obras de grandes escritores brasileiros, normalmente material pedido em vestibular. Os livroclips documentários, com animação em flash, são de tamanho maior, em média de 6 minutos, também englobam parte de referências biográficas dos autores, para ampliar o universo de conhecimento do aluno e o aproximar do mundo dos autores. Normalmente esses produtos utilizam a fórmula de produção de videocliques com um fundo musical de uma banda famosa (com direitos autorais liberados pela produtora de música Trama, parceira do Livroclip), porém sem que a música seja o objetivo principal e sim o pano de fundo, estratégia utilizada como forma de promover a identificação dos jovens com o produto (mas o que pode acabar se tornando cansativo com a duração de uma música inteira). Uma coleção em animação chamada *Letras Paulistas*, que reuniu oito livroclips de obras de autores consagrados brasileiros paulistas e contou com a colaboração de bandas de famosos paulistas que cederam os direitos autorais, foi criada como resultado da premiação de um projeto pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (2007), em ação de incentivo à leitura, e conta com um produto em DVD como resultado, reunindo grandes nomes da literatura paulista (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Monteiro Lobato, Álvares de Azevedo, entre outros). (Fig. 2) E, mais recentemente, o site (www.livroclip.com.br/livrogames/) começa a postar em *games* educativos, interativos, a serem utilizados como material pedagógico para crianças, porém ainda tem uma arquitetura muito simples, como o *Jogo da Língua Portuguesa* (das novas regras gramaticais) ou o *da pedra no meio do caminho* (Carlos Drummond de Andrade), um jogo da memória.

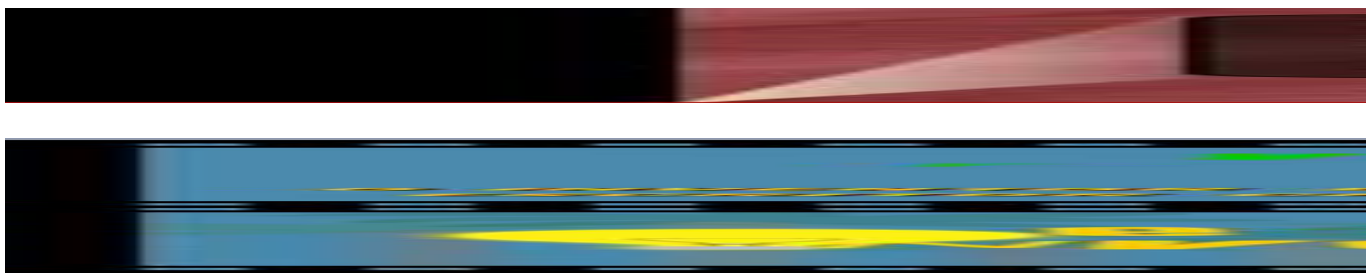


Figura 2 – Modelos sequentes de livroclips: 1) formato publicitário, sem recursos, com base de dados do computador e fundo sonoro instrumental e 2) animação em *flash* de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, que mistura linguagem de *game*, brinquedos (Lego), com música da banda Nação Zumbi ao fundo, em seis minutos de apresentação.

Entretanto, constata-se que a estética da animação em *flash* com trilha sonora de uma banda, tocando a música até o fim, acaba por deixar o livroclip um pouco infantil e cansativo para os adolescentes, já que não há cortes e nem fragmentação na linguagem.

Outro tipo de canal para o Livroclip do Youtube é o de comunicação organizacional, talvez pelo fato de a ideia do canal ter partido de uma empresa de comunicação de São Paulo. Mas ainda, as formas de exposição do conteúdo, com muitas referências a conceitos, é pela palavra, com uma música eletrônica ao fundo, utilizando o primeiro formato de publicidade de base de dados pelo computador de uma janela que se abre como um livro, já descrito acima. Talvez a estética das fotografias aliada à sonoplastia seja uma solução mais atrativa para esse tipo de livro.

Dessa forma, nota-se que não há fórmulas para as produções da identidade dos livroclips, livre de normas, regras, numa explosão de gêneros e de mídias, pois desde o início a produção optou pela experimentação de linguagens, além de se pautar em testes e enquetes realizadas junto aos professores e usuários. Há assim, também nesse produto, uma explosão do gênero livro e do conceito de leitura, não mais preso às formas impressas.

O Livroclip é um misto de videoclipe (de fotografias) e videoinstalações (utiliza sons eletrônicos, imagens fragmentadas em movimento, colagens), de *trailer*, documentário, vídeo biográfico, animação com bandas famosas, *game* (livrogames) e publicidade. Mas todas as suas representações buscam atrair o jovem para o universo do livro e, para isso, realizam uma contextualização da história numa linguagem mais próxima da realidade do adolescente.

A escrita do conteúdo também está ligada a outros tipos de representação gráfica, seja utilizando uma música mais agitada para representar a personalidade de um dos personagens, ou pela colocação de ruídos e créditos que entram em letras diferentes que tenham a ver com o conteúdo da história, sem regras, num processo criativo aberto. Entretanto, cabe questionar porque não utilizam ainda fala em *off* ou dos personagens filmados nos livroclips. Seria por questões de custos? E a opção de gravações de experimentações com textos, seguindo o exemplo de videopoemas de Arnaldo Antunes, num jogo de letras na tela, fazendo desenhos ou mesmo dos poemas visuais da

literatura? Assim, percebe-se que a textualidade do livroclip ainda está presa às formas fixas da escrita impressa, à palavra, sendo esse o elemento fundamental para qualquer criação como uma publicidade que não só impulse a venda, mas principalmente que incentive uma busca pelo livro original ou para toda forma de leitura, seja via pdf no computador, arquivo digital próprio para *ebooks*, livro impresso comprado em livrarias, por circulação de acervo em empréstimos de bibliotecas ou trocas entre amigos (incluindo os comentários em redes sociais dos autores e obras). O que interessa é a promoção à leitura.

Esse tipo de produto poderia ser utilizado como incentivo ao acesso dos catálogos de bibliotecas, num acervo digital ou mesmo como publicidade para os jovens dos livros impressos, como fonte de consulta em telas de computador de livrarias, numa maneira facilitada de incentivar o interesse pelas obras. Poderia haver um salão multimídia na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (proposta específica para atender ao objetivo desta pesquisa), com exposição das obras da BN, a ser frequentado por visitas guiadas de colégios do Estado e Prefeitura do Rio de Janeiro, assim como atividades escolares com professores, informativas sobre os autores, ao estilo do programa *Quarta às 4*, que já acontece na BN, com escritores contemporâneos, encontro aberto ao público.

Paralelamente, parecem surgir produções de fora da empresa, realizadas por fãs de *best sellers* pelo Youtube, ou em realizações experimentais de trabalhos de faculdade (na sua maioria livroclips advindos de imagens e falas de *best sellers* já adaptados para o cinema, ou ainda em versões caseiras gravadas com bonecos ou fotografias em cliques de fotografia com uma música de fundo, ou então com desenhos e ilustrações dos próprios livros. São exemplos o livroclip de *O pequeno Príncipe*, de Antoine Exupéry, obra que já possui ilustração no livro e em que somente realizam uma seleção para o vídeo. O livroclip caseiro do livro *O menino do pijama listrado* utiliza cenas do filme adaptado como pano de fundo para uma publicidade do livro original. Já outros livroclips caseiros, como o *A Cabana*, também trabalham com a estética das fotografias sequenciais, porém sem utilizarem sonoplastia, sendo o efeito semelhante ao das fotos caseiras de uma câmera que se coloca automaticamente em um computador para passarem em movimento com um fundo musical para a família assistir. Porém a única diferença marcante de um clipe de imagens é que em todas produções também há o uso

de legendas, e caracteres, como forma de explicar a trama do livro impresso, mesmo que não sejam passagens entre aspas do autor. Assim, a imagem, nesse caso de particular de produção, passa a ter um papel de fundo fotográfico e a trilha sonora funciona como música de fundo ou ilustração. Há também produções realizadas por instituições de ensino como material didático, como os realizados pelo *Canal Multimeios* do Rio de Janeiro, como, por exemplo, no livrotrailer de *Policarpo Quaresma*.

5.4. O Audiolivro

O audiolivro, por sua vez, é um livro para escutar a qualquer hora, em qualquer lugar, via aparelho MP3, computador, celular com fone de ouvido, entre outros. Na verdade, desde o final da Primeira Guerra Mundial, soldados que ficaram cegos nas batalhas já faziam uso de fitas de áudio para substituírem a leitura. Entretanto, as vendas de audiolivros no formato atual se popularizaram a partir dos anos 80, nos Estados Unidos, com a intensificação do processo de globalização e da correria da vida nas grandes cidades. Já, no Brasil, os discos de vinil, contendo histórias infantis narradas, tornaram-se populares na década de 70, mas o hábito de escutar se perdeu com o tempo com a supremacia da TV. Hoje, no país, entretanto, o número de títulos vem crescendo, começou com editoras especializadas em livros de autoajuda, religiosos e para concurso e despontam também no mercado de *best sellers*, com publicações e vendas em *sites*, como na editora Audiolivro (www.audiolivro.net) ou Universidade Falada (www.universidadefalada.com.br).

Apesar de a maioria dos livros em áudio estar disponível em *sites* para compra, esses mesmos *sites* possuem um setor de audiolivros gratuitos, além de esses serem disponibilizados em outros endereços, como também até mesmo postados no Youtube, com a capa do livro, só para se escutar o áudio. Nesses outros veículos da Internet não há uma explosão de gênero. No audiolivro, a narração é o que o dispara; a oralidade é a marca principal, mas embasado no texto por baixo. O audiolivro que pode ser interpretado, com sonoplastia, trilha sonora, atores famosos, numa mistura entre radionovela e dramatização teatral ou somente leitura formal na transposição do texto do impresso, com as mesmas marcações na leitura sonora. Se para alguns ouvintes as

obras literárias bem interpretadas podem ser enriquecidas pela interpretação dos narradores e pelos efeitos sonoros e as músicas, tornando a atividade de escutar histórias e aprender muito mais prazerosas, para outros a entonação, pausas no texto podem guiar o espectador/ouvinte a interpretações limitadas, o que poderia deixar em aberto ao leitor se no formato impresso.

Todavia, há autores, como Patrícia Jesus (2008), que acreditam na classificação de livro falado, como o livro que não é interpretado, não traduz sentimentos e não pode ter efeitos sonoros e artísticos, pois procura ser uma versão aproximada do livro em tinta, na chamada “leitura branca”, não tendenciosa e, para não correr o risco de a interferência induzir o ouvinte. Entretanto, ainda obedece às regras da boa impostação de voz e pontuação, pois parte do princípio de que quem deve construir o sentido do que está sendo lido é o leitor o profissional que utiliza a voz para mediar o acesso ao texto impresso a pessoas visualmente limitadas.

Cabe ressaltar que o audiolivro não tem por objetivo substituir o hábito de leitura convencional, mas sua popularização, além de proporcionar a inclusão social de deficientes visuais que não sabem ler braile, funciona como uma alternativa para quem gosta de ler, mas não tem tempo ou para quem trabalha com leitura visual o dia inteiro e necessita relaxar no tempo de lazer. Os audiolivros assim, além de fonte de cultura, servem de companhia nos meios de transporte, nos momentos de lazer e de viagens. Além da facilidade de mobilidade, os preços são, em média, mais acessíveis que os dos livros.

Atualmente existem audiotecas em bibliotecas públicas e outras instituições especializadas para um público deficiente visual. Entretanto, tal como ocorre na *Biblioteca Modelo Parque de Manguinhos*, no Rio de Janeiro, grande parte da população não sabe ler braile ou não possui o hábito de escutar livros, principalmente quando gravados por um programa de voz robotizada, o que não causa proximidade do público para a leitura, e sim uma sensação de afastamento.

Antes de adentrar nos estilos de audiolivros mapeados pela autora dessa pesquisa e em sua relação com o público como forma de despertar a atenção e o interesse para a escuta, é necessário retornar à mesma cultura da imagem e visualidade que está impregnada no comportamento da sociedade e que provoca certa desvalorização dos produtos em áudio, como no caso do audiolivro.

Após o período da cultura tipográfica, a voz/oralidade/som perdeu espaço para a cultura da escrita (livro) ou da imagem (cinema e TV). Ao se falar de audiolivro, é preciso tratar o preconceito desse híbrido e resgatar a importância da oralidade como forma de conhecimento na sociedade medieval e no mundo filosófico, assim como caracterizar a função da voz na linguística e a voz no cinema.

Ao retornar na história, Paul Zumthor (1993), no texto “A letra e a voz”, apesar de analisar as formas de composição da poesia oral na Idade Média, aborda a importância da oralidade. Discordando da escritura como forma hegemônica hierárquica e dominante da linguagem, Zumthor quer buscar uma legitimidade para a voz, considerando a literatura na poesia medieval proclamada, principal nos recitais, epopéias e trovadores do séc. XII, assim como a teatralidade que contém o corpo e as sensorialidades. Já num tempo posterior, o erudito é visto como letrado e o popular como paraliteratura, assim como a função dos *best sellers*. Assim, quando num veículo tradicional é utilizada a voz em seu estado puro, sem imagem, a sensação é de estranhamento, tal como é mostrado no cinema narração, com fotos e locução em off pela obra de Chris Marker.

Para Zumthor (1993) existem três tipos de oralidade: 1) a sem o contrato de leitura (de uma sociedade isolada, de analfabetos sem o contato com a representação gráfica), 2) a oralidade mista (em que há a coexistência da escritura com o grupo social) e 3) a oralidade segunda (expressões são marcadas pela cultura letrada, escrita e esta tende a esgotar os valores da voz no uso e imaginário).

Para se analisar o produto audiolivro também é necessário voltar à questão da ação da voz, que depende de seu interpretante. Num canto ou recital, a escritura está escondida, numa leitura pública a presença física do livro freia o movimento dramático e natural da voz, eliminando o efeito de uma fala na oralidade, por exemplo, enfática (Ibidem, p. 19). Assim, como já abordado na questão do livro falado, e como complementa Zumthor, a presença da voz afeta a significância do texto no processo da audição.

Aqui é interessante observar que, enquanto para Paul Ricoeur existe um ato de leitura pautado no mundo, no texto e na decodificação, para Zumthor existe o ato de audição, que também representa os signos de uma intenção por trás de uma entonação de voz, de uma ênfase dada a um trecho (que pode ter a função de sensibilizar, captar a

atenção do ouvinte e assim manipular, pregar, o que observado principalmente nos audiolivros religiosos e de autoajuda). Zumthor realiza uma classificação da função da voz do estilo vocal, como o que formaliza a maneira de escutar, da mesma maneira que o gênero de livros ou filmes já pré-determina um olhar ou interpretação guiados previamente, numa seleção que facilita a interpretação do ouvinte (Cf. ZUMTHOR, 1993, p. 20).

Mladem Dolar (2006), em “*A voice and nothing more*”, destrincha mais as características linguísticas da voz. Acredita que a voz abra significados devido aos tipos de sons que emite. Quando se escuta alguém falando, primeiro se observa a forma que a pessoa fala, suas qualidades, sotaque, para depois se acomodar e prestar atenção no conteúdo e sentido da mensagem. Assim, da mesma forma, no audiolivro é o mediador quem torna possível o entendimento para quem não tem hábito de leitura (além de incluir analfabetos e cegos). Dessa forma, para além da Fonética (maneira que os sons são produzidos, é mais interessante investigar a fonologia, isto é, os signos linguísticos e a complexa a natureza dos significados das formas de falar: entonação (tom de voz, melodia particular, pausas, ênfase, modulação, cadência de palavras, inflexão como, por exemplo, no teatro, o que pode mudar todo o significado da mensagem), sotaque (sotaque pesado, falar cantando pode distrair e ser obstáculo, barreira de línguas e regiões), individualidades da voz (timbre – textura natural da voz, ressonância e melodia, identificam o falante, como o exemplo de humoristas que imitam vozes de diversos famosos, atores, cantores ou de vozes muito finas, tagarelas, usadas em desenhos animados, mas que não atraem num diálogo cotidiano e promovem quebra do discurso), elementos redundantes e variações afetam a interpretação. Desses elementos os livros de literatura destacam a entonação dada à mensagem de acordo com o guia da pontuação. A seguinte frase “Este aluno disse o professor é um incompetente”, sem pontuação, pode ser lida de diversas formas: Este aluno disse: “O professor é um incompetente” ou “Este aluno”, disse o professor, “é um competente” (VANOYE, 1996, p. 42).

Zumthor (1993) chama de fonia essa forma de organizar pensamentos, buscar a atenção, pelo timbre de voz, sotaque, pausas, entonação (a exemplo, a voz de Cid Moreira, como o locutor oficial da Bíblia em áudio, que já possui legitimidade pelo veículo de TV Globo e representa a voz de Deus). Michel Chion (1999) diz que se a voz

não é acompanhada de imagem, ela transmite um ar de mistério maior e trabalha com a imaginação do espectador, o que funciona como a sensação do filme *O mágico de Oz*, que está sempre atrás das cortinas, com voz imponente, timbre forte, como se fosse uma figura importante. No momento que sai detrás da cortina, toda a expectativa de sua personalidade acaba, o que usualmente ocorre com os radialistas de vozes aveludadas que impressionam as ouvintes somente no ar.

Já Dolar (2006) não realiza a distinção entre a voz narrada e o som (ruído, sonoplastia), ao dizer que “diversas vozes nos bombardeiam (pessoas, música, voz interna do pensamento, barulhos da natureza, ruídos, máquinas, sinais tecnológicos, apitos), o que ocasiona uma falha na atenção (pois muitos estímulos que exigem simultaneamente do mesmo sentido são requisitados). Assim, quando num livroclip ou num audiolivro são colocados vários sons concorrentes com as vozes, não é possível compreender com clareza e sempre há margens para significados e interpretações diversos, pois cada um irá focar-se no que chama mais a atenção, de acordo com sua concentração num som ou então nas vivências do que já está acostumado (um exemplo claro é o de um homem da cidade que reconhece com rapidez o ruído de uma moeda caindo no chão, entretanto precisa se concentrar para escutar o barulho de um passarinho no meio dos ruídos de carros e meios de transporte urbano).

Após o percurso teórico dos elementos fundamentais da voz, a autora dessa pesquisa realizou um mapeamento dos tipos de obra de livros narrados disponíveis na rede, que além da voz, contam com elementos de sonoplastia, ruídos do ambiente para dar veracidade e trilha sonora.

Observa-se nesse mercado que as obras infantis são as que envolvem maior investimento, pois possuem um público específico e já contam com a presença marcante dos musicais, cantigas de roda e contadores de história impregnados na cultura do brasileiro como formação da criança. Assim, livros musicais são opções primeiras, em sua maioria interpretada por contadores de histórias, musicais, com ruído, ambiente, dramatização, entonação na fala (alguns livros desde os anos 1980 possuíam fitas cassetes com a história narrada para crianças e hoje possuem CDs que acompanham). Talvez pelo fato de ser um público ainda não alfabetizado ou que ainda passa pelo processo de aprendizagem, para que seja um estímulo à criação do hábito da leitura há a opção de livros falados como atrativo para a atividade lúdica. Porém, com o mercado de

audiolivros em expansão, observam-se muitas produções expostas em *sites* que, todavia não se preocupam com a interpretação, entonação dos personagens. Um exemplo é o audiolivro de *Alice no país das Maravilhas*, lançado após o último *remake* da história feita para o cinema (<http://www.youtube.com/watch?v=EU-KKrpZIZ4>). A leitura do texto tem fundo sonoro e interpretação, mas mantém as marcações do texto impresso e há a colocação de ênfase em frases que soam estranhas para o ouvinte.

Outro setor de audiolivros que ganha visibilidade é o do ramo de Literatura, *Best Sellers*, Filosofia, Mitologia, Astrologia, Direito e aulas gravadas em material para concurso e vestibular. Esse tipo de audiolivro se aproxima mais da leitura branca, sem interpretações, pois o intuito do público é outro, é o foco no conteúdo da mensagem, muitas vezes denso e, muitas vezes, o objetivo é gravá-lo na memória. Apesar da possibilidade dos *Best Sellers* serem interpretados, muitos deles possuem uma leitura branca ou com pouca entonação, presos às marcas do texto impresso, como no exemplo do audiolivro *Marley & Eu* (<http://www.youtube.com/watch?v=Au2Wdrokp-A&NR=1>), sem fundo musical, só com leitura em transposição de uma mídia (livro) para outra ou ainda uma interpretação forçada, mal realizada.

Um dos ramos mais escutados são as obras religiosas, livros místicos e de autoajuda, que possuem seções separadas nos *sites*. Normalmente as obras possuem uma leitura formal, com um timbre grave de voz, para dar legitimidade e autoridade à mensagem, e um fundo de música instrumental ou clássica. O exemplo clássico é o da voz de Cid Moreira na leitura da Bíblia, já citado, que, nesse caso, possui uma introdução em contextualização do novo testamento, interpretada com entonações, ruídos, e com informações extras (<http://www.youtube.com/watch?v=xDnyzZzHyd4>). A mesma interpretação do jornalista no programa *Altas Horas* com sua imagem aparecendo, ao falar de Deus, já não transmite a mesma autoridade, pois a imagem quebra a superioridade da voz (ver <http://www.youtube.com/watch?v=AsXR7Jf24iM&feature=related>). O audiolivro do *Livro dos Espíritos*, de Alan Kardec, também é interpretado por um homem (narrador de TV, com voz empostada) e uma mulher de voz explicativa, calma, mas um pouco robótica, o que gera também um estranhamento na recepção - <http://www.youtube.com/watch?v=P3qwsADcwV0&feature=related>).

No que se refere ao tom de voz, é importante destacar o sotaque que pode fazer diferença no momento da recepção. O audiolivro de Fernando Pessoa, apesar de

interpretado por um ator português em língua original (<http://www.youtube.com/watch?v=8FGO9aEjVhU&feature=related>), soa estranho para o brasileiro que aprendeu a ler com o sotaque diferenciado e que, num primeiro momento, se limita a prestar atenção no sotaque engraçado do português de Portugal.

E, por fim, tornou-se modismo a leitura de audiolivros realizada por pessoas do meio artístico, nomes e vozes conhecidas, como, por exemplo, Ana Maria Braga com *Piadas de Ana Maria Braga e Louro José*, José Wilker em *E quando Nietzsche Chorou* ou Paulo Autran e Tom Jobim em *O Pequeno Príncipe*. Esse último (http://www.youtube.com/watch?v=w_zShPpfQzQ) conta com imagens não só ilustradas do livro passadas pela plataforma, como complementares na narrativa expostas pela plataforma do Youtube (nesse caso não é só um meio de expor o áudio sem complemento de imagem no veículo, como é usual de se realizar com audiolivros). Nesse produto é importante dizer que é aberto um espaço para artistas, dubladores, efeitos de sonoplastia, roteiros, ruídos, sons de longe e perto para a composição do ambiente.

Dessa forma, reitera-se nessas diferentes características dos audiolivros o hibridismo dos gêneros e a explosão dos meios, num conceito de leitura e textualidade que também envolve o áudio, nesse caso não como pano de fundo, mas como o elemento fundamental.

5.5. O estudo do caso multimidiático *Dom casmurro*

Esse artigo escolheu analisar a obra clássica da literatura, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por ser uma das mais lidas pelo país, pela sua importância na literatura clássica brasileira e por ser um produto já testado em diversas mídias, além do livro impresso: possui versão em filme, série de TV, *game*, audiolivro, *mashup* de livro com história popular ao estilo *best seller*, intervenções via Youtube e agora ganha forma em livroclip.

O livro *Dom Casmurro*, por ter sido matéria cobrada nos vestibulares durante muitos anos, possui inúmeras apostilas de versão resumida da história e aulas para o entendimento mais palatável e direto para os jovens, em cursinhos de vestibular, disponibilizados via Internet.

Posteriormente, seguindo a estratégia da realização de adaptações, a obra literária *Dom Casmurro* aumenta sua popularidade com o grande público na medida em que é feita a produção brasileira do filme da obra clássica em cinema e DVD. O filme de nome *Dom*⁵ (2003), dirigido por Moacyr Góes, é uma adaptação livre atualizada para o século XXI, recebeu prêmios no festival de Gramado de 2003, contou com a presença dos atores como Maria Fernanda Cândido, que representa Ana, numa versão moderna de Capitu, e Marcos Palmeira, no papel de Miguel (representando Escobar). O diretor optou por não manter os nomes originais da obra, exceto Bento, personagem que tece a trama, assim como no livro, e realizou adaptações das profissões dos personagens, para transmitir um ar contemporâneo, além dos acréscimos de personagens, do descolamento do tempo e espaço e supressões, para dar dinamismo ao filme, o que corrobora para ser mais um ponto de vista da obra, como descreve Bakhtin (1997) em sua teoria dos romances polifônicos e na figura do gênero carnavalesco.

Outro produto similar utilizado pela mídia como atrativo para a obra de *Dom Casmurro*, foi a opção pela produção da série *Capitu* (2008), da Rede Globo, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, mantendo a estratégia de utilizar atores famosos da TV como os personagens principais (por curiosidade a atriz Maria Fernanda Cândido é a mesma quem faz Capitu na fase adulta da série), como forma de despertar a curiosidade da história por um público leigo, principalmente, se considerarmos o público que não tem acesso ao computador e Internet em regiões muito pobres do país. Como comprovam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE, em 2009, esse tipo de público excluído digitalmente poderia ser melhor atingido estrategicamente, inclusive nas regiões do Norte e Nordeste do país, já que mais de 95% da população possui acesso à televisão em cores e os dados da pesquisa do *Retratos de Leitura do Brasil* reiteram que, no momento de lazer, a televisão é a atividade predileta e primeira dos brasileiros (77% da população assiste TV no tempo livre).

Há que se destacar que essas estratégias – antes limitadas à transposição do mesmo conteúdo à indústria de filmes, seriados, *games*, e indústria fonográfica, o que é descrito por Lúcia Santaella (2003) como cultura das mídias, advinda dos anos 80, um

⁵ Para uma análise mais detalhada sobre a obra *Dom* e sua comparação com o livro, consultar o artigo de Gomes (2006) de nome “Dom casmurro: da literatura de Machado de Assis ao cinema de Moacyr Góes”.

período localizado entre a cultura de massas e a digital – e, especificamente no caso desse livro, se ampliam via colaboração de fãs pela Internet.

A série nasce híbrida, com *site*, *blog*, twitter, DVD, além do produto divulgado na televisão, tecido em diversas camadas metafóricas de texto. Especialmente para a série *Capitu* (2008), foi criado um *site* interativo (<http://capitu.globo.com/Capitu/0,16142,00.html>), que funcionou ao mesmo tempo em que a série estava no ar e utilizou a mesma identidade estética de composição das imagens por colagens de jornais, utilizada também na abertura do seriado, música alegre para o período da adolescência, e de mistério para a fase adulta, de forma a representar o peso da dúvida da traição e a trama dos personagens, o que promoveu um dialogismo entre as mídias. Buscando aliar-se às novas ferramentas digitais, a equipe de produção também promoveu uma brincadeira com o público em geral, numa nova forma de publicidade da série, chamada de *Capitucrossing*. Seguindo as estratégias que viraram modismos do entretenimento nos EUA nos formatos transmídia de desenvolvimento de conteúdo em mídias diferenciadas, os produtores espalharam DVDs da série que ainda não tinha sido lançada, em locais públicos inusitados do Rio de Janeiro e São Paulo (banheiros de bares, banco da praça de alimentação de um shopping, Museus, teatros, livrarias, metrô, cantinas de faculdades em diferentes bairros) como um jogo com o espectador e lançou um desafio para quem achasse os DVDs espalhados pela cidade, propondo que as pessoas escrevessem posteriormente no *site* e passassem o DVD para frente, colocando-o novamente em outro local público da cidade. A intenção dos produtores da série era a de realizar uma publicidade espontânea que se propaga infinitamente, sem que necessite pagar funcionários para realizá-la, justamente por utilizar o fator curiosidade para o seu funcionamento e continuidade. O objetivo, assim, no papel de produtores do discurso, era captar um número expressivo e variado de pessoas para assistir à série que ainda estrearia na TV, o que contribuiu para a audiência no dia da estréia no canal.

Paralelamente ocorria ação simultânea pelo Twitter, chamando o público para a participação de um projeto chamado *Mil Casmurros* (www.milcasmurros.com.br), em que vários atores da Globo, assim como usuários da Internet gravavam em suas câmeras caseiras trechos da obra *Dom Casmurros*, de modo que, ao final do processo, a intervenção contou com a participação de 688 pessoas, numa composição coletiva interpretada pelo público com diferentes sotaques e idades. Nesse projeto, a leitura era

realizada de maneira criativa, aberta ao público, por meio de interpretações, entonação do texto, pausa para os diálogos, porém ainda mantinha a leitura corrente com as marcações singulares ao texto impresso (guias de falas dos personagens, entre outros).

Do ponto de vista de seleção do agir, do que está no mundo, no caso o que se coloca como original é a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Porém, para a realização do seriado e da seleção do ponto de vista, do olhar que o produtor tem da obra, o diretor optou por realizar uma adaptação metafórica imagética que conjugasse o conteúdo da palavra escrita, as significações, com as representações de diferentes elementos semânticos na textualidade televisiva. O diretor faz uma revisão criativa, um redesenho da história do livro com novas interpretações e, como metáfora principal, escolhe a ópera num teatro (automóvel clube do Rio de Janeiro) como cenário para contar história, pois, segundo ele, a ópera se aproxima do mundo das máscaras, e essa é a principal dúvida da trama da história, a traição ou não de Capitu, julgada sob o olhar de Bentinho. Há uma mistura e explosão dos gêneros nessa série, da ópera, com canções, teatro, cinema mudo – pela expressão captada dos personagens –, literatura, assim como TV, formando um híbrido de linguagens num mesmo produto e trazendo novas percepções, experiências.

E assim traça a imagem de sua personagem Capitu, atualizada, também num mundo moderno, porém mantendo as referências do texto de Machado de Assis, como as divisões dos capítulos em títulos, as duas fases da adolescência e fase adulta, com personagens diferentes. Assim, o diretor utilizou elementos lúdicos, oníricos, circenses para a representação dos personagens, como forma de sustentar a fuga do Realismo, tão contestado por Machado de Assis. Em homenagem ao autor, o diretor utiliza a estética de colagens dos rostos multifacetados dos personagens feitas de jornais e revistas rasgados em sobreposição para a abertura da obra, e no cenário (trem, camas dos personagens) o que é uma alusão à função de cronista de jornal e do próprio ato de escrita.

Como o produto do seriado é o audiovisual, o conteúdo é passado não só pelas palavras recitadas pelo personagem Bentinho, como também pela codificação criada em outros elementos, como, por exemplo, pelo figurino que realiza uma mistura da imagem de uma princesa delicada com a visão do personagem de cigana oblíqua e dissimulada.

As saias em movimento livre, contínuo e enviesado, cortadas obliquamente, com anágua presa como uma espuma, lembram a explosão do mar em dia de ressaca, em diálogo com o personagem do livro, quando expressa a visão de Capitu com seus olhos de ressaca ou de cigana oblíqua dissimulada. Uma lente encaixada na frente da câmera no momento da gravação, apelidada de “lente Dom Casmurro”, também foi usada na gravação de Capitu, sob o olhar de Bentinho, o que também é uma metáfora da visão do personagem dos olhos da personagem.

Além dessas escolhas, a série realiza *takes* de muito movimento dos personagens e corpos, recursos visuais do teatro e desenhos das roupas que dão tom e ritmo da ópera, capta a expressão dos olhos, que é marcante na história original, trabalha com atores de tipo físico semelhante para representar Ezequiel e o personagem Escobar e gerar a mesma dúvida da trama original da traição no espectador. Vozes, sons de lembranças são resgatados e utilizados assim como a fragmentação do posicionamento de câmera dos personagens para dar certo movimento e atualização da mensagem que o diretor quer passar ao seu público, em uma estrutura narrativa fragmentar. O cenário trabalha com a imaginação do espectador, uma vez que são captados para estúdio peças de antiquário, não há limites das paredes dos cômodos, casas, o que abre para o espectador uma interpretação e imaginação de um contrato de leitura ou pacto de aceitação da história. Os atores incorporam personagens e se congelam no tempo assim como ocorre nos personagens de uma ópera, limitada pelo tempo.

A trilha sonora da série mistura composições de músicas clássicas, samba brasileiro, folclore com bandas de rock internacional alternativas, como o exemplo da música tema do seriado *Elephant Gun*, do grupo inglês Beirute, cujos instrumentos também lembram a composição de sons do circo e a letra fala de uma caça e daqueles que estão escondidos no silêncio da noite, o que pode ser uma metáfora para a desconfiança de Bentinho da traição de Capitu.

Esses recursos utilizados pelo diretor funcionam como uma espécie de provocação do espectador que conhece a história, para dar mais proximidade às linguagens diferenciadas com o conteúdo do texto impresso.

O diretor Luiz Fernando Carvalho, em entrevista ao *site*, revelou que uma de suas preocupações

foi desfazer o preconceito que muitos jovens têm sobre Machado, muitas vezes por conta da obrigação da primeira leitura colegial. O que eu fiz foi reafirmá-lo em termos de conteúdo e

linguagem. A síntese do texto é dele. Agora, é claro que eu espelhei aquelas situações e lancei para outras relações de imagens, procurando diálogo com possibilidades simbólicas da modernidade, alçando o texto a outras visibilidades (<http://capitu.globo.com/Capitu>).

Porém, dependendo da velocidade das cenas e montagem acelerada com diversas referências, o espectador pode não captar todas as informações na tela, se elas são simultâneas, pois o mesmo sentido é requerido ao mesmo tempo, o que impossibilita captar a atenção em pontos multiformes. Mesmo porque o movimento e excesso de metáforas em diálogo com o texto original podem não ser captados pelo espectador que nunca leu a obra original, assim como poderia ocorrer na captação de elementos múltiplos num produto de entretenimento como um jogo. Portanto, as referências metafóricas ao livro pela imagem ou a outros produtos externos e da cultura de massa só serão percebidas se houver um repertório cultural prévio do espectador. Há varias possibilidades de interpretação, mas não uma homogeneização do sentido.

Posteriormente a essas produções, verifica-se que há uma série de produções via Youtube de adaptações sobre a obra, seja realizada por usuários em vídeos caseiros, ou pelos próprios professores, como material didático, assim como *trailers* feitos pela indústria. Essas ferramentas seguem os mesmos objetivos dos *games* de auxiliar no aprendizado de escolas, e na forma de fixação do conteúdo, além é claro da simples possibilidade da diversão e entretenimento.

Há versão do livro em jogo de tabuleiro, videogame educativo para escola, além de versões em áudio (audiolivro que pode ser interpretado, com sonoplastia, trilha sonora, atores famosos, ou somente leitura formal na transposição do texto do impresso, com as mesmas marcações na leitura sonora), ou no formato digital, seja com o texto em pdf, compartilhado por usuários em redes p2p, ou por opções como *ebooks*. Porém essas possibilidades ainda não são comuns ou automatizadas por todo o público, já que a ferramenta de leitura dos *ebooks* depende do processo de aprendizagem e do contato prévio do leitor com o computador (seu uso exige certo grau de letramento, afinal seus comandos são palavras, símbolos numéricos ou ambos).

Outra opção interessante para promover o interesse pela obra e a conseqüente busca do livro impresso original é o movimento que a coleção Lua Nova tem realizado. Através da referência de grandes clássicos da literatura brasileira, a editora realiza um *mash up* de temas e histórias clássicas com os assuntos que geralmente são líderes de venda para um público adolescente e que contemplam ação, aventura e temas

misteriosos (vampiros, bruxas, vida em outro planeta). A obra *Dom Casmurro* foi contemplada nesse quesito, com uma mistura de uma história de extraterrestres, como se fosse realizada uma coautoria de Machado de Assis com um escritor de contos contemporâneos. Trata-se do livro *Dom Casmurro e os discos voadores*, de Machado de Assis em “parceria” com Lúcio Manfredi. O livro apresenta uma mistura de trechos da obra clássica com outros envolvimento dos personagens, a exemplo da história, Capitu é abduzida, possui uma inscrição de outro planeta em marca no corpo, o tio de Bentinho parece ter contato com os alienígenas. Independente de julgamentos da qualidade da obra, o leitor deve reconhecer quem é quem na história original e se interessar em ler o livro para saber como tudo ocorre segundo a versão oficial do autor. É como as citações e referências de outros produtos da cultura de massa que exigem que o leitor ou espectador tenha um conhecimento prévio sobre o assunto ou busque, como um investigador, a origem da história, como num jogo.

E, por fim, o livroclip também contemplou a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Como não há uma fórmula para as produções dos trailers dos livros, o Livroclip *Dom Casmurro* optou por utilizar um misto de linguagens em sua composição. Há assim, também nesse caso, uma explosão do gênero livro e do conceito de leitura, não mais preso às formas impressas, num misto de videoclipe e videoinstalações (utiliza sons eletrônicos, imagens fragmentadas em movimento, colagens), de *game* e computador (utiliza ícones de referência já automatizados na linguagem dos videogames ou computador, ou uma citação dos *bytes* do filme *Matrix* que compõem o ciberespaço, ruídos, como o barulho da lentidão do processamento do computador, sinais gráficos que indicam seleção dos personagens, simulando a interação do usuário com o público, além da estética da disposição e apresentação dos personagens do jogo num canto da tela com texto explicativo. Nessa apresentação dos personagens, ao mesmo tempo destacam-se as referências de palavras e trechos impressos da obra, também escritos na tela, para incentivar o cultivo à leitura tradicional. A escrita do conteúdo também está ligada a outros tipos de representação gráfica, seja utilizando uma música mais agitada para representar a personalidade de um dos personagens, como, por exemplo, Capitu, ou outra de mistério para representar o embate Bentinho e Escobar. Porém questiona-se o real objetivo de produção desses livroclips. São eles produtos destinados somente ao auxílio no aprendizado na escola e

individual, ou também não visam ao consumo dos livros e servem de publicidade para a compra dos mesmos? E mais. Essas estratégias multimídia, se amparadas de processos dialogais e criativos, chamam para a leitura do livro original impresso?

Há que se considerar a linha tênue entre gerar informação nova e compartilhar informação, divulgando-a em outro meio. No caso do filme, da série e do livroclip, foram geradas informações e diálogos linguísticos novos, com outros referenciais e metáforas. Mas e no caso da leitura do audiolivro, como no livro do projeto Mil Casmurros? Até que ponto a leitura como as marcações do texto impresso, se constitui numa informação nova? E os audiolivros do Dom Casmurro que possuem versão interpretada, com sonoplastia, trilha, sem as marcações do texto impresso, com uso de músicas, entre outros, e atores mesmo dão entonação e legitimidade ao texto?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de caso dessa pesquisa e outros exemplos relatados no campo da educação, novas mídias e entretenimento objetivaram realizar uma amostragem em estratégias para despertar um aprendizado (mesmo formal) com base na vivência do aluno. Para além dos processos tradicionais de ensino sem atrativos, os recursos multimídia não medem esforços para uma tentativa de um aprendizado mais lúdico, porém com maior retenção do conteúdo, numa aposta híbrida de leitura, que envolve processamentos multitarefa do usuário, além de uma leitura “ampliada” que dê conta dos diversos sentidos requeridos.

Quanto ao livroclip, até agora os idealizadores da proposta só pensaram numa produção realizada de cima para material didático dos professores. Mas não foram feitas produções de livroclips que partissem do ponto de vista do aluno ou de pessoas de

comunidade, sem um ponto de vista hierárquico e dominador. Observa-se que não há um espaço aberto para produção de oficinas realizada por alunos. Levando em consideração a ideia da pragmática como forma mais aproximada e envolvente de aprendizado, porém com a figura do professor ao lado, a presente pesquisadora pensou na realização de uma oficina para a produção livre de livroclips pelo ponto de vista dos alunos, para surgirem outras leituras do retrato da obra, com olhares diferentes. Foi realizado um contato com a equipe do *Livroclip, Biblioteca Parque de Manguinhos e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*, para a aplicação dessa oficina, que provavelmente ocorrerá no final do mês de agosto de 2011.

A oficina de dois finais de semana (3 horas no sábado e 3 horas no domingo) fará uso de fotografias de participantes da comunidade para a adaptação do olhar das obras, assim como utilizará recursos de sonoplastia realizados pelo grupo de percussão de Guilherme Hadashá; também professor de música da *Biblioteca Parque de Manguinhos*. Após a oficina de apresentação da proposta, um livroclip será escolhido em concurso pelos grupos participantes e será editado pelo *Instituto Canal do Livro* e divulgado na *Biblioteca Digital* do canal, assim como no Youtube, aberto às escolas e consulta de usuários.

Um outro projeto sobre a prática de audiolivros a ser realizado também na comunidade de Manguinhos está em estudo se deve ser levado à frente, junto ao grupo de contadores de história da mesma Biblioteca. Todos os produtos dessa oficina divulgados em *sites*, escolas, farão referência ao apoio da Fundação Biblioteca Nacional, assim como contarão com o logo da instituição e o material resultado será aberto para uso da mesma.

Também, tendo em vista da necessidade da prática como fundamental para a promoção do conhecimento e retenção do conteúdo, em pensamento surgido após o andamento dessa pesquisa, ao invés da produção de apostilas para guiarem professores sobre a questão da digitalização do acervo dos livros da BN, optou-se por um trabalho prático a ser realizado com públicos distintos, considerando o público em formação (alunos, jovens, comunidades) assim como especialistas da área de educação (professores e formadores da leitura). Assim, exemplos de livroclip e audiolivro serão apresentados a três públicos diferenciados e, posteriormente, os questionários do Anexo 1 (1 e 2) dessa pesquisa serão aplicados no mês de setembro de 2011: 1) em escola

pública do Estado do Rio que não tenha ações de incentivo à leitura (na visão do olhar especializado do professor e o olhar dos alunos); 2) em comunidade que tenha programas multimídia, de incentivo à leitura (*Biblioteca Parque de Manguinhos*, do PAC) e 3) especialistas do ramo do livro participantes da Flip (da *Associação Casa Azul* – o contato já foi realizado com a presidente da Flip, Josephine Bourgeois, e emails serão disponibilizados para a aplicação dos questionários). Esses questionários possuem a função de testar a eficiência desses estudos de caso como propostas de atrativo e incentivo à leitura.

Sobre esse aspecto, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) certamente poderá utilizar as ideias desses produtos como forma de despertar o interesse e atenção do público e como incentivo à consulta do acervo digital e impresso. Novos meios de exposição dos catálogos e fontes de busca poderão servir para um público em formação, alfabetização e público jovem, como, por exemplo, a possibilidade de criação de um espaço de uma sala de leitura multimídia, seguindo a explosão dos conceitos numa leitura ampliada que envolva diversas mídias e num conceito de Biblioteca vista agora como espaço mais amplo de vivência e troca de experiências.

7. BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Chris. *Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*. Paraná: Ed. Campus, 2006.
- AMORIM, Galeno (org). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial/ Instituto Pró-Livro, 2008.
- ARENDRT, Hannah. *A crise na educação*. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- BABO, Maria Augusta. *As tramas do impresso*. In: COUTINHO, Granja Eduardo;
- GONÇALVES, Márcio (orgs.). *Letra impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria e o romance*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

- _____; REY, Germán. *Disseminação do saber e novos modos de ver/ler. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.
- BARBIER, Frédéric. *História do livro*. São Paulo: Paulistana, 2008.
- _____. *A Europa de Gutenberg: algumas consequências da invenção do livro impresso*. In: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, ILIhed, 2009.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. In: --- et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.19-62.
- BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. <http://www.desvirtual.com/giselle>. 17 set.1999.
- BESSERAT, Denise Schmandt. *How Writing came about*. Texas: University of Texas Press, 1992.
- BLANCHOT, M. *Le livre à venir*. Paris: NRF, 1959.
- BOLTER, Jay D. & GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge, Massachusetts, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. *A biblioteca de Babel; O Jardim das veredas que se bifurcam*. In:--- *Ficções* (1944). Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma historia social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti et al. São Paulo: Ática, 2001.
- CERTEAU, M. *L'Invention du Quotidien – 1 Arts de Faire*. Paris, 1980.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. *O livro e seus poderes (séculos XV a XVIII)*. In: COUTINHO, Granja Eduardo; (orgs.). *Letra impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- _____. *Práticas da leitura*. Introdução à edição brasileira Alcir Pécora; tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1966.
- CHION, Michel. *The voice in cinema*. Trad. Claudia Gorbman. New York: Columbia University Press, 1999.
- CLARK, Andy. *Mindware: an introduction to the philosophy of cognitive science*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2001.
- COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário*. (org.) César Guimarães; Ruben Caixeta. (Trad). Augustin de Tugny; Oswaldo Teixeira; Rubem Caixeta. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2008.
- CONWAY, Paul. *Preservação no universo digital*. Rio de Janeiro: Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 1997.
- DARNTON, Robert. *The case for Books: Past, Present and Future*. New York: Public Affairs(Perseus Book Group), 2009.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Ed. de Minuit, 1980.
- _____. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DOLAR, Mladem. *A voice and nothing more*. Massachusetts Institute of Technology, 2006.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

- _____. A Inovação no seriado. In: --- *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____; CARRIÈRE, Jean Claude. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERRARI, Márcio. *Lev Vigotsky: o teórico do ensino como processo social*. Revista Escola. Ed. Abril/ Agosto 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-23354.shtml>>
- FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas – elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Antônio Ramos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1967.
- GENETTE. *Palimpsestes: la littérature au second degree*. Paris: 1982. (Collection Poétique Éditions du Seuil).
- GERVAIS, B. *Lire à l'écran. Lês nouveles expériences du texte*. In: ALVES, J.A.S. (org.) *De Gutenberg ao terceiro milênio – Congresso Internacional de Comunicação*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.
- GONÇALVES, Márcio, COUTINHO, Eduardo (orgs.). *Letra impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- GUIRALDELLI, Paulo. *Materialismo e nova subjetividade no projeto filosófico-pedagógico de Richard Rorty*. In: MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto et al. *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HUTCHINS, Edwin. *Distributed Cognition*. 2000. Disponível em: <http://files.meetup.com/410989/DistributedCognition.pdf>
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.
- JOHNSON, Steven. *Surpreendente! A televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- _____. *Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Suzana Alexandria. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.
- JESUS, Patrícia Silva de. *Letras e Vozes: O Livro Falado e a preservação da subjetividade*. Salvador: [s.n], 2008.
- LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. Nova York: Basic Books, 1999.
- LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperança e declínio*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1983.
- LEMOIS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MACHADO, Juremir. *Da teoria da embalagem à transparência total de Julian Assange*. Artigo apresentado na XX Compós, Porto Alegre, 2011.
- MANOVICH, Lev. *Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições*. In: LEÃO, Lucia (Org). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- _____. *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press, 2001.

- _____; [KRATKY, A.](#) *Soft Cinema: Navigating the Database*. The MIT Press, 2005.
- MEGGS, Phillip; PURVIS, Alston. *História do Design Gráfico*. Trad. Cid Knipel. 4 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2ª. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MANFREDI, LUCIO. *Dom Casmurro e os discos voadores- Machado de Assis*; adaptação Lucio Manfredi. São Paulo: Lua de Papel, 2010. (Coleção Clássicos Fantásticos).
- McLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho & Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1962.
- MELOT, M. *Livre*. Paris: LOeil Neuf Editions, 2006.
- _____. *L'avenir des bibliothèques*. In: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, ILihed, 2009.
- MONTFORT, Nick. *The new media reader*. Cambridge: MIT Press, 2003.
- _____. Disponível em: <<http://www.seththompson.info/outsidethebox/html/nmontfort.htm>>. Acesso em: 29 set. 2008.
- MORAVEC, Hans Paul. *Mind Children*. Harvard University Press, 1998.
- OROZCO, Guillermo. *Televisión y audiencia*. Un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.
- PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. *Projeto Gênesis – educação e comunicação comunitária*. Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania. XVIII Intercom.
- PARAGUAI, Luisa. *Tecnologias móveis: circulação e comunicação*. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (orgs). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo: Educ, 2008.
- PARENTE, André. *Narrativa e modernidade: os cinemas não-narrativos do pós-guerra*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Pref. Raymond Bellour. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000. (Coleção Campo Imagético)
- PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos*. Trad. Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 4.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.
- PIAGET, J. *A psicogênese do conhecimento e sua significação epistemológica*. In: PIAGET, J. ; Chomsky, N. (org.). *Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem*. Trad. Rui Pacheco. Lisboa: ed. 70, 1985, pp. 51-62.
- REGIS, Fátima. *Tecnologias de Comunicação e Novas Habilidades Cognitivas na Cibercultura*. Rio de Janeiro: Projeto de Pesquisa UERJ – Programa Pró-ciência, 2008. REGIS, F., MAIA, A., SANTOS, M. ARANTES, P., SILVA, R. TIMPONI, R. *Breve discussão sobre a comunicação e o processo cognitivo: uma abordagem multidisciplinar do conceito de cognição*. Revista Iniciacom. Vol 2, n. 2 (2010).
- REGIS, TIMPONI, MAIA. *Cognição integrada, cognição entrelaçada e cognição distribuída: uma breve discussão sobre modelos cognitivos na cibercultura (no prelo)*. XX Compós: Porto Alegre, RS, 2011.
- REICH, Robert. *A ascensão do analista simbólico*. O Trabalho das Nações: preparando-nos para o capitalismo do Século. Trad. Claudiney Fullmann. Ed.Educator, 1994.
- RESENDE, Fernando; BECKER, Beatriz. Curso *A Imagem da Escrita e a Escrita da Imagem: Homogeneizações e Dialogismos na Compreensão de Narrativas*. Disciplina Comunicação Narratividade e Discursos, ministrada no doutorado de Mídias e Mediações Socioculturais Eco/UFRJ, 2011.1.
- RIKOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- _____. *Tempo e narrativa*. v. 2. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- _____. *El pragmatismo, una versión: antiautoritarismo en epistemología y ética*. (Universalidad y Verdad). s.d.
- RORTY, Richard. *A filosofia da criação e da mudança*. Org Cristina magro e Antonio marcos Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

- SALVUCCI, D. & TAATGEN, N. *The Multitasking Mind*. New York: Oxford University Press, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.
- SARLO, Beatriz. *Del plano a La esfera: libros y hipertextos*”, em Martín-Barbero & F. Lopez (orgs). *Cultura, médios y sociedad*. Bogotá: CES, 1998.
- SARTORI, A. *Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída* (p. 33-49). In: *Revista Comunicação Mídia e Consumo*. V. 7, n. 19 (julho 2010): SP, ESPM, 2010.
- SENNET, Richard. *O talento e o fantasma da inutilidade*. A Cultura do novo capitalismo. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2006.
- SODRÉ, Muniz. *Estratégias Sensíveis: afeto mídia e política*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006 (230 p).
- _____. *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____; PAIVA, Raquel. *A Convergência formativa: Comunidade, Comunicação e Educação*. Curso ministrado no doutorado em Mídia e Mediações Socioculturais, ECO/UFRJ, 1º. Sem. 2011.
- THOMPSON, John B. *The books in the digital age: The transformation of academic and higher Education Publishing in Britain and the United States*. Cambridge: Polity, 2005.
- VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Trad. Clarice Sabóia [et. al]. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VARELA, Francisco. *Conhecer: as ciências cognitivas, tendências e perspectivas*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. 7 ed. SP: Martins Fontes, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

Sites consultados:

- GAMES INVADEM AS SALAS DE AULA. Matéria Programa Televisivo Olhar Digital. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/produtos/central_de_videos/games-invadem-as-salas-de-aula>. Acesso em: 25 mar. 2011.
- JOGOS EDUCATIVOS. Matéria Programa televisivo Olha digital. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/produtos/central_de_videos/jogos_educativos>. Acesso em: 08 mar 2011.
- VIDEOGAMES PODEM AJUDAR JOVENS COM PROBLEMAS DE APRENDIZADO. Matéria Programa Televisivo Olhar Digital. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/produtos/digital_news/noticias/estudo_mostra_que_video_games_podem_ajudar_jovens_com_problemas_de_aprendizado>. Acesso em: 04 jul. 2011.
- [Hitchhikers Guide Pod](http://www.z360.com/full/small.htm)**. Espaçoave. Disponível em: <<http://www.z360.com/full/small.htm>> . Acesso em: 21 ago.2008.
- PNAD/ *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Realizada pelo IBGE, em 2009. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf. Acesso em 19 nov.2010.
- PNLL/*Plano Nacional do Livro e Leitura*. Ministério da Cultura, Ministério da Educação. www.pnll.gov.br, Relatório 2010.
- RELATÓRIO *PROLER*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Programa Nacional de Incentivo à Leitura, Dez 2010
- SITE *LIVROCLIP*. Canal do Livro. <www.livroclip.com.br>

- LIVROCLIP *DOM CASMURRO*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=D4XyKkIAqg> . Acesso em: 14 de jan. 2011.
- CAPITÚ, cena final. Série Rede Globo, 2008. Direção Luiz Fernando Carvalho. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6ImCMJecazs&feature=related>> Acesso em: 15 jul. 2011.
- SITE SÉRIE CAPITU. Disponível em: <<http://capitu.globo.com/Capitu/0,,16142,00.html>>. Acesso em: 15 jul. 2011.
- LIVRO *Dom Casmurro (edição eletrônica)*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Biblioteca Digital MEC Brasil (publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1899).
- FILME *DOM*, direção Moacyr Goés, 2003.
- PROJETO MIL CASMURROS. Disponível em: <<http://www.milcasmurros.com.br/>> Acesso em: 15 jul. 2011.
- MAMEDE-NEVES. *O (re)encanto de ler e ouvir histórias*. Disponível em: <www.bn.br/proler/imagens/pdf/encantoneves.doc> Acesso em: 30 ago 2010.
- GOMES, Luciana Teixeira. *Dom casmurro: da literatura de Machado de Assis ao cinema de Moacyr Góes*. Mestranda do PPGCOM –Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/artigosensaios/DOM%20CASMURRO%20DA%20LITERATURA%20DE%20MACHADO.pdf>. Acesso em: 12 jul.2011
- SITE FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. <http://bndigital.bn.br>
- BIBLIOTECAS DIGITAIS: www.ebookcult.com.br; www.dominiopublico.gov.br; www.cgi.br/gt/gtbv/gtbv.htm

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIOS

1- QUESTIONÁRIO PESQUISA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

ALUNO e USUÁRIO DE BIBLIOTECA

NOME: _____

IDADE: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO QUE ESTUDA: _____

SERIE: _____ GRAU: _____

ONDE RESIDE: _____

1) Sobre o livro...

-Você possui o hábito de ler? ()Sim ()Não ()Muito raramente

-Como você foi alfabetizado?

() Método tradicional (leitura em voz alta na sala de aula e levando livros para casa por recomendação do professor)

() Aprendi sozinho em casa ou com minha mãe em leitura de panfletos, livros, revistinhas, etc.

() Aprendi através de jogos de memória, tabuleiros e didáticos

() Por meio de videogames e outras formas de diversão

- Acredita que teria maior vontade de ler se aprendesse de maneira divertida?

()Sim ()Não () Talvez

- Qual a forma de alfabetização e de ensino de leitura aplicada em sua escola?

() por formação de sílabas com abstração

() pela prática do dia a dia, isto é, pela experiência concreta

- Quantos livros você lê por ano?

() nenhum () 1 a 3 () 3 a 5 () mais de cinco

- Se você respondeu que lê algum livro, assinale uma das opções abaixo:

() somente os livros indicados na escola

() leio livros fora da escola

- Quais dos seguintes livros você mais lê e que despertam maior interesse? (Enumere em ordem de prioridade, sendo 1 de maior curiosidade e 6 o menos curioso e frequente.

OBS.: Não é necessário marcar todas as opções).

() Escolar

() Profissional, ou técnico

() Livro infantil

() Paradidático (escolhido pela escola)

() Para formação pessoal (por interesse próprio)

() Como diversão (Best Sellers, biografias de famosos, ação e aventura)

- Quais os tipos de leitura mais comuns no seu cotidiano? (Enumere em ordem de prioridade, sendo 1 de maior uso e 10 o menos frequente. OBS.: Não é necessário marcar todas as opções).

- () Literatura infantil
- () Revistas semanais e jornais
- () Literatura clássica brasileira
- () Literatura contemporânea brasileira
- () Literatura estrangeira
- () Best Sellers adultos (Ex.: Marley e Eu; O menino do pijama listrado)
- () Livros de aventura (Ex.: Harry Potter, As crônicas de Nárnia, Crepúsculo, etc)
- () Livros de auto-ajuda ou relacionamentos (Ex.: O segredo, Augusto Cury, O poder do Agora ou “Homens são de marte e as mulheres são de Vênus”)
- () Livros para informação e conhecimento profissional
- () Quadrinhos e Animes

- Como você inicia um contato com um livro? (Marque de 1 a 6, sendo 1 para a forma mais comum que você utiliza).

- () Presenteado
- () Empréstimo em bibliotecas
- () Empréstimo de livro de um amigo, por indicação
- () Compra em livraria
- () Compra em sebos
- () Indicação de professor

2. Audiolivros...

- Você já escutou algum audiolivro?

- () Sim, frequentemente () Sim, raramente () Não

- Qual a utilidade do audiolivro para você? (Marque com um **x**)

- () Uma alternativa ao livro impresso
- () Única forma de leitura, pois não possuo hábito de leitura
- () Não utilizo audiolivros
- () Somente uma ferramenta para despertar o interesse por tema de disciplina
- () Nunca ouvi falar.

- Para você, qual a maior vantagem do audiolivro? (Marque com um **x**)

- () Facilidade de escuta em locomoção
- () Versão em áudio atrai quem não tem hábito de leitura impressa
- () O audiolivro permite a inclusão social para deficientes visuais
- () Reprodução de aulas e teorias para concursos
- () Gratuidade e disponibilidade de arquivos em Internet.

- Qual o seu ambiente favorito de escuta dos audiolivros? (Marque com um **x**)

- () Casa (via MP3, Iphone, *smartphones*, *CD rom* ou computador)
- () Meio de transporte (ônibus, metrô, viagem de avião)

- Andando na rua
- Prática de esportes (caminhada, corrida, etc)
- Momento de lazer (clube, praia, etc)
- Outro. Qual? _____

- Que elementos faltam na versão em áudio de um livro que podem contribuir para a atenção e captação do conteúdo? (Marque em ordem de prioridade, sendo o primeiro lugar 1 e o último 6)

- Timbre, sotaque, melodia e pausas na fala do narrador
- Interpretação de personagens com vozes diferentes
- Fundo musical (sonoplastia, trilha sonora e ruídos)
- Uso de atores conhecidos para atrativo dos leitores
- Somente a leitura do livro original com um narrador e com um fundo de música clássica já é o suficiente
- A reprodução mecanizada da voz já é o suficiente para a acessibilidade de um público deficiente, visualmente falando.

3. Livroclips...

- Você conhece o produto livroclip? Se não conhece, o que parece ser?

- Que tipos de material didático o seu professor utiliza em sala de aula?

- Vídeos do History Channel
- Vídeos do Discovery Channel de Biologia, matemática
- Games que despertem a curiosidade

- Na sua opinião quais são as disciplinas que carecem de material audiovisual auxiliar:

- Geografia
- Português
- História contemporânea
- Física
- Química
- Outra. Qual? _____

- Após assistir modelos de livroclips, qual tipo atrai mais sua atenção?

- Formato de trailers, com trilha sonora ou estilo documentário.
- O que utiliza fotografias de pessoas comuns com textos e música de fundo.
- Estilo videoclipe com mistura de músicas modernas, fragmentos de informações e estética como de games, para aproximação do universo dos jovens.
- Versão da história com contextualização da biografia do autor e aproximação com o mundo do leitor jovem.
- Animações com música de famosos ao fundo.

- Você gostaria que sua escola desenvolvesse um projeto de fabricação de trailers e jogos com livros, a ser realizado pelos alunos, para ser utilizado nas aulas de Literatura, História, Geografia, Biologia, entre outros?

2- QUESTIONÁRIO PESQUISA DE INCENTIVO À LEITURA DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

PROFESSORES E ESPECIALISTAS

DADOS

Área em que trabalha: _____

Disciplina que leciona (se professor): _____

Turmas (séries): _____

Formação: _____

Possui capacitação na área de leitura?

1. Para você, é necessário trabalhar o incentivo à leitura nas escolas? _____

2. Na sua escola ou projeto pedagógico, como o incentivo à leitura é trabalhado?

Em seu trabalho existe algum projeto em comunidade ou de pessoas de seu convívio relacionado ao tema? Qual? Descreva-o.

3. Quais as maiores dificuldades de abordagem do incentivo à leitura na sua escola ou trabalho, em sua opinião?

4. Sua disciplina ou trabalho favorece a abordagem do despertar a curiosidade pela leitura? Em caso afirmativo, qual o enfoque e metodologia?

5. Relate algum projeto que você tenha desenvolvido ou acompanhado de incentivo à leitura.

2) LIVROCLIP...

6. Você conhece o produto livroclip? Se não conhece, o que parece ser?

7. Que tipos de material complementar didático você utiliza em sala de aula?

- Vídeos do History Channel
- Vídeos do Discovery Channel de Biologia, Matemática
- Games que despertem a curiosidade
- Seriados e adaptações fílmicas
- Outro. Qual? _____

8. Na sua opinião quais são as disciplinas que carecem de material audiovisual auxiliar:

- Geografia
- Português
- História contemporânea
- Física
- Química
- Outra. _____

9. Qual tipo de livroclip desperta mais sua atenção?

- Formato de trailers, com trilha sonora ou estilo documentário
- O que utiliza fotografias de pessoas comuns com textos e música de fundo
- Estilo videoclipe, com mistura de músicas modernas, fragmentos de informações e estética como de games, para aproximação do universo dos jovens.
- Versão da história com contextualização da biografia do autor e aproximação com o mundo do leitor jovem.
- Animações com música de famosos ao fundo.

10. Você acha que o **livroclip** atrai para a leitura no impresso? _____

11. Você gostaria que sua escola desenvolvesse um projeto de fabricação de trailers e jogos de livros, a ser realizado pelos alunos, para ser utilizado nas aulas de Literatura,

História, Geografia, Biologia, entre outros? Acredita ser esse um instrumento de promoção à leitura? _____

3)AUDIOLIVRO....

13. Qual a utilidade do audiolivro para você?

- Uma alternativa ao livro impresso
- Única forma de leitura que realizo hoje
- Não utilizo audiolivros
- Somente ferramenta para sala de aula e para despertar o interesse dos alunos em uma disciplina
- Nunca ouvi falar.

14. Para você, qual a maior vantagem do audiolivro?

- Facilidade de escuta em locomoção
- Versão em áudio atrai quem não tem hábito de leitura impressa
- Permite a inclusão da leitura de deficientes visuais.
- Reproduzir em áudio de aulas e teorias para concursos de diversas áreas.
- Gratuidade e disponibilidade de arquivos em Internet.

15. Qual o seu ambiente favorito de escuta dos audiolivros? (Marque com um **x**)

- Casa (via MP3, Iphone, *smartphones*, CD ou computador)
- Meio de transporte (ônibus, metrô, viagem de avião)
- Andando na rua
- Prática de esportes (caminhada, corrida, etc)
- Momento de lazer (clube, praia, etc)
- Outro. Qual? _____

16. Você consegue captar toda a informação do livro falado e interpretado? Justifique. _____

17. Qual tipo de audiolivro desperta mais sua atenção e interesse?

- Obras Infantis (interpretadas, contadores de história, com ruído, ambiente, musicais)
- Literatura, Filosofia, Mitologia, Astrologia, Curso de Direito, material para Vestibular (só há transposição do impresso para o áudio, com marcas do texto impresso, como: “E disse o fulado: _XXXXX”)
- Leitura com voz formal e só fundo de música clássica – obras religiosas e livros de auto-ajuda
- Best sellers (leitura forçada ou interpretada, com alguns ruídos, mas interpretações e entonações disformes)
- Leitura de livros feita por atores conhecidos. Ex.: Ana Maria Braga, José Wilker (E quando Nietzsche Chorou), Paulo Autran e Tom Jobim (O pequeno príncipe)
- Audiolivros com imagens complementares no Youtube.

18. Marque em ordem de prioridade o que mais dificulta a atenção da escuta do conteúdo da história. Marque de 1 a 5, sendo 1 o que mais prejudica.

- () sotaque
- () má entonação
- () timbre da voz desproporcional
- () falta de melodia e pausas, rapidez excessiva ou fala lenta
- () voz mecanizada

21. Você acredita no **audiolivro** como uma nova forma de leitura?

22. Você conhece uma forma alternativa de incentivo à leitura que utilize materiais audiovisuais, sonoros e elementos lúdicos e entretenimento diferente do audiolivro e livrorclipe? Se sim, relate.

ANEXO 2 - RELATÓRIOS

Relatórios referentes aos meses da pesquisa.

- MESES 1 E 2 – Relatório n. 1 –

Resumo do plano de pesquisa

Neste plano inicial dos primeiros dois meses, optou-se por realizar uma intensa pesquisa exploratória dos principais autores do acervo da Biblioteca Nacional e de conteúdos externos que abordam a história da materialidade do livro, desde o período de Gutenberg até os atuais leitores digitais. Para divulgar a coleta de dados e a pesquisa, seja via textos analíticos sobre o acervo, seja por meio do acompanhamento de congressos e eventos da área, optou-se por montar um blog informativo de temas novos relacionados à pesquisa, para um maior contato com o público interessado no assunto. Assuntos afins a essa história material do livro, tocante às mudanças na cultura letrada, como a influência dos livros eletrônicos nas bibliotecas e digitalização dos acervos, serão contemplados, visando apontar perspectivas e desafios dessa digitalização.

Como atividades de pesquisa programadas para os dois primeiros meses, com início em julho desse ano de 2010, foram realizados: 1) Pesquisa exploratória e de levantamento de dados no acervo da Biblioteca Nacional sobre a história material do livro e suas relações com o corpo; pesquisa em livros de comunicação, tecnologia, teoria da comunicação e materialidade, além de consultas a fontes externas, livros internacionais de autores consagrados na área da tecnologia e história do livro, assim

como de sites e bibliotecas digitais de todo o mundo, com o intuito de realizar uma ampla revisão de literatura sobre o objeto de estudo; 2) Leitura e análise dos livros; 3) acompanhamento do grupo de pesquisas certificado pelo CNPq, “Livros e cultura letrada”, sob coordenação do professor Márcio Gonçalves, da UERJ; 4) Acompanhamento a três importantes eventos e palestras que esse ano contemplaram os temas do futuro do livro e livro digital (FLIP Paraty, Bienal do Livro, Fórum Internacional do Livro Digital); 5) Criação do *blog* de divulgação do andamento da pesquisa e de assuntos relacionados à essa.

Nos itens 1 e 2 foram pesquisados livros no acervo da Biblioteca Nacional e analisados alguns livros do Acervo Geral, Obras Raras e de Iconografia. Entre os autores com influências da história, comunicação, tecnologia, observou-se que há maior número de bibliografia estrangeira sobre o assunto do futuro do livro e de sua historiografia e alguns autores possuem linhas de abordagem até mesmo de pensamentos contrários. Por isso foi importante a leitura prévia para a seleção dos autores que podem ser utilizados como referencial da pesquisa. Outros autores não mencionados no projeto inicial foram acrescentados como referenciais teóricos para o desenvolvimento da pesquisa, após o acompanhamento de palestras e pesquisas sobre as novas mídias que os citavam frequentemente. Entre os historiadores, considerou-se como autores essenciais para a abordagem do futuro e história do livro: Frédéric Barbier, Elisabeth Eisenstein, Roger Chartier, Jack Goody, Peter Bruke, Guglielmo Cavallo, Robert Darnton, John Thompson, Peter Batke, entre outros consultores na área de informática e do mercado editorial, como Mike Shatzkin, Jean Paul Jacob ou John Makinson (ver lista dos livros analisados no item subprodutos antecipados dos resultados de pesquisa). Já os livros sobre materialidade, optou-se por serem abordados entre as atividades nos próximos meses dessa pesquisa.

Quanto ao item três, realizou-se uma parceria e iniciou-se participação junto ao grupo de pesquisas ligado ao CNPq, de nome “Livro e Cultura Letrada” sob coordenação do prof. Márcio Gonçalves, do Programa de Pós Graduação em Comunicação, da UERJ. O objetivo da união junto ao grupo foi a busca de uma orientação mais direcionada à história do livro, além de um contato maior com pesquisadores do ramo do livro, o que facilita trâmites para outra fase posterior dessa pesquisa, que é a realização de palestras educativas com pesquisadores do ramo do livro junto ao público de escolas. O grupo

foca seus esforços na história do livro e do surgimento da escrita. Desde junho de 2010, passou-se a acompanhar as discussões dessa pesquisa, como forma de auxílio em subsídios para a pesquisa da Biblioteca Nacional, por ser comandado por um profissional da comunicação reconhecido e experiente no campo da História do Livro. Durante os três meses (junho, julho e agosto) o grupo discutiu dois livros: “História do Design Gráfico, do autor Phillip B. Meggs, pelo objetivo de buscar as origens da escrita por um viés mais material do design (desde a pré-história, passando pela Idade Média, tipografia na Europa e pelo Renascimento), e “How writing came About”, de Denise Schmandt-Besserat, com enfoque mais nas raízes do processo de construção da escrita, nos *tokens* encontrados nas escavações, que contesta a teoria das origens da escrita na pictografia. O acompanhamento do grupo até o presente momento tem se tornado fundamental inclusive para o auxílio a questionamentos teóricos relacionados à pesquisa da Biblioteca Nacional. Esse aspecto material torna-se essencial atualmente quando se estuda aparelhos e softwares de leitura digital, interação e experiência com o corpo em suportes como *Ipad*, *Iphone*, suas telas *touch*, opções de audiolivros, entre outros.

Sobre teóricos que constituem a base dos estudos da materialidade, pretende-se desenvolver mais o assunto nos próximos dois meses, com o auxílio do prof. Vinícius Pereira Andrade, da UERJ, estudioso das Materialidades da Comunicação, em colaboração já combinada.

No tocante ao item quatro, realizou-se a participação em eventos e palestras nacionais. Estes eventos foram essenciais, pois serviram de complemento aos estudos bibliográficos, para os questionamentos do que será futuro do livro. Vale lembrar que a Feira Literária do Livro de Paraty deste ano de 2010 contou com a presença de três ilustres profissionais internacionais ligados às questões contemporâneas do livro: um à frente do processo de digitalização da Biblioteca da Universidade de Harvard, Robert Darnton, outro Editor da Penguin, John Makinson, maior conhecedor dos desafios que o mercado editorial passa nesse momento, além do historiador renomado Peter Burke que abordou os aspectos do livro 1.0 até a o processo de sua digitalização.

O acompanhamento também de um evento prévio à 21ª Bienal do livro de São Paulo, no dias 10 e 11/08, no Fórum Internacional do Livro Digital, além da visita ao Espaço Digital da Bienal, reservado para testes dos usuários com os diversos leitores digitais, foram essenciais para a atualização sobre as tecnologias disponíveis no Brasil

em contraponto com a contextualização e discussão mundial do futuro do livro. A palestra de Jean Yves Mollier sobre a história do livro, em uma análise do mercado editorial e da qualidade dos textos publicados na plataforma digital, também serviu como complemento das atividades. Neste último evento, ocorrido na UERJ, foi realizado um contato com o professor Aníbal Bragança, da UFF, estudioso da história do mercado editorial, para o acompanhamento de seu grupo de pesquisa.

E por último, a criação do blog encontra-se melhor descrita no item abaixo (resultados parciais da pesquisa).

Subprodutos antecipados dos resultados da pesquisa

Como foi realizado um mapeamento relativamente extenso da bibliografia sobre a história da materialidade do livro e as transformações e potencialidades do livro digital, optou-se por não enviar trabalhos ainda aos congressos, deixando para a próxima fase, com resultados mais precisos. Foi realizado, até este momento, um fichamento-analítico dos seguintes livros das diversas áreas:

- HISTÓRIA

_____. *A Europa de Gutenberg: algumas consequências da invenção do livro impresso*. In: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, ILIhed, 2009

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. (1ª reimpressão da edição de 1998).

EISENSTEIN, Elisabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Moderna*. Trad. Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1998.

GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1987.

HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2ª Ed. Trad. Maria Carmelita Pádua. Revisão: Paulo Vaz. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti et al. São Paulo: Ática, 1999.

JOHNS, Adrian. *The nature of the book: print and knowledge in the making*. London: University of Chicago Press, 1998.

- COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA:

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

DE FLEUR; Ball- Hokeadi. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

COUTINHO, Granja Eduardo; GONÇALVES, Márcio (orgs.). *Letra impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- LITERATURA E CRITICAS:

TURRER, Daisy. *O livro e a ausência do livro em Tutaméia, de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

BLANCHOT, Maurício. *O livro por vir*. Trad. Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BABBO, Maria Augusta. *A escrita do livro*. Lisboa: Vega Passagens, 1993.

- DEMAIS FONTES EXTERNAS:

CONWAY, Paul. *Preservação no universo digital*. Rio de Janeiro: Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 1997.

DARNTON, Robert. *The case for Books: Past, Present and Future*. New York: Public Affairs(Perseus Book Group), 2009.

THOMPSON, John B. *The books in the digital age: The transformation of academic and higher Education Publishing in Britain and the United States*. Cambridge: Polity, 2005.

BATKE, Peter. *Google Books: Google book search and its critics*. By Peter Batke, 2010.

O material recolhido nas análises encontra-se em fase de preparação de artigos para publicações em revistas e para os congressos futuros, como ABCiber, entre outros da área de Literatura, História, Comunicação/Tecnologia e Educação. O envio para exposição dos temas está previsto para início do próximo mês.

Assim, como forma de um subproduto antecipado do resultado da pesquisa, optou-se pela criação de um *blog* relacionado ao tema da pesquisa. Após a idealização, conceito do blog, realizou-se a pesquisa dos temas que seriam contemplados no veículo. O blog, de nome “Estante e-Livros” foi criado pela própria pesquisadora, e pode ser acessado pelo endereço eletrônico <http://www.livrotradicionaldigitalbn.blogspot.com/>. A pesquisadora publicou *posts* sobre assuntos e questões polêmicas relacionados à pesquisa e aos eventos correntes do período, realizou uma enquete sobre a leitura dos livros digitais (ainda aberta ao público), além da divulgação e informação das mais novas tecnologias relacionadas ao futuro do livro.

Ainda como resultados prévios da pesquisa, foi adiantado o contato com o Estado do Rio de Janeiro sobre convênio para futuro evento sobre livros. Pretende-se focar, nos próximos meses, em um contato mais aprofundado com o Estado e Prefeitura, além de escolas particulares, já que são o público que possui até então maior acesso aos aparelhos de leitura digital (ver dúvidas no item comentários e dificuldades da pesquisa).

Paralelamente, foi realizado um contato com o Laboratório de Comunicação Integrada da UERJ, pedindo apoio para palestras previstas nesse projeto. Pretende-se, nos próximos meses, tornar esse contato mais sólido com as universidades federais (UERJ, UFRJ e UFF). A idéia da realização de palestras de incentivo à leitura e informação sobre o futuro dos livros foi bem aceita pela UERJ. O grupo de pesquisas “Livros e cultura letrada” propôs que a realização da palestra fosse junto a um programa mensal de palestras já existente, em parceria com a UFF, mais especificamente com o grupo de estudos do prof. Aníbal Bragança.

- MESES 3 E 4 – Relatório n. 2

Resumo do plano de pesquisa

Como forma de estudo da história da materialidade do livro e da relação dos suportes midiáticos com o corpo nos processos de leitura, neste plano inicial dos meses 3 e 4 de pesquisa, deu-se continuidade à pesquisa exploratória dos principais autores do acervo da Biblioteca Nacional e de conteúdos externos. Como nos dois primeiros meses optou-se pelo destaque a autores que abordam a materialidade sob o aspecto da história do alfabeto, da escrita e da leitura, nesses dois meses seguintes resolveu-se destacar os

autores da área da comunicação, como a Escola de Toronto, que abordam a questão da técnica como influenciadora da cultura e dos processos de comunicação, além de um posicionamento crítico em relação às suas teorias. A pesquisa desses meses foi realizada ainda via textos analíticos sobre o acervo, como também por meio do acompanhamento de congressos, palestras de autores consagrados, discussões junto a universidades do Rio de Janeiro, além de enquetes e pesquisas aplicadas e participação com artigos em congressos.

Atividades de pesquisa executadas e resultados obtidos

Como atividades de pesquisa programadas para os meses três e quatro, relativas a setembro e outubro de 2010, foram realizadas: 1) continuidade da pesquisa de levantamento de informações sobre a história material do livro e suas relações com o corpo (dessa vez destacou-se a pesquisa a livros de autores que abordam a materialidade num ponto de vista da tecnologia e da comunicação e da influência dessa técnica na cultura). Foram contemplados os autores da Escola de Toronto como: Havelock, Innis, McLuhan, assim como outros contemporâneos alemães como Friedrich Kittler e Hans Ulrich Gumbrecht; 2) realização de leitura e análise desses livros em continuidade ao acompanhamento do grupo de pesquisas certificado pelo CNPq, “Livros e cultura letrada”, sob coordenação do professor Márcio Gonçalves, da UERJ; 3) participação em eventos e palestras sobre a digitalização do livro e história do livro, bem como a participação e publicação de artigos em congressos da área de comunicação sobre o tema da pesquisa; 4) enquete sobre o hábito da leitura por dispositivos digitais realizada pelo blog de divulgação da pesquisa, através da lista de contatos acadêmicos da pesquisadora, 5) contato estabelecido com o prof. Vitor Iório, coordenador do projeto “Quarta às 4”, da Biblioteca Nacional, para parceria e divulgação da pesquisa junto a escolas estaduais e para aplicação de questionários no programa; 6) Participação da seleção de doutorado das instituições públicas UFF e UFRJ, na área de comunicação, com o projeto da Biblioteca, de forma a desenvolver o tema da presente pesquisa com mais profundidade e acompanhamento acadêmico.

Nos itens 1 e 2, foram pesquisados livros no acervo geral da Biblioteca Nacional. A continuidade do acompanhamento junto ao grupo de pesquisa “Livro e

Cultura Letrada” tem se tornado fundamental inclusive para o auxílio a questionamentos teóricos relacionados à pesquisa da Biblioteca Nacional.

No tocante aos itens três, quatro e cinco, realizou-se a participação em eventos e palestras. A participação da pesquisadora como coordenadora de mesa no Intercom 2010, no Grupo de Trabalhos Cibercultura, com a temática “Hipermissão e Mediação Cultural” foi útil para a divulgação da pesquisa junto à Biblioteca Nacional, no início de setembro 2010. A participação no Grupo de Trabalhos de Produção Editorial também revelou discussões importantes relacionadas ao futuro do livro, mercado editorial e livro digital. Outros eventos de destaque foram as palestras do historiador Roger Chartier, realizadas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, do Rio de Janeiro (IFICS) durante uma semana, nas quais ele debateu a questão da história do livro em diferentes períodos, além de abordar papéis específicos para a documentação histórica e a relação com os dados ficcionais, em palestra intitulada “O passado no futuro”, esta última ministrada no dia 23 de setembro. Outra palestra presenciada sobre a questão do mercado editorial no século 21 foi realizada pelo editor da Taschen, Julius Wideman, através do Pólo de Cultura Digital da UFRJ, no dia 19 de outubro. O foco foi o desafio contemporâneo das editoras para a produção de livros que explorem todas as potencialidades de suportes digitais.

Esses eventos serviram de complemento aos estudos bibliográficos, para os questionamentos sobre o futuro do livro e sobre questões relacionadas à sua digitalização. Ainda como parte de eventos, houve a participação na comemoração dos 200 anos da Biblioteca Nacional e visita à exposição “Biblioteca Nacional 200 anos - uma defesa do infinito”. Durante o evento, questões relacionadas à digitalização do acervo e da preservação da memória foram destacadas como importantes para o processo de acesso à cultura, presentes nas falas do Presidente da Biblioteca Nacional Muniz Sodré, do curador da exposição Marco Lucchesi, entre demais autoridades do governo e das empresas privadas. A referida exposição possui elementos que congruem com o objetivo da presente pesquisa, uma vez que retrata a importância dos processos de leitura e da tipografia e história do livro bem como a materialidade de livros raros, de bolso, de forma e suportes distintos ao longo da história (pergaminho, papiro, rolo, códex) e revela a união entre o *homo typographicus* (a história) com o *homo digitalis* (da atualidade), sem um formato significar a exclusão do outro. A participação em

evento, além de promover um contato maior com pesquisadores do ramo do livro, facilitou trâmites para outra fase posterior dessa pesquisa, como a realização de palestras educativas com pesquisadores do ramo do livro junto ao público de escolas. Acredita-se que essa exposição realizada pela Biblioteca possa contribuir com o objetivo dessa pesquisa bem como na divulgação junto às escolas, no período em que serão proferidas as palestras sobre a materialidade do livro e desafios da digitalização, em parceria com o professor Vitor Iório do programa “Quarta às 4”. Uma possibilidade é a de realização de visitas guiadas posteriores à palestra sobre o projeto, que funcionam como um recurso didático para ilustração do conteúdo.

Subprodutos antecipados dos resultados da pesquisa

Como resultados da pesquisa realizada, utilizando parte do material recolhido e das análises dos livros da história da materialidade do acervo da Biblioteca, foi redigido um artigo para divulgação da presente pesquisa da Biblioteca Nacional em congresso da área de Tecnologia da Comunicação e Cibercultura: o ABCiber 2010 – Associação Brasileira de Cibercultura. O artigo, de tema “Materialidade do livro tradicional e volatilidade do digital: modos de leitura, memória e transição do suporte” foi aceito para o congresso e será apresentado nos próximos dia 1, 2 e 3 de novembro de 2010, na UFRJ. Especificamente o objetivo do artigo é realizar um estudo de caso sobre o filme “The Book of Eli” que relata a questão da volatilidade dos dados digitais e a durabilidade do suporte físico, além da importância da alfabetização e dos processos de leitura numa cultura. Para além da explicação do objeto, pretende-se divulgar no congresso a pesquisa da Biblioteca como um todo e gerar debates sobre a questão da digitalização dos suportes e transição dos formatos. Aproveitando a ocasião, será aplicada ao público especializado na área e população alvo do congresso ABCiber, uma enquete sobre os hábitos de leitura, assim como a realizada pelo blog da mesma pesquisa.

Sobre a enquete já realizada no blog da pesquisa “Estante E-livros” (<http://www.livrotradicionaldigitalbn.blogspot.com/>), 42 pessoas da área acadêmica votaram e os dois índices maiores de hábitos de leitura foram que as pessoas ainda preferem a leitura tradicional (18%) e 13% lêem por computador ou arquivo em pdf. Os

demais dados e resultados aprofundados serão apresentados em outro artigo, após a coleta de mais dados em enquetes com públicos diferenciados realizadas em palestras, congressos, ou outras pelo blog. Pretende-se ampliar as enquetes com perguntas em temas afins, além de abertas a interpretações.

Os primeiros contatos e convênios com a prefeitura e o Estado já estão sendo viabilizados. Sobre o contato com o Estado, a secretaria de educação informou que será firmado após o período eleitoral e o professor Vitor Iório informou a existência de um convênio já existente entre a Biblioteca Nacional e o Estado do Rio, que será acionado em parceria com o programa “Quarta às 4”.

Por fim, a participação da realizadora dessa pesquisa em exames de doutorado na UFF e UFRJ desse ano, com o projeto da Biblioteca Nacional, visou ao aprofundamento e a um maior suporte aos estudos na área acadêmica, sendo um projeto já aprovado em uma dessas instituições e o outro se encontra em processo de seleção.

- MESES 5 E 6 – Relatório n. 3

Resumo do plano de pesquisa

Dando continuidade ao estudo da história da materialidade do livro e da relação dos suportes midiáticos com o corpo nos processos de leitura, neste plano dos meses 5 e 6 de pesquisa, continuou-se a destrinchar autores internacionais relacionados ao tema da materialidade, ligados à filosofia e junto a um grupo de pesquisa, tais como Harold Innis e Hans Ulrich Gumbrecht, com destaque para o último. Iniciou-se o contato com órgãos do governo ligados à Biblioteca para a aplicação de questionários em escolas. Observou-se, após reuniões com grupos de pesquisa e com a Casa de Leitura, da Biblioteca Nacional, que o corpus de análise da pesquisa estava demasiadamente grande. Por isso, após a realizadora desse projeto participar de dois exames de doutorado, decidiu-se focar o tema do projeto na materialidade do livro e, como metodologia de pesquisa, decidiu-se analisar estratégias de aproximação da leitura em questionários, como o audiolivro e o livroclipe.

Atividades de pesquisa executadas e resultados obtidos

Como atividades de pesquisa programadas para os meses cinco e seis, relativas a novembro e dezembro de 2010, foram realizadas: 1) continuidade da pesquisa de

levantamento de informações sobre a história material do livro e suas relações com o corpo (ainda deu-se continuidade à pesquisa de livros de autores que abordam a materialidade num ponto de vista da tecnologia e da comunicação e da influência dessa técnica na cultura). Após analisar no mês anterior o autor Harold Innis que parecia em alguns momentos ser determinista tecnológico e em outros não, quando utiliza elementos da história daquele tempo para justificar a questão da técnica, o destaque desse mês foi o autor contemporâneo Hans Ulrich Gumbrecht. Foi realizado um estudo de seu mais novo livro intitulado “Produção de Presença”, no qual ele nega a função do conhecimento e destaca a arte, literatura e poesia como princípios de produção de presença, algo entre o significante (forma) e o significado (conteúdo). Para ele a forma e o conteúdo, tudo o que pode ser classificado é limitador. Assim, de uma certa forma, ele nega a questão do meio influenciar a cultura assim como as formas tradicionais de produção de conhecimento intelectualmente, já que, para o autor, o que vale são as sensações. Esse caminho de interpretação nos leva a descartar toda a filosofia, algo que o autor Alain Badiou recupera posteriormente, ao dar novamente significado à filosofia, também estudado durante esses meses. Esses autores foram importantes para notar que uma metodologia específica não poderia ser aplicada com suas teorias filosóficas. Talvez seja mais adequado para a aplicação de uma metodologia autores como o historiador McKenzie, o qual trabalha a questão da materialidade de maneira comparativa, mostrando o trabalho das letras e disposição gráfica de livros de décadas anteriores em comparação com os de décadas posteriores, que será destaque na pesquisa e redação dos capítulos nos próximos meses. Em continuidade dessa pesquisa, estão sendo redigidos os capítulos 1, 2 e 3, relacionados à história da materialidade do livro 2) Como um segundo item, o assunto da aplicação dos questionários foi iniciado via uma reunião junto à coordenação de pesquisa, com a coordenadora Eliane e Oscar, para esclarecimentos sobre os órgãos ligados à Biblioteca que poderiam auxiliar na aplicação da metodologia de pesquisa. Descobriu-se que o órgão ideal era o Proler, por meio da Casa de Leitura. Após essa reunião, foi marcado um outro encontro com a coordenadora da Casa de Leitura, Ira Maciel no qual a pesquisadora da biblioteca foi orientada pela coordenadora da casa que o projeto da Biblioteca tivesse um foco mais específico dentro das questões materiais do livro digital, de tal forma a facilitar a aplicação dos questionários. Nessa ocasião, a atual pesquisadora já havia notado que a pesquisa

apresentava um *corpus* de análise muito amplo (principalmente após debates junto aos grupos de pesquisa sobre a história da leitura e sobre a cognição, além da participação em duas bancas de doutorado). Assim, notou-se essa necessidade de delimitação do tema. No grupo sobre cognição, um debate sobre um texto na área de biblioteconomia, que abordava o tema da exclusão digital e do acesso à informação, também foi essencial para a delimitação do tema. Foi constatado que, apesar do grande número de informações disponibilizadas via acervos de bibliotecas públicas desse país, há uma utopia em relação à questão do acesso, da inclusão digital. Há falta de atrativos para a leitura desse material, apesar de dispositivos tecnológicos, segundo dados de um texto do professor da UnB, Antônio Miranda. Assim, apesar de a população ter a informação disponível, ela não sabe ou ao tem interesse em consultar esse material, que fica muitas das vezes parado. Dessa forma, para que haja a democratização da informação, ampliação do acesso do cidadão aos espaços públicos e divulgação do conhecimento, faz-se necessário que os acervos das bibliotecas não consultados tenham um incentivo, atrativo para a leitura. Por isso, para que as pessoas adquiram não só o hábito de leitura do acervo como também nos livros digitais, é necessária uma pesquisa com testes de aplicativos e atrativos de leitura. Portanto, resolveu testar dois dispositivos que têm aparecido como formas de incentivo à leitura: o audiolivro e o livroclipe (este último, uma espécie de apresentação dos livros como se fossem clipes ou trailers de um filme). A opção pelo teste dessas duas estratégias ocorre devido a uma pesquisa realizada previamente, entre os anos 2000 e 2007 sobre os hábitos de leitura do brasileiro, pelo Ibope Inteligência, em que foi constatado que o brasileiro tem por hábito nas horas vagas assistir TV e escutar música. Por isso, as duas opções se enquadram em atrativos para determinada atividade e podem auxiliar os novos públicos a adquirirem o hábito de leitura em formatos digitais. Após o contato com a coordenadora Ira Maciel, esta informou que talvez fosse interessante a aplicação do questionário em diferentes regiões do Estado do Rio com concentrações diferentes, como, por exemplo, na comunidade de Mangueiros (primeira comunidade carente a receber do governo livros digitais, leitores digitais gratuitos), além de outras regiões de condições diferentes: comunidade em Paraty, pela proximidade com a festa literária Flip que ocorre todos os anos; e uma escola estadual de algum outro bairro do Rio que não receba incentivos do governo, com o objetivo de avaliar as diferenças dos públicos, dos usos e melhor

trabalhar a questão inclusão digital. Um anteprojeto requerido pela coordenadora da Casa de Leitura está em andamento, junto com os possíveis questionários, para que posteriormente possa ser enviado ao Proler e os questionários possam ser aplicados com o auxílio deste órgão. Pretende-se entregar o anteprojeto em janeiro para a instituição e já se iniciar os trabalhos nesse campo. 3) Como item três da pesquisa, a continuidade da participação em eventos e palestras sobre a digitalização do livro, bem como a participação em congressos da área de comunicação sobre o tema da pesquisa foram essenciais para a pesquisa, no sentido de verificar os desafios observados pelos diversos ramos relacionados ao livro digital e da produção editorial em períodos de hábitos de redes sociais. A autora dessa pesquisa participou do encontro do Programa Geração 00, da Casa de Leitura, inaugurado esse ano, que reuniu autores de livros juvenis para falarem do desafios da escrita em tempos da digitalização, do que muda na maneira de escrever, em relação à influência da maneira de escrever via redes sociais. Esse programa iniciado no final do ano de 2010, pode servir de local para aplicação de outras enquetes. A autora dessa pesquisa também realizou a apresentação em um congresso da área de comunicação, em novembro, no ABCiber 2010, para abordar as questões da digitalização dos suportes e da efemeridade dos dados digitais e durabilidade do suporte material; 4) Como item quatro, os resultados de enquetes anteriores apontam que os leitores digitais brasileiros, em pesquisa realizada com pessoas do grupo pessoal da pesquisadora, totalizando 51 pessoas, que ainda 42% preferem a leitura impressa tradicional, seja por não ter contato prévio com o livro digital ou pelo fato de a leitura digital forçar a vista em formatos de *pdf* e via computador. Em seguida, 30% lêem somente por computador ou *pdf*, o que caracteriza uma leitura diferenciada das dos livros digitais, já que é somente o mesmo material impresso *escaneado*, via downloads ilegais, e transformados em material digital. Desse público, muitos da área de comunicação que possuem mestrado em tecnologia da comunicação e de classe média, apenas 14% têm por hábito realizar a leitura de livros digitais via celular, *Iphone* e demais leitores digitais. 16% não lêem livros digitais porque não possuem aparelhos e 9% se queixam de que esse tipo de leitura cansa a vista e 7% só lêem livros digitais gratuitos. Assim, pode-se constatar que, mesmo em um público letrado, acadêmico, que teoricamente estaria mais próximo das novidades tecnológicas, ainda não há um hábito criado para a leitura digital, algo que já está mais consolidado no público norte

americano, até mesmo pela maior quantidade de leitores digitais (*nook*, *Sony Reader*, *Kindom*, *Iphone*, celulares, *Ipad*, entre outros *smartphones*), No Brasil, além dos dispositivos de leitura via computador, celular e *smartphones*, ainda são poucos os leitores específicos para livros digitais (*Alpha Positivo*, *Gato Sabido*, *D-Link*, etc). A pesquisadora também acompanhou o processo de digitalização de acervos das principais editoras brasileiras, em seqüência das duas primeiras a realizarem tal feito, como a livraria Cultura e Saraiva. Agora diversas editoras se reuniram para a digitalização do acervo por meio de uma distribuidora de livros digitais (DLD), localizada no Rio de Janeiro, reunindo editoras do grupo Record, FTD, entre outras, porém com o mesmo formato do livro impresso, sem utilizar recursos mais interativos ou com links e opções de dicionário e anotações. Essas enquetes e pesquisas só mostraram que a pesquisadora deve ainda entrar em um campo de pesquisas que está em construção. Paralelo a isso, entram as questões da inclusão digital, dos fatores educacionais que influenciam a cultura digital. 5) Como item cinco, em continuidade da pesquisa sobre autores da materialidade do livro, está em fase de redação os capítulos 1 e 2 paralelamente (História, Materialidade/virtualidade do livro). O questionário deve ser entregue junto ao anteprojeto em janeiro ao Proler para a posterior reunião dos dados, organização e redação da análise.

Subprodutos antecipados dos resultados da pesquisa

Foi apresentado um artigo sobre a pesquisa no congresso ABCiber 2010 – Associação Brasileira de Cibercultura, no início de novembro. Neste congresso as discussões no que tange à materialidade, eram abordadas segundo a linha de pesquisa da semiótica e sob o referencial teórico do estudioso francês Bruno Latour, quando discute a teoria do ator-rede, o que aparenta ser uma boa teoria a ser utilizada para a pesquisa. Paralelamente, a autora dessa pesquisa obteve aprovação em dois exames de seleção de doutorado das instituições públicas UFF e UFRJ, na área de comunicação, com o projeto da Biblioteca, de forma a desenvolver o tema da presente pesquisa com mais profundidade e acompanhamento acadêmico, já focado nos dois objetos do audiolivro e livroclipe. A redação dos capítulos 1 e 2, bem como o resultado das primeiras enquetes devem sair entre janeiro e fevereiro de 2011.

- MESES 7 E 8 – Relatório n. 4**Resumo do plano de pesquisa**

Dando continuidade ao estudo da história da materialidade do livro e da relação dos suportes midiáticos com os processos de leitura, neste plano dos meses 7 e 8 de pesquisa, resolveu-se abordar os autores ligados à área da Educação, Sistemas de Informação e destrinchar pesquisas do governo ligadas à promoção à leitura, como parte de um foco mais direcionado da pesquisa, como foi detalhado no relatório anterior. Essa reunião de dados de pesquisa de órgãos do governo foi fundamental para a montagem e elaboração do questionário a ser aplicado no próximo mês a três públicos diferenciados do Estado do Rio: 1) comunidade de Manguinhos (por ser a primeira comunidade do Rio de Janeiro a ter recebido livros digitais do governo), 2) Casa Azul em Paraty (por ser um pólo de difusão da leitura e estar localizada na cidade em que ocorre anualmente a Flip - Festa Literária de Paraty) e 3) Uma escola estadual do Rio (para aplicar questionários em crianças da rede pública sem contato com o livro digital, para avaliar propostas para o hábito da prática em leitura e promover cidadãos mais conscientes). Esse questionário foi montado em consequência do foco dado no mês passado nas estratégias de aproximação da leitura, destacando o audiolivro e o livroclipe.

Atividades de pesquisa executadas e resultados obtidos

Como atividades de pesquisa programadas para os meses sete e oito, relativas a janeiro e fevereiro de 2010, foram realizadas: 1) levantamento de informações sobre hábitos do brasileiro em momentos de lazer para arquitetar estratégias que possam servir de atrativo à leitura e para o uso da Biblioteca Nacional. Para isso, foram realizadas leituras e fichamentos de relatórios dos principais programas do governo de incentivo à leitura, como o PNLL (Programa Nacional do Livro e da Leitura de 2010), Retratos da Leitura do Brasil, entre outros, para a coletânea de dados dos hábitos dos brasileiros (TV e música) e para o planejamento de ações em auxílio à promoção da leitura; 2) Término da redação dos capítulos 1, 2 (História, Materialidade/virtualidade do livro); 3) Produção de artigo para apresentação no congresso da Compós/2011 em parceria com a professora e pesquisadora sobre cognição Fátima Regis sobre modos de

atrair a atenção e a cognição, processo essencial para estratégias de promoção à leitura. Para essa produção de artigo foram consultados autores de renome internacional, como Davenport e Becker, em “Attention Economy”, Salvucci e Wickens, ao falarem da atenção e das empresas que exigem um perfil de um profissional cada vez mais multitarefa no dia-a-dia, o que cria um problema de déficit de atenção, além de autores das neurociências. O problema da falta do hábito da leitura vem do déficit de atenção e falta de concentração e interesse? 4) Quanto à parceria para a publicação dos fascículos de livretos informativos como resultado da pesquisa e de capacitação de professores, além de parceiros para a promoção do colóquio sobre as questões atuais do livro digital com escolas da rede públicas e universidades do Estado do Rio de Janeiro, optou-se para deixar para os próximos meses, como resultado da pesquisa. 5) Um artigo também em resultado parcial dessa pesquisa sobre leitura está em fase de elaboração e deve reunir as pesquisas de órgãos do governo ligados à leitura, os estudos relacionados das áreas da educação (Javier Echeverría), a visão dos pesquisadores dos sistemas de informação (Antônio Miranda) e neurociências (Jean Pierre Changeux) e economia da atenção (Davenport & Becker). Esse artigo está em fase final de redação e pretende apresentar os resultados parciais da pesquisa em livro a ser publicado, coletânea de artigos sobre comunicação e cognição, cujo objeto de análise é a obra Dom Casmurro e seus produtos culturais, como audiolivros, livroclipe, jogos sobre a trama, seriados, filme, entre outras criações de fãs na internet e site. A obra da literatura pretende funcionar como um teste para a aplicação de formas de atrativo de leitura para posteriores outras obras em estratégias a serem utilizadas pela Biblioteca Nacional. Pretende-se aplicar esses mesmos exemplos da obra de Dom Casmurro nos questionários junto a públicos diferenciados. 6) Para a organização do colóquio e publicação dos volumes de panfletos explicativos para escolas e professores optou-se por reunir o material e publicar após resultados dos questionários aplicados em públicos diferentes. Por isso, para que as pessoas adquiram não só o hábito de leitura do acervo como também nos livros digitais, é necessária uma pesquisa com testes de aplicativos e atrativos de leitura. Portanto, resolveu testar dois dispositivos que têm aparecido como formas de incentivo à leitura nos questionários: o audiolivro e o livroclip (este último, uma espécie de apresentação dos livros como se fossem clipes ou trailers de um filme).

Subprodutos antecipados dos resultados da pesquisa

Além da produção dos dois artigos como resultados parciais dos textos consultados nesses últimos meses, pretende-se recolher material pelo questionário em públicos diferenciados e regiões distintas do Rio, como subproduto quantitativo e qualitativo para a aplicação posterior de estratégias de atrativo para a leitura do acervo da Biblioteca Nacional e sugestão para atrativos para demais bibliotecas municipais e estaduais.

- MESES 9 E 10 – Relatório n. 5 – Atividades dos meses + relatório parcial de mudança da pesquisa

Além dos relatórios parciais dos meses anteriores, já entregues à Coordenadoria de Pesquisa, e de um resumo das atividades ao longo da pesquisa relatados acima, cabe destacar as atividades realizadas nesses dois últimos meses, mais especificamente, que foram fundamentais para definir o escopo teórico da pesquisa e o texto final, principalmente na definição de rumos mais adequados a serem seguidos como produto resultante desse trabalho. As principais ações dos meses 9 e 10 ocorreram em três frentes: 1) âmbito da pesquisa acadêmica, 2) continuidade de contatos para a aplicação dos questionários (reuniões com secretarias, ONGs, busca de parceiros, patrocínios para a elaboração e aplicação de uma oficina, visando um produto de textualidade mais ampla, elaborado pela própria comunidade, como forma de aproximação e do despertar do interesse para as práticas de leitura) e 3) na modificação dos produtos de resultado da pesquisa.

No quesito da pesquisa acadêmica, cursar a disciplina “Comunicação Comunitária, Educação e Leitura na Cultura Digital (ministrada pelos professores Muniz Sodré e Raquel Paiva da UFRJ) foi fundamental para considerar uma possível delimitação do foco da pesquisa, considerando a crise do sistema formal da Educação, os novos processos de leitura e aprendizagem. Nesse curso são levantadas discussões sobre transformações das formas de leitura, práticas de leitura e a necessidade de utilização de formas lúdicas para o processo de aprendizagem, entre as questões polêmicas sobre o livro digital. Foram abordados itens como a influência do digital, *e-books*. Também foi debatido que a simples digitalização dos livros não necessariamente é suficiente para atrair leitores para a consulta a acervos de bibliotecas digitais. Não há tanta transformação dos modos de ler pelo suporte. O que aumenta é a quantidade de

informação e a rapidez do acesso às informações, que agora podem ser facilmente acessadas pela rede. Mas o caminho da leitura e sua continuidade pela rede é aleatório, depende da vontade de cada pessoa. Assim, para quem não possui hábito (como foi constatado no alto índice de analfabetos funcionais no país) nada muda, se não houver uma ação mais próxima que envolva essa público e promova afeto, desperte sua curiosidade pela prática, vivência, participação dos processos. Por isso, começou a se pensar na Biblioteca não mais somente como um espaço isolado de leitura silenciosa e sim em um lugar para a experiência, onde é possível desenvolver novas linguagens que envolvem não só a disposição de livros impressos no digital, mas também a exposição de livros raros, imagens, como o exemplo já realizado pelo acervo de imagens da Biblioteca Nacional da França. Na crise da educação, as formas de aprendizado de leitura não seduzem, não despertam a atenção, pois são impostas por um modelo hierárquico e não horizontal, o que acaba por não envolver o público. Não possui o aspecto de pertencimento do mundo dos alunos.

Ainda nesse item 1, paralelamente, no grupo de pesquisas “Cultura e Letra Impressa”, sob o comando de Márcio Gonçalves, foram discutidos textos da Biblioteca Nacional da França, organizados em uma exposição do livro e, posteriormente, publicados, os quais abordam a transformação das práticas de leitura ao longo das diferentes invenções tecnológicas. Dois textos do pesquisador Darnton sobre a história do livro foram fundamentais para a abordagem do processo de cognição na forma de organização do pensamento no texto e dos processos de leitura (seja por formatos diferentes até chegar em leitores em plataformas digitais, como também em formas clássicas de organização do texto que facilitam o entendimento e alfabetização na decodificação das idéias de um autor, como por exemplo, as formas fixas de folhas encadernadas com título, índice, numeração de páginas, capítulos, organização linear e capa) e o processo de construção contínua da informação, por meio de buscas de informações extras via internet, por parte do leitor. Para a realização desse foco da história do livro pelo viés das práticas de leitura, foi realizada uma revisão nos capítulos 1 e 2 já anteriormente redigidos, conforme relatado nos meses 7 e 8 (História da materialidade do livro/ Virtualidade). Cinco autores se mostraram fundamentais nessa nova perspectiva de abordagem: Michel Melot, Roger Chartier, Makenzie, Frédéric Barbier e Robert Darnton.

O grupo de pesquisas “Comunicação, Cognição e Entretenimento”, sob coordenação da professora Fátima Regis, nesses dois últimos meses esteve focado na questão da educação e transformação da cognição. Foi abordada a questão da multitarefa e como despertar a atenção em meio a um ‘mar de informações’ jogadas diariamente na mídia, Internet. O artigo escrito pela presente pesquisadora em parceria com a coordenadora do grupo de pesquisas e enviado à Compós foi aceito e será apresentado nos dias 14 a 17 de junho de 2011.

Também terminou-se a redação do artigo em resultado parcial dessa pesquisa sobre leitura que estava em fase de elaboração no último relatório apresentado à Coordenadoria de Pesquisa. Além de reunir os dados das pesquisas de órgãos do governo ligados à leitura realizados nos meses passados, também contemplou estudos relacionados das áreas da educação, como Hannah Arendt (*A crise na Educação*), Paulo Freire (*Educação como prática para a liberdade*), Illich (*Sociedade Sem escolas*) e D. Saviani (*Educação e Democracia*), tendo como foco de análise produtos da obra Dom Casmurro, como: livroclip, audiolivros, seriados, jogos sobre a trama dos personagens e criações de fãs na internet (pelo Youtube). A obra da literatura funcionou como um teste para a aplicação de formas de atrativo de leitura que será realizada no mês de maio.

No item 2, dando continuidade aos contatos para a aplicação de questionários nos três públicos diferenciados, adiantou-se o contato e parceria com a Biblioteca Parque de Manguinhos. Foi realizada uma entrevista com a Secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Vera Saboya, sobre a idealização da Biblioteca de Manguinhos. A pesquisadora desse projeto também esteve presente na Biblioteca Parque e conversou com os funcionários de cada setor (Multimídia – DVD, games, música disponíveis para empréstimo; Sala de Leitura – de acervo de livros atuais, especializados de diversas áreas profissionais; Sala de Braile – com material também em áudio para as pessoas que não sabem ler em braile; Salão de livros para empréstimo – que incluem livros de coleção de cinema e arte a revistas em quadrinhos, livros infantis e *best sellers*; e oficinas que ocorrem com o público - como a de percussão, hip hop, grafite, dança de salão, narrativas digitais, que visam promover o atrativo do acesso ao acervo local). Quanto ao segundo público da aplicação dos questionários, foi realizado o contato com duas pessoas (Gabriela Dutra Gibrail e Ana Beatriz Hernnampérerez), da Casa Azul, em Paraty, para possível aplicação dos questionários

em público de olhar especializado, ainda nesse mês. E também realizado o contato com a Secretaria do Estado /RJ para a liberação da aplicação e teste com uma turma de primeiro grau sem contato prévio com incentivos do governo à leitura, visando estabelecer diferenças de olhares e o cruzamento desses dados de públicos diferenciados.

A partir de uma reunião com o funcionário Luís, mediador da Biblioteca Parque de Manguinhos, surgiu a ideia da presente pesquisadora realizar uma oficina no espaço que envolvesse narrativas digitais e promovesse o envolvimento da comunidade nas estratégias de atrativo para a leitura, como a produção de livroclipes feitos pela própria comunidade e de audiolivros. Resolveu-se buscar parceiros para a implantação da oficina, além do já existente grupo Narrativas Digitais e Música e Letra, do Laboratório “PalavraLab” da Biblioteca Parque de Manguinhos, voltado especificamente para o desenvolvimento de linguagens nas diversas formas de produção textual. Assim, foi feito contato para a parceria de uma ONG, o site www.livroclip.com, e marcada uma reunião com o diretor do Canal do Livro de São Paulo, Luiz Chinan, o qual demonstrou muito interesse em firmar parceria com esse projeto, através da concessão de material, edição e divulgação em site dos trabalhos de livroclipes produzidos pela comunidade de Manguinhos na oficina da biblioteca parque, que será comandada pela autora dessa pesquisa. Foi escrito um projeto paralelo e entregue à Biblioteca Parque para a implantação da oficina. Assim, essa opção mostrou ser mais viável que a parceria para a publicação dos fascículos de livretos informativos como resultado da pesquisa.